



Universidade da Beira Interior  
Faculdade de Artes e Letras

# **Protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto e *Se o Passado não Tivesse Asas* de Pepetela: um repúdio às guerras civis**

**Edgar Faria Mutunda**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em

**Estudos Lusófonos**

(2º Ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Cristina Maria da Costa Vieira

**Covilhã, UBI, 2018**

## Dedicatória

À minha alargada família.

## Agradecimentos

Sendo esta dissertação produto de um esforço não apenas do autor, mas de um conjunto de pessoas que o tornaram possível, endereço a estas os meus agradecimentos. Primeiramente à minha orientadora, Professora Doutora Cristina da Costa Vieira, pelo esforço empreendido, consubstanciado na sua atenção, disponibilidade, diretrizes oferecidas, referências bibliográficas disponibilizadas e no encorajamento.

Nossos agradecimentos são extensivos ao restante corpo docente do mestrado em Estudos Lusófonos do Departamento de Letras que partilhou o seu saber e experiência. Assumimos que regressaremos outros, graças a essa experiência.

Endereçamos também uma palavra de apreço aos colegas do mestrado em Estudos Lusófonos e de outros cursos, aos angolanos e aos de outras nacionalidades, pelo companheirismo, incentivo e partilha de experiências.

Agradecimento especial à minha família, esposa, filho, irmãos e aos amigos que mesmo distantes souberam ser companheiros presentes e fonte de encorajamento nos momentos difíceis, inevitáveis numa vida como a experimentada cá.

Endereço à Doribele uma palavra de reconhecimento por ter contribuído nesta dissertação com os seus conhecimentos de inglês.

Aos autores das duas obras analisadas, Mia Couto e Pepetela, fazemos vénia ao árduo contributo que têm vindo a proporcionar com as suas obras no alargamento os nossos horizontes histórico-social e cultural de um continente cujo conhecimento mantém ainda lugares por iluminar.

Ao Supremo Ser sobre o qual se estribam todos os viventes seremos eternamente gratos.

## Resumo

A dissertação intitulada “Protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto e *Se o Passado não Tivesse Asas* de Pepetela: um repúdio às guerras civis” é um estudo comparativo dos seus protagonistas, Muidinga e Himba, respetivamente, enquanto personagens referenciais remissivas para as crianças vítimas dos conflitos civis moçambicano e angolano aludidos por estes romances. A noção de repúdio resulta, por um lado, da análise das circunstâncias adversas em que ambas as personagens se movem, inadequadas ao crescimento feliz de qualquer criança, sendo a guerra apresentada como fator principal, por outro lado, para o facto de a ficção africana lusófona pós-nacionalista se inscrever como fenómeno ao serviço da construção nacional.

Os objetivos consistem na compreensão do protagonismo da criança nos romances cotejados como um grito de repúdio à guerra civil, um dos males que mais afeta a África pós-colonial. A metodologia assumida é o comparativismo, por ser a adequada a este tipo de estudo, pois em literatura esta metodologia não consiste apenas no cotejo de dois ou mais objetos, mas também em articular os aspetos imanentes aos contextos para os quais os textos remetem.

Assim, este estudo dissertativo parte de uma contextualização histórica das duas guerras e da situação da criança, seguido de uma abordagem justificativa do carácter comprometido da ficção angolana e moçambicana pós-colonial. A análise obedece aos princípios teóricos sobre a construção da personagem romanesca, nomeadamente os processos narratológicos, axiológicos e semiótico-contextuais. E a comparação dos protagonistas tanto a nível das semelhanças quanto das diferenças é baseada num conjunto de elementos associados aos processos aludidos que as constroem como vítimas, nomeadamente as ações, a caracterização, os espaços físicos e psicológicos e efeitos dessas circunstâncias sobre as suas estruturas ideológicas.

**Palavras-chave:** Mia Couto, Pepetela, comparativismo, guerra civil, personagem protagonista, criança.

## Abstract

The dissertation titled “Protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto e *Se o Passado não Tivesse Asas* de Pepetela: um repúdio às guerras civis” is a comparative study of its protagonists, Muidinga and Himba. These characters refer to children victims of the Mozambican and Angolan civil conflicts to by these novels. The concept of repudiation comes out from the analysis of the adverse circumstances in which both characters grow up, improper to the happy and healthy growth of any child. The war is being presented as the main factor and the fact that African fiction Portuguese-speaking countries to register as a phenomenon in the service of national construction.

The objectives consist in understanding the protagonist of the child in the romances compared as a repudiation of the civil war, one of the evils that affects post-colonial Africa the most. The methodology adopted is Comparative study, because it is the most adequate to this type of study, because in literature this methodology doesn't consist only in the comparison of two or more objects but also in articulating the inherent aspects to the contexts to which the text refers.

Thus, this study starts from a historical contextualization of the two wars and the situation of the child, followed by an approach justifying the compromised character of the post-colonial Angolan and Mozambican fiction. The analysis follows the theoretical principles on the construction of the novel character, namely the narratology, axiological and semiotic-contextual processes. Also, the comparison of the protagonists in both the similarities and the differences is based on a set of elements associated with the processes that construct them as victims, namely the actions, characterization, physical and psychological spaces and effects of these circumstances on their ideological structures.

**Keywords:** Mia Couto, Pepetela, comparatives study, civil war, character, protagonist, child.

# ÍNDICE

Dedicatória .....	i
Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract .....	iv
ÍNDICE .....	v
INTRODUÇÃO .....	1
1. Justificação da escolha do tema .....	1
2. Objetivos .....	5
CAPÍTULO I - MOÇAMBIQUE E ANGOLA: APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS .....	8
1.1. A guerra civil em Moçambique e em Angola .....	8
1.1.1. Contextualização .....	8
1.1.2. A situação da criança .....	14
1.2. Herança da literatura anticolonial na ficção .....	18
1.3. Representação da nação na ficção pós-colonial moçambicana e angolana .....	24
CAPÍTULO II - A PERSONAGEM EM TEXTO NARRATIVO .....	29
2.1. Considerações preliminares .....	29
2.2. Relevo do protagonista .....	33
2.3. Tipos de protagonistas .....	35
CAPÍTULO III - O PROTAGONISMO DA CRIANÇA COMO REPÚDIO À GUERRA CIVIL .....	43
3.1. Semelhanças do protagonismo da criança em <i>Terra Sonâmbula</i> e em <i>Se o Passado não Tivesse Asas</i> .....	43
3.2. Diferenças do protagonismo da criança em <i>Terra Sonâmbula</i> e em <i>Se o Passado não Tivesse Asas</i> .....	68
CONCLUSÃO .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85
1. Bibliografia ativa .....	85
2. Sobre Mia Couto .....	85
3. Sobre Pepetela .....	85
4. Sobre guerra civil angolana e moçambicana .....	85
4. Sobre direitos da criança .....	86
5. Sobre narratologia .....	87
6. Sobre literatura moçambicana e angolana .....	88
7. Outras referências .....	89

# INTRODUÇÃO

## 1. Justificação da escolha do tema

A representação do quotidiano das sociedades africanas nos seus variados aspetos é um dos traços das narrativas africanas em língua portuguesa. Carregadas de realismo, os textos têm sido portadores de informações que suplementam, em certa medida, o conhecimento veiculado pelas ciências sociais e humanas sobre a “nova África”, apresentando-se muitas vezes como um lugar de debate onde se cruzam questões de vária ordem, despertando raciocínios que desafiam o conhecimento propagado nos meios científicos, firmando-se como uma literatura comprometida com os fenómenos históricos e socioculturais. Conforme assevera Inocência Mata:

talvez devido à sua natureza recente e por vezes ambíguas das instituições do saber nas sociedades africanas, a literatura acaba por ser subsidiária de saberes que as Ciências Sociais e Humanas proporcionam (...). Neste contexto, acabam os referenciais literários, a princípio apenas ficcionais, por enunciar problemáticas (políticas, ético-morais, socioculturais, ideológicas e económicas) que seriam mais adequadas ao discurso científico *strictu sensu*<sup>1</sup>.

Partindo deste pressuposto, a presente dissertação, centrada nas obras *Terra Sonâmbula* (1992), de Mia Couto, e *Se o Passado não Tivesse Asas* (2016), de Pepetela impele-nos a imergir no contexto da realidade da África lusófona pós-colonial, mais precisamente nos eventos das guerras civis que as nações continentais, neste caso Angola e Moçambique, viveram após a conquista da tão almejada liberdade do jugo colonial. Não obstante o ligeiro distanciamento temporal e espacial entre a publicação das obras suprarreferidas, 1992 para a primeira e 2016 para a segunda, dois elementos as aproximam: o retrato ficcional desses conflitos bélicos e algo que muitas vezes escapa nas abordagens ensaísticas das literaturas africanas, o foco na criança, constituindo este último o estímulo para esta dissertação. Ainda que centradas na guerra civil, aqueles dois romances exploram outros elementos, como é o caso da tradição oral ou da discriminação em *Terra Sonâmbula* e o oportunismo e as desigualdades sociais acentuadas no período pós-guerra em *Se o Passado não Tivesse Asas*. No entanto, o nosso trabalho dissertativo centra-se no protagonismo da criança em contexto de guerra civil, o que significa manter-se focalizado nas ações principais de ambas as obras, após uma devida contextualização das guerras civis angolana e moçambicana. A análise dos diversos elementos que caracterizam o objeto da pesquisa não será definido a partir de um único critério, tendo em conta o caráter já referido das narrativas africanas.

*Terra Sonâmbula* articula duas ações: a central, em torno de Muidinga, o protagonista, que, fugindo da guerra, deambula sem norte pela estrada destruída na companhia do velho Tuahir, instalando-se os dois num autocarro, queimado onde vivem por muitos dias carentes de

---

<sup>1</sup> Inocência Mata, *A Literatura Africana e crítica pós-colonial - Reconversões*, Luanda, Nzila, 2007, p. 27-28.

bens de primeira necessidade; e outra, encaixada, em torno de Kindzu, também afetado pela guerra vivida em Moçambique<sup>2</sup>. *Se o Passado não Tivesse Asas*, narrativa que articula duas ações por alternância, onde apenas a central reflete o longo período de guerra civil entre dois dos três movimentos que haviam pugnado pela independência de Angola, é centrada em Himba, uma adolescente da Província do Huambo, filha de um professor e de uma enfermeira, que perde os parentes numa emboscada, enquanto fugiam da guerra, e procura refúgio em Luanda, o porto seguro utópico das pessoas afetadas pelo conflito, e aí experimenta uma dura realidade. Esta ação alterna-se com outra em torno de Sofia, técnica em contabilidade e trabalhadora de um restaurante frequentado por filhos dos grandes senhores do período pós-guerra. No final da narrativa, as ações ligam-se, e é revelado que Sofia é Himba, já adulta, que, voltando as costas ao seu passado sofrido, mergulha no mundo do oportunismo, face da sociedade angolana pós-guerra.<sup>3</sup>

Uma dissertação de mestrado orientada para o tema da criança resulta do facto de ambas as narrativas escolhidas se centrarem nessa faixa etária e traduzirem uma vivência histórica cuja finalidade transcende a perspetiva da estética e o mero retrato histórico, funcionando como uma visão crítica desta realidade levada ao âmbito da ficção. Por conseguinte, há repúdio aos discursos que, implícita ou explicitamente, estimulam ideias bélicas, seja por anseio de poder, manutenção ou correção de um sistema de poder, que acaba em autodestruição a todos os níveis, transformando-se num óbice em todas as esferas do desenvolvimento. Sustentamos esta ideia apoiando-nos em José Carlos Venâncio, para quem a “ficção pós-colonial é geralmente construída sob um fundo histórico verdadeiro”<sup>4</sup>.

Chamou-nos ainda a atenção, por um lado, o facto de nestas narrativas não haver elogios a quaisquer atos heroicos de uma ou de outra fações envolvidas e de as figuras centrais não serem as empreendedoras do fenómeno sobre o qual as narrativas se centram, mas as vítimas, refletindo a voz martirizada daqueles que não têm voz nos discursos históricos, aqueles que sofrem as consequências da luta, sem recurso a uma defesa proporcional, condenadas ou a perderem as vidas ou a defendê-las apenas por meio da fuga, levando-as posteriormente a uma indigência que os torna em “anónimos” sociais e históricos. São as chamadas narrativas apócrifas que, como aponta Cristina da Costa Vieira, representam, através de uma focalização heterodoxa, os grupos marginalizados como as minorias raciais, as mulheres ou os pobres, setores esquecidos pela História oficial, sem intenção, no entanto, de contradizer os factos<sup>5</sup>. Algo que a Nova História já havia começado a tratar no âmbito da própria historiografia na França dos 70 estudando, por exemplo, aspetos antes negligenciados pelos historiadores como a vida do povo.

---

<sup>2</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Caminho, 15ª ed, 2017.

<sup>3</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, Lisboa, Dom Quixote, 2016.

<sup>4</sup> José Carlos Venâncio, *Literatura e poder na África Lusófona*, Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1992, p. 13.

<sup>5</sup> Cristina da Costa Vieira, *O universo feminino n'A esmeralda partida de Fernando Campos*, Algés, Difel, 2002, p. 51.



Conscientes do carácter parcelar e parcial de muita da historiografia praticada até então, Jacques de Goff e Pierre Nora privilegiam nas suas pesquisas aquilo que até então fora deixado na sombra pela historiografia francesa: as mentalidades e as formas de organização antropológica do povo. A Nova História – assim se denominou essa nova teoria e método historiográfico – focou-se então na forma de pensar, comer, dormir, divertir, rezar, etc., dos homens e das mulheres medievais. Daqui resultaram *Para um Novo Conceito de Idade Média* (1977) ou *O Imaginário Medieval*, (1985), de Jacques de Goff.<sup>6</sup>

Estas duas narrativas moldadas sob uma perspetiva engajadora convidam-nos o olhar para nós enquanto nação, para as nossas ações e para as consequências dos constantes conflitos e ameaças de conflitos.

A opção pela articulação das duas obras está assente, por um lado, no facto de ambas afastarem os seus focos dos variados elementos que na prática tornejam os conflitos, tais como as motivações, os triunfos e os fracassos nos combates, a devastação de vários lugares, negociações de paz, entre outros aspetos, e comungarem o lugar da criança, que entendemos ser a representação da frustração do futuro que no ideário pró-independência se queria próspero. A outra causa que nos levou a querer cotejar as duas obras é o facto de as mesmas pertencerem a espaços comuns a nível dos estudos literários. Por um lado, o espaço romanesco, que propicia uma reflexão integrada nos pressupostos deste género, focando-nos, numa das suas categorias, tal como o título sugere, o da personagem. Por outro lado, o espaço das literaturas africanas lusófonas, que se vem projetando no período pós-colonial a nível mundial, em virtude de os territórios implicados serem portadores de alguns traços histórico-culturais comuns. Nesta perspetiva, a pesquisa é orientada a partir da seguinte questão: como é trabalhado o protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* e em *Se o Passado não Tivesse Asas* enquanto repúdio à guerra civil, drama muito frequente em África?

Escolhemos este tema pela sua relevância. A descolonização do continente africano, especificamente nos territórios continentais dominados por Portugal, foi seguida, em alguns casos, como Angola e Moçambique, por um período sangrento de guerra civil, os retratados nas obras em apreço, cujas motivações se prendem com desacordos entre as forças no comando dos movimentos conducentes à descolonização forçada, pela via armada, num contexto de Guerra Fria e que viriam a representar o povo. Tais conflitos produziram efeitos permanentes, seja no território de Angola e de Moçambique, seja na memória coletiva dos angolanos e dos moçambicanos. Esta realidade caracteriza grande parte das nações emergentes do processo de descolonização, estando hoje a viver um processo de (re)construção sob um clima de estabilidade político-social que não constitui uma convicção, mas ainda um desejo.

Assim sendo, a literatura não pode deixar de cumprir uma função intervencionista quando as instabilidades constantes constituem uma ameaça à integridade e um óbice ao desenvolvimento socioeconómico das nações; quando a tranquilidade é frequentemente trivializada por fatores de vária ordem, em que o étnico é dos mais proeminentes, porquanto

---

<sup>6</sup> Cristina da Costa Vieira, “A dama e o tabuleiro de xadrez político n’A *Esmeralda Partida*, de Fernando Campos”, in Maria José Lopes, Ana Paula Pinto, António Melo *et alii* (org.), *Narrativas do Poder Feminino*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia/Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 517.

se sobrepõe através da suspeita do outro ao ideal de nação, pelos estereótipos geradores de desconfiança criados sobre as singularidades identitárias do outro; quando a corrida para o poder torna os países num lugar vulnerável ao desencadeamento de conflitos. Se outrora o papel da literatura no combate ao domínio europeu sobre os africanos, despertando estes para a situação opressiva em que se encontravam, foi concretizado, hoje, a literatura continua a ser um estímulo para a reflexão crítica da condição atual de Angola e de Moçambique, isto para nos cingirmos aos espaços em estudo nesta dissertação. Embora as ações selecionadas das narrativas em apreço estejam voltadas para uma realidade, em certa medida, transata, pois Angola e Moçambique já não vivem guerras civis, os romances *Terra Sonâmbula* e *Se o Passado não Tivesse Asas* cumprem uma função de compromisso e de alerta para questões sociais prementes. O recurso aos fenómenos históricos para que rementem os textos não funciona como reescrita do discurso científico, antes o abala, na medida em que o literário recria os factos, trazendo a alma dos flagelados esquecidos nos discursos historiográficos.

Considerando a pertinência deste carácter prático dos textos, entendemos que as reflexões ensaísticas têm relevância no âmbito das humanidades. Portanto, esta temática afigura-se como uma análise de uma das muitas realidades que essas obras podem suscitar, isto é, o lugar da criança nos conflitos civis motivados por questões económicas e pela ganância política, provocando profundos prejuízos, comprometendo o futuro e a continuidade harmoniosa de uma sociedade. A sua pertinência consiste no facto de constituir uma reflexão em torno das lições que a arte romanesca africana tem vindo a proporcionar para a construção da cidadania e de um ideal de convivência afastada de conflitos nas nações africanas.

O foco na criança é outro elemento que confere pertinência à pesquisa. Os seus direitos como ser humano só foram reconhecidos muito tardiamente a nível mundial, a saber, em 1959, pela ONU, através da *Convenção dos Direitos da Criança* e reforçada pela *Convenção sobre os Direitos da Criança* (CDC) em 1989, que obrigou os governos a ratificarem o documento, uma vez que o primeiro não possuía qualquer valor jurídico<sup>7</sup>. Embora quase todos os países membros da ONU tenham assinado, os EUA não o fizeram<sup>8</sup>. Esta faixa etária continua sujeita a muita vulnerabilidade, a nível de cuidados físicos e mentais, julgando-se muitas vezes que não há dever por parte das autoridades ou da sociedade em geral em intervir em casos de maus tratos. Em Angola, por exemplo, assiste-se ainda a casos de crianças acusadas de bruxaria e, na sequência, tratadas como bode expiatório de um mal que sucedeu numa família, levando por vezes à morte da criança acusada.<sup>9</sup> O uso de crianças-soldados nas guerras civis em Angola<sup>10</sup> e

---

<sup>7</sup> Catarina Tomás, *Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*, Porto, Afrontamento, 2011, p. 67.

<sup>8</sup> *Nações Unidas no Brasil*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-com-adesao-do-sudao-do-sul- apenas-eua-nao-ratificaram-convencao-sobre-os-direitos-das-criancas/> (data de acesso: 04/12/2017).

<sup>9</sup> AFP, *Angolanos culpam as crianças 'feiticeiras' pelas tragédias*. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_mCx2MV5XdU](https://www.youtube.com/watch?v=_mCx2MV5XdU) (data de acesso: 06/062018).

<sup>10</sup> *Relatório Social de Angola 2012*, Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, p. 140. Disponível em <http://www.ceic-ucan.org/wp-content/uploads/2014/04/RELATÓRIO-SOCIAL-DE-ANGOLA-2012.pdf> (acesso: 11/02/2018).

em Moçambique<sup>11</sup> foi um facto histórico. As mortes por doença afetam consideravelmente esta faixa etária: um exemplo bastante recente foram as mortes registadas em Cafunfo, na província angolana da Lunda Norte, em que várias crianças que acediam aos hospitais acabavam em óbitos.<sup>12</sup> A consideração de que a criança representa a continuação de uma sociedade constitui um elemento crucial para a nação, já que se crescer em ambiente saudável, em que a proteção, a educação e, o afeto sejam elementos salvaguardados, estas condições dissuadem futuras guerras.

## 2. Objetivos

A temática está relacionada com as diversas questões que têm vindo a ser debatidas ao nível das literaturas africanas, sobretudo no que toca ao seu carácter de literatura comprometida com os fenómenos relacionados com a vivência que estas exploram, neste caso específico, os problemas sociopolíticos. O tema do protagonismo da criança é de uma pertinência profunda para as sociedades africanas, e estes textos convidam à reflexão, se tivermos em conta que é esse o grupo da sociedade mais afetado pelas guerras e consequentes problemas de subdesenvolvimento que caracterizam as sociedades africanas. Assim, objetivámos compreender em que medida o protagonismo da criança nas obras *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e em *Se o Passado não Tivesse Asas*, de Pepetela, pode ser entendido como um grito de repúdio à guerra civil, um dos maiores problemas da África pós-colonial.

Para sustentar o objetivo de carácter geral, estabelecemos dois objetivos específicos. Em relação ao primeiro, pretendemos discutir a problemática da guerra civil e o protagonismo da criança nas duas obras como um fenómeno da pós-colonialidade moçambicana e angolana. Quanto ao segundo, pretendemos analisar as personagens centrais das duas obras nos seus mais variados sentidos em conformidade com o contexto, levantando elementos que sugerem repúdio às guerras civis, numa perspetiva comparativista, ou seja, cotejando quer semelhanças, quer diferenças.

O cumprimento destes objetivos representou um esforço que nos conduziu a um aprofundamento não só das teorias relacionadas com o género literário dos textos que nos propusemos a analisar, o romance, mas também a categoria da personagem, e ainda um conjunto de fenómenos ligados à pós-colonialidade, confrontando duas realidades, a de Moçambique e a de Angola, que, por sinal, possuem nas mais variadas esferas muitos elementos comuns.

---

<sup>11</sup> Ilundi Cabral, “Digerir o passado: rituais de purificação e reintegração social de crianças-soldado no sul de Moçambique”, *Antropologia Portuguesa*, nº 22/23, 2005/2006, p. 141. Disponível em [https://www.uc.pt/en/cia/publica/AP\\_artigos/AP22.23.06\\_Cabral.pdf](https://www.uc.pt/en/cia/publica/AP_artigos/AP22.23.06_Cabral.pdf) (Data de acesso: 11/02/2018).

<sup>12</sup> *Jornal de Angola* 05/12/2017. Disponível em [http://jornaldeangola.sapo.ao/provincias/malaria\\_e\\_anemia\\_continuam\\_a\\_matar](http://jornaldeangola.sapo.ao/provincias/malaria_e_anemia_continuam_a_matar) (Data de acesso: 12/12/2017).

### 3. Metodologia

A temática constitui um duplo desafio, na medida em que nos situa diante de dois fenómenos ligados aos estudos literários: o primeiro está relacionado com a questão dos modos, neste caso o narrativo, sendo que nos focamos no género romanesco e na categoria da personagem que aí adquire características próprias<sup>13</sup>. O segundo remete para uma abordagem adequada à orientação pretendida, sendo que os dois autores, que apesar de focarem o mesmo fenómeno, situam-nos em espaços distintos que pretendemos relacionar, partindo da categoria em apreço.

Ao focar a personagem romanesca nesta dissertação, fazer uma análise aprofundada daquela, baseada na sua composição, passará obviamente pela compreensão dos processos definidos por Cristina Vieira no livro *A construção da personagem romanesca*, pertinente para a análise mais correta do protagonismo da criança enquanto grito de repúdio à guerra civil nas obras que trazemos à colação, e isso leva-nos a examinar as personagens infantis sob diferentes perspetivas, nomeadamente narratológicas, ideológicas e semântico-contextuais.<sup>14</sup>

Tendo em conta o exposto, a análise das personagens protagonistas de dois romances bem como os fenómenos subjacentes às mesmas levam-nos para os caminhos do comparativismo. Evocando Helena Buescu, trata-se de uma metodologia epistemológica, operando não só nos objetos analíticos selecionados, mas também sobre o próprio campo cognitivo, enquanto objeto de uma reflexão metacognitiva<sup>15</sup>. Um aspeto importante que a ensaísta realça relativamente a esta metodologia é de a mesma só conduzir a um estudo verdadeiramente comparativo se forem analisadas não apenas as semelhanças, mas também as diferenças das obras confrontadas<sup>16</sup>. E é isso que aplicámos a esta dissertação. *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e *Se o Passado não Tivesse Asas*, de Pepetela, ao serem postos em cotejo, transformam-se num único objeto analítico nos estudos comparativos, no qual o estético, o narratológico, o cultural e o sociopolítico se cruzam e se enredam. Trata-se de uma metodologia que se adequa a uma dissertação que liga duas personagens protagonistas de obras de autores distintos abordando fenómenos sociopolíticos deveras marcantes no período pós-colonial dos dois países para os quais as obras remetem. Por outro lado, a metodologia comparativista obriga a que, ao longo da dissertação, as obras em cotejo sejam sempre abordadas lado a lado, nunca as separando na sua análise em capítulos distintos, o que conduziria artificialmente, neste caso, a duas teses. Este conselho que seguimos é-nos dado por Francis Claudon e Karem Haddad-Wotling<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, Lisboa, Colibri, 2008.

<sup>14</sup> *Ibidem*, pp. 227-343, 345-463 e 465-556.

<sup>15</sup> Helena Buescu, «Literatura comparada e Teoria da Literatura: relações e fronteiras», in Helena Buescu, João Duarte, Miguel Gusmão (Org.), *Floresta encantada: novos caminhos da Literatura comparada*, Lisboa, Dom Quixote, 2002, p. 87.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>17</sup> Francis Claudon e Karem Haddad-Wotling, *Elementos de literatura comparada*, trad. Luís Serrão, Lisboa, Inquérito, 1992, p. 46-47.

Em termos metodológicos, esta dissertação, por incidir em obras literárias com reflexos de realidades históricas, obriga primeiro a uma leitura de bibliografia geral sobre a guerra civil em Angola e em Moçambique, numa perspetiva comparativista, e do papel da criança nessas mesmas guerras, ou seja, pesquisámos obras historiográficas. Além disso, fizemos leituras gerais concernentes à categoria narrativa da personagem, nos seus aspetos narratológico, ideológico e semiótico-contextual, seguindo ensaístas como Cristina Vieira, Carlos Reis, Philippe Hamon, entre outros. Depois lemos bibliografia passiva sobre Mia Couto e Pepetela. A seguir fizemos leituras de textos que tratam da criança. Só depois fizemos uma releitura destas últimas, pois, metodologicamente, este percurso de leitura abre perspetivas mais atentas à temática que escolhemos. Como diz o filósofo Ludwig Wittgenstein, “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”<sup>18</sup>. Por isso, os limites da teoria devem ser alargados com vista a uma crítica literária mais profunda.

Por essas razões metodológicas, a dissertação apresenta três capítulos precedidos pela introdução e sucedidos pela conclusão e referências bibliográficas. O primeiro capítulo denominado **Moçambique e Angola: aproximações históricas e literárias** aborda os factos históricos retratados nas obras analisadas e, a seguir, os aspetos paralelos do sistema literário dos dois países, a nível históricos e temáticos, explorando sobretudo o seu compromisso na construção nacional. Está subdividido em três secções, tendo a primeiras duas subsecções, designadamente: 1.1. A guerra civil em Moçambique e Angola; 1.1.1. Contextualização histórica; 1.1.2. A situação da criança em Moçambique e em Angola; 1.2. Herança da literatura anticolonial na ficção; 1.3. Representação da nação na ficção pós-colonial moçambicana e angolana. O segundo capítulo denominado **A personagem em texto narrativo** descreve alguns aspetos teóricos sobre a instância da personagem narrativa, constituindo a base para a interpretação da construção dos protagonistas das obras estudadas. Está igualmente subdividido em três secções, nomeadamente, 2.1. Considerações preliminares; 2.2. O relevo do protagonista; 2.3. Tipos de protagonistas; 2.4. O terceiro e último capítulo, **O protagonismo da criança como repúdio à guerra civil**, consiste na comparação da construção dos dois protagonistas, remetendo para os aspetos que sugerem repúdio às guerras civis. Este capítulo contém duas secções, a primeira relativa às semelhanças do protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* e em *Se o passado não tivesse asas* e a segunda, que aborda as diferenças do protagonismo da criança nos mesmos romances.

---

<sup>18</sup> Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-filosófico. Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Imp. 1987, pp. 114-115.

# CAPÍTULO I - MOÇAMBIQUE E ANGOLA: APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS

## 1.1. A guerra civil em Moçambique e em Angola

### 1.1.1. Contextualização

A guerra civil foi o acontecimento de maior impacto nos primeiros anos da independência em Moçambique e em Angola. As suas motivações estão ligadas a circunstâncias tanto internas quanto externas, cujos prelúdios remetem para os períodos que antecederam a proclamação das mesmas.

Durante os últimos anos de dominação colonial portuguesa, foram-se formando elites de africanos entre aqueles que foram assimilados. Muitos destes encontravam-se em formação universitária na metrópole, isto é, Lisboa. É o caso de Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola. Outros andavam por outras paragens, como é o caso de Eduardo Mondlane, fundador da FRELIMO, que depois de uma passagem por Portugal, seguiu para os EUA a fim de concluir a formação<sup>19</sup>, e também Jonas Savimbi, primeiro líder da UNITA, que terminou a formação superior na Suíça após uma curta passagem pela metrópole<sup>20</sup>. Esta elite teve um papel preponderante no despertar da consciência dos oprimidos face à sua condição, lançando as bases para uma revolta armada que em Angola começou oficialmente em 1961<sup>21</sup> e em Moçambique em 1964<sup>22</sup>. Esta guerra de libertação viria a terminar apenas após o 25 de abril de 1974, data do derrube do regime fascista marcelo-salazarista, que durava já quarenta anos. As aspirações dos africanos que deram lugar a esta guerra foram finalmente aceites pelo novo governo, que negociou a independência com os movimentos.<sup>23</sup>

Na África do Sul, dominada pelo regime do *apartheid*, a independência das colónias de Portugal dividia opiniões. Enquanto uns viam nisso uma oportunidade para estreitar laços e futuramente criar uma relação de interdependência económica, outros, antes da retirada dos portugueses, pretendiam a formação de governos brancos nos países da África Austral, isto é, a ala mais dura do governo do *apartheid*, entendendo que não precisavam do auxílio destes territórios para se desenvolverem economicamente. Estes pretendiam uma África do Sul militar

---

<sup>19</sup> João Tiago Sousa, «Eduardo Mondlane e a luta pela independência de Moçambique» in Luís Reis Torgal, Fernando Tavares Pimenta e Julião Soares Sousa (coord.), *Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 155.

<sup>20</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna*, trad. Rita Carvalho e Guerra, Lisboa, Guerra e Paz, 2017, p. 121.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>22</sup> Lavinia Gasperini, *Moçambique: educação e desenvolvimento rural*, trad. Cristina Castro, Roma, Edizioni Lavoro/ISCOS, 1989, p. 22.

<sup>23</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna*, p. 121 e Ribeiro Cardoso, *O Fim do Império. Memória de um soldado português. O 7 de Setembro de 1974 em Lourenço Marques*, Alfragide, Caminho, 2014, p. 222.

e economicamente superior aos outros países<sup>24</sup>. Anacronicamente segregacionista, encetaram uma política visando a desestabilização dos territórios desta circunscrição do continente:

No curso dos decênios, a presença deste regime [apartheid] conduziu os Estados da linha de frente na África Austral a um encadeamento de violências travestidas sob múltiplas formas: guerras étnicas, guerras conduzidas pelo Estado ou guerras de libertação (Namíbia), revoltas de bandidos e mercenários, golpes de Estado, forçadas migrações em massa, atos de sabotagem, e outros que tais, sucessivamente. O apartheid impediu, em numerosos países a construção da nação.<sup>25</sup>

Assim, as guerras de Moçambique e de Angola, em que a RENAMO e a UNITA tinham sido, respetivamente, as fações opositoras dos governos, foram no início alimentadas por um discurso étnico-regionalista, passando posteriormente para um discurso de luta por um regime pluralista baseado nos ideais capitalistas multipartidários dos EUA, cuja implementação afinal nada resolveu, nem em Angola nem em Moçambique, que apesar dos mais de vinte anos de paz sucedâneos ao termo da guerra civil tem vindo a enfrentar nos últimos tempos um clima de instabilidade política. Neste último país, precisamente, o único movimento que lutou pela libertação foi a FRELIMO, primeiro liderado por Eduardo Mondlane e, na véspera das negociações, por Samora Machel. A negociação que previa a permanência da população branca habitante de Moçambique foi sabotada, com as manifestações violentas protagonizadas por um grupo de portugueses que pretendiam um domínio branco neste país, como acontecia na África do Sul e na Rodésia do Sul. Estes tentaram impedir que o poder fosse entregue à FRELIMO nos acordos que decorriam por estes dias em Lusaka<sup>26</sup>. Na sequência, a resposta colérica dos nativos gerou um susto à população branca que massivamente abandonou o território<sup>27</sup>. Moçambique, que poucos anos antes da independência já experimentava um ambiente de receção económica, vê a situação agravar-se com a saída dos brancos, que detinham não só o poder económico, como também experiência profissional ao nível de quadros estatais.<sup>28</sup>

Houve, além disso, a dispensa pelos sul-africanos de muitos trabalhadores moçambicanos, que regressaram ao seu país, aumentando o número de pessoas não ativas economicamente. Assim, este país nascia num ambiente económico deficiente, e tirá-lo desta situação era um dos principais desafios que o governo da FRELIMO, que assumira a ideologia socialista soviética, tinha nos primeiros anos.<sup>29</sup> Embora a FRELIMO fosse o único movimento até à proclamação da independência, o surgimento de outro antagónico, a RENAMO, não tardou. Tal aconteceu em 1975 na Rodésia do Sul, sob a sigla inicial MNR, e contou com o apoio do governo rodesiano de Ian Smith e da África do Sul<sup>30</sup>. O seu primeiro líder foi André Matsangaissa,

---

<sup>24</sup> Malin Newitt, *História de Moçambique*, trad. Lucília Rodrigues e Maria Jorgina Segurado, Mem Martins, Europa-América, 1997, p. 480.

<sup>25</sup> Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África, (dir. de), Ali A. Mazrui e Christophe Wondji, *História geral da África, VIII: África desde 1935*, Brasília, UNESCO, 2010, p. 584.

<sup>26</sup> Ribeiro Cardoso, *O Fim do Império. Memória de um soldado português. O 7 de Setembro de 1974 em Lourenço Marques*, p. 302-303.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 365.

<sup>28</sup> Malin Newitt, *História de Moçambique*, p. 473.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 482.

a quem sucede, após a morte, em 1979, Afonso Dlakama, falecido a 3 de maio de 2018<sup>31</sup>. A sua guerra foi fundamentada num posicionamento contrário ao regionalismo, na medida em que consideravam a FRELIMO um governo que apenas favorecia o Sul, de onde eram originário grande parte dos seus representantes máximos. Na pobreza estava o resto da população, na medida em que as dificuldades que a recessão económica provocara não estavam ainda ultrapassadas, apesar do esforço empreendido pelo governo; na política de substituição do modelo tradicional de organização social, em que os antigos régulos estavam a ser substituídos por funcionários do partido; mais tarde no combate ao socialismo, que consistia em acabar com o marxismo-leninismo que a FRELIMO assumira em 1977, para dar lugar ao capitalismo multipartidário<sup>32</sup>. Nesta altura, foi favorável a influência dos EUA de Reagan, que durante o seu governo retomara as provocações da Guerra Fria.

A guerra civil em Moçambique deu-se entre 1977 e 1992. Os ataques da RENAMO eram direcionados às instituições do governo, às vias de comunicação, mas também a pessoas<sup>33</sup>. Embora não tivesse a princípio adeptos entre o povo, não tardou a consegui-lo, sobretudo das populações do Norte, e algumas falhas da FRELIMO, como as citadas, foram importantes para que a oposição armada conquistasse tal confiança. O seu principal aliado era a África do Sul, que mesmo com um acordo assinado entre Pieter Botha e Samora Machel em 1984, segundo o qual Moçambique deixaria de apoiar o ANC e a África do Sul, para onde a RENAMO tinha carregado todo o seu arsenal depois da queda do regime minoritário da Rodésia, de igual modo devia deixar de prestar apoio, o regime de P.W. Botha continuou a fornecer armamento. Massacre, rapto de crianças para servir na guerra e destruição de bens materiais caracterizaram o conflito armado.<sup>34</sup>

Em 1989, sob o governo de Joaquim Chissano, presidente que substituíra no poder Samora Machel, falecido em 1986, a FRELIMO despe-se dos ideais marxistas-leninistas. Este facto é também reflexo do desmembramento da URSS, que marca o fim do bloco socialista e consequentemente da Guerra Fria. Em 1992 é assinado o acordo de paz, criado uma constituição multipartidária, e, em 1994 são realizadas as primeiras eleições.<sup>35</sup>

Em Angola, à diferença de Moçambique, que apenas teve a FRELIMO, a guerra de libertação fez nascer três movimentos, nomeadamente o MPLA, sob comando de Agostinho Neto na véspera da independência; a UPNA, que se transformou em UPA e depois em FNLA, liderada por Holden Roberto; e a UNITA, liderada por Jonas Savimbi. Três partidos, cuja corrida pelo poder despoletou em 1975 o primeiro conflito, que David Birmingham denomina de guerra de intervenção externa<sup>36</sup>, na medida em que interferiram forças exógenas a Angola como os EUA

---

<sup>31</sup> RTP Notícias, 03/05/2018. Disponível em [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/morreu-afonso-dhlakama\\_n1073615](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/morreu-afonso-dhlakama_n1073615). (Data de acesso: 11/06/2018).

<sup>32</sup> Joaquim Chito Rodrigues, *Moçambique: Anatomia de um processo de paz contributo para a verdade*, Lisboa, ACD, 2006, p.9.

<sup>33</sup> Felizardo Bouene, «Moçambique 30 anos de independência», *Africana Studia*, nº 8, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 77. Disponível em [http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS08\\_069.pdf](http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS08_069.pdf) (Data de acesso: 14/02/2018).

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 78-79.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 79-80.

<sup>36</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna* p. 129.



e a URSS, que lideravam os dois grandes blocos políticos antagónicos da Guerra Fria e cujos olhares estavam voltados para as potencialidades económicas desta colónia em véspera da independência, sobretudo o petróleo, bem como a África do Sul, cuja política contra o desenvolvimento teve consequências bélicas. Os EUA, que apoiavam as forças de Holden Roberto, tinham como intermediários a República do Congo e o intermediário da URSS, que apoiava o MPLA, era a Cuba. A UNITA, o terceiro movimento formado, contou com o apoio sul africano do *Apartheid*.<sup>37</sup>

Nesta primeira fase da guerra, o MPLA, que contou com o apoio de Cuba para expulsar de Luanda a UNITA e a FNLA, levou a melhor sobre os seus rivais, tendo empurrado a UNITA para a região Sul e a FNLA para Norte. Sob esse clima de tensão e divisão, nascia a 11 de novembro de 1975, na voz de Agostinho Neto e sob signo socialista, a República Popular de Angola, dividida de acordo com os três movimentos, que deixaram falar mais alto as vozes externas e a avidez de cada movimento governar sem os outros do que a necessidade de materialização do ideal de uma nação una.<sup>38</sup>

Tomado o poder, o MPLA começa uma incursão para a conquista dos territórios sob domínio dos movimentos adversários e consegue vencer, entre janeiro e fevereiro do ano seguinte, primeiro as forças da FNLA, depois as da UNITA, tomando assim a cidade do Huambo. Neste esforço foi-lhe benéfico mais uma vez o auxílio das forças cubanas. Esta derrota retira a FNLA do conflito, e o seu líder parte para o exílio<sup>39</sup>. A UNITA praticamente impotente, mas ainda alimentada por um discurso de índole étnico e racial, segundo o qual o governo do MPLA era formado por brancos que beneficiavam apenas o grupo ambundu, provoca uma onda de descontentamento dos ovimbundu para com o governo do MPLA, que mesmo com a subida de novo presidente, após a morte de Agostinho Neto em 1979, não viam os seus desejos resolvidos. Esta guerra de desestabilização dura toda a década de 80 do século passado<sup>40</sup>.

Um período de trégua foi experimentado na viragem da década. Vários acontecimentos foram marcantes. A vitória do MPLA e das tropas cubanas sobre a UNITA e sobre o exército sul africano na batalha do Cuíto Cuanavale, entre outras questões, afastou as fronteiras da África do Sul, conduzindo a Namíbia à independência e à retirada das forças que apoiavam as duas facções nacionais envolvidas na guerra. Foi um marco decisivo para a assinatura, em Bicesse, a 31 de maio de 1991, dos acordos da efémera paz que antecederam o período mais sangrento da guerra civil angolana. Neste período em que a URSS já se dissolvera, foram lançadas as bases para a realização das eleições que consumariam a transição do sistema socialista monopartidário de modelo soviético para o capitalista multipartidário<sup>41</sup>.

A realização das eleições nos dias 29 e 30 de setembro de 1992 foi precedida por um período de pouco menos de dois anos de paz, e sucedido pelo período mais sangrento da pós-

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 129-132.

<sup>38</sup> Adolfo Maria, *Angola: contributos à reflexão*, Lisboa, Colibri, 2015, p. 72.

<sup>39</sup> Armelle Enders, *História da África Lusófona*, trad. Mário Matos e Lemos, Mem Martins, Inquérito, 1994, p. 121.

<sup>40</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna* p. 137-138 e 146.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 163-168 e Adolfo Maria, *Angola: contributos à reflexão*, p. 92.

colonialidade de Angola. Savimbi ao perceber que no pleito não tinha levado a melhor sobre o seu rival direto, José Eduardo dos Santos, abandonou os ideais democráticos que sempre defendera como a solução para Angola. Afirma David Birmingham:

A democracia de estilo ocidental não apresentava nenhum prémio de consolação para quem chegasse em segundo, neste tipo de votação ganha quem chega primeiro e o vencedor fica com tudo. Savimbi recusou-se a contemplar uma solução de compromisso, reconhecendo que o sistema presidencial, que tanto o atraía quando achava que ia ganhar, entregava todo o poder ao um presidente e não a um primeiro-ministro, a um governador ou a um parlamento eleito. Calculou que a sua única esperança de obter o poder por que ansiava patologicamente desde os seus dias de estudante na Suíça consistia em tomá-lo com a ajuda das armas.<sup>42</sup>

Uma abordagem corroborativa sobre a atitude negociadora da UNITA é apresentada por Joaquim Chito Rodrigues, considerando que havia nela uma faceta estranha:

Houve sempre da sua parte um “sim, mas...” sobre todos os assuntos em que importava transmitir uma opinião ou decisão. A derrota política, quando não a tinham conhecido por meio das armas nunca esteve no seu dicionário. Diríamos mesmo que nunca se convenceram de vir a ser derrotados nas urnas.<sup>43</sup>

A evocação contínua da guerra por homens afetos ao partido que saíra em segundo lugar, após a divulgação dos resultados eleitorais, motivou a eclosão, em outubro de 1992, da anunciada guerra, numa versão muito mais violenta, seja em termos de materiais bélicos usados, seja em termos de destruição de infraestruturas e vidas humanas. Nos primeiros dias, a guerra ficou marcada por perseguições entre militantes e simpatizantes dos dois partidos implicados, em que o uso de camisolas, panos ou chapéus de propagandas partidárias, sobretudo durante a campanha, fora usado como armadilha que conduzia muitos à morte. Nas ruas de Luanda tombaram muitos militantes, militares e simpatizantes da UNITA. Entretanto, cidades como Huambo, Uíge, Ndalatando, Malanje, Cuíto, Dundo e outras ficaram sob domínio deste partido. Estima-se que as tropas de Jonas Savimbi controlavam 65 a 80% do território angolano, instituindo uma gestão baseada no medo<sup>44</sup>. A propósito disso, Justin Pearce considera o seguinte:

As relações entre os movimentos políticos rivais e o povo estavam sujeitas às circunstâncias em que os primeiros operavam e aos recursos que tinham ao seu dispor. Ao mesmo tempo, o conceito de cidade e as oportunidades de desenvolvimento que as mesmas representava pesava largamente na imaginação política do MPLA e da UNITA (...) para a UNITA a noção da Jamba como a sua cidade, no sentido de centro administrativo e núcleo de desenvolvimento, foi um elemento fulcral para a sua visão de si própria como estado alternativo. Quando assumiu o controlo das cidades na verdadeira

---

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>43</sup> Joaquim Chito Rodrigues, *Moçambique: Anatomia de um processo de paz contributo para a verdade*, p. 18.

<sup>44</sup> Armelle Enders, *História da África Lusófona*, p. 125.

acepção do termo, a UNITA não conseguiu convencer os seus habitantes das suas capacidades e competências para ser um partido governante urbano.<sup>45</sup>

Estima-se ainda que em apenas um ano a guerra tinha feito mais vítimas mortais que nos dezasseis anos entre 1975 e 1991<sup>46</sup>, muitas das quais pela fome, além de ter feito muitos deslocados. Nem mesmo as sanções aplicadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 1993, à UNITA se revelaram suficientes para travar a guerra, que se tentara no início evitar com a intervenção de Margareth Anstee, e que se tinha transformado num drama para a população e para a comunidade internacional.<sup>47</sup>

Em 1994, com a assinatura do protocolo de paz em Lusaka, mediado por Alioune Blondin Beye, observou-se uma ligeira redução dos ruídos das armas, que voltariam a soar com violência entre 1998 e 2002. Neste quase interregno entre 1994 e 1998 a reconciliação não é genuína, na medida em que o líder da oposição armada, que não comparecera no protocolo de Lusaka, continuou na região planáltica do país fazendo alguns ataques e estudando mecanismos para continuar o conflito com violência. Muitos homens seus, porém, abandonaram as armas e concordaram em criar um Governo de Unidade e Reconciliação Nacional, efetivada em 1997<sup>48</sup>, dividindo em duas a UNITA, a das matas, liderada por Jonas Savimbi, e a UNITA Renovada, dirigida por Eugénio Manuvakola.<sup>49</sup>

O retorno à violência de Savimbi, embora preparado em armamento desde 1996, é retardado para 1998 devido ao assalto ao poder de Mobutu, na República Democrática do Congo por Laurent Kabila, que se tornou aliado de José Eduardo dos Santos. Mobutu fornecia apoio à UNITA e na véspera do golpe tinha no seu território um número de soldados de Jonas Savimbi que rondava os dez mil, que ficaram desgarrados por algum tempo.<sup>50</sup>

Em 1998, a guerra violenta reacende e conta com o apoio, no lado da UNITA, de antigos soldados de Mobutu e alguns ruandeses afetos à tribo genocida<sup>51</sup>, além do Togo, que se tornara, com a queda de Mobutu, numa espécie de depósito de armamento e ponto de escoamento, para o mercado internacional, do diamante ilícito usado para sustentar a guerra<sup>52</sup>.

Muitas pessoas perderam a vida, e a fome voltou a ser uma das principais causas da mortandade. A proibição pela ONU da comercialização dos diamantes de sangue em meados desse ano, o congelamento das contas da UNITA e a retomada da Cidade do Andulo pelas FAA no final do mesmo ano constituíram o ponto culminante da história da guerra civil em Angola, caracterizado pelo declínio das forças de Savimbi<sup>53</sup>. O desenlace deu-se a 22 de fevereiro de

---

<sup>45</sup> Justin Pearce, *A guerra civil em Angola 1975-2002*, Lisboa, Tinta-da-China, 2017, p. 194-195.

<sup>46</sup> Armelle Enders, *História da África Lusófona*, p. 123-124.

<sup>47</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna*, p. 169-171

<sup>48</sup> Alberto de Oliveira Pinto, *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*, Lisboa, Mercado de Letra, 2015, p.765.

<sup>49</sup> Público, 15 de Julho de 1999 Disponível em <https://www.publico.pt/1999/07/15/jornal/o-dr-savimbi-ja-nao-tem-unita-136228>. (Data de acesso: 04/04/2018).

<sup>50</sup> David Birmingham, *Breve História da Angola Moderna*, p. 176.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> Alberto de Oliveira Pinto, *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*, p.766.

<sup>53</sup> *Ibidem*.

2002 no Moxico, com a morte em combate deste líder e consumado com a assinatura de paz em abril do mesmo ano.

É impossível calcular os danos causados pelas guerras. Estima-se, porém, que em Moçambique terá feito aproximadamente um milhão de mortos e quatro milhões de deslocados e refugiados. Já em Angola os números andam à volta dos 500 mil mortos e um milhão de deslocados. Além dos danos humanos, contam ainda nesta estatística os danos materiais, como cidades destruídas, vias de comunicação, pontes e os prejuízos financeiros, refletidos nos valores aplicados por largos anos em meios logísticos para sustentar a guerra com desvios incalculáveis. Há que considerar ainda a pobreza que continua a provocar vários outros problemas sociais.

### **1.1.2. A situação da criança**

Quando se pensa na impetuosidade das guerras civis em Moçambique e em Angola na vida das populações, um dos grupos que chama a atenção é certamente o da criança, vulnerável a todas as consequências emergentes desse fenómeno, por se encontrar numa etapa de formação enquanto indivíduo e ser social e, como tal, carecer ainda, por um lado, de instrução necessária para compreensão do mundo circundante com vista a agir sabiamente sobre o mesmo, por outro lado, de afeto necessário para uma consciência de convivência salutar com os seus semelhantes. Trata-se de uma etapa de imprescindível atenção nos mais variados aspetos do desenvolvimento da pessoa, que se encontra ainda numa condição de dependência, sendo, por isso, de grande valor o acompanhamento de um tutor, geralmente os pais, não só para a prestação de apoio material, mas também para a sua educação. Portanto, uma infância em contexto de guerra é deveras penosa para a vida, na medida em que a construção social é fortemente influenciada por imagens carregadas de violência, desespero e perturbação com implicações no equilíbrio emocional, mesmo em circunstâncias posteriores, que, associado a outros males decorrentes da guerra, como a pobreza, dá lugar a problemas com repercussão na saúde social.

Pouco se tem falado sobre a realidade da criança no contexto das duas guerras aludidas. Poder-se-ia mesmo falar de uma quase inexistência de matéria científica acerca deste grupo, sem dúvida, o mais martirizado, sendo as informações mais comuns aquelas veiculadas pelos *media* (reportagens, notícias, entrevistas, crónicas, vídeos, fotografias) e a alguns relatórios de instituições governamentais e internacionais que durante os conflitos e períodos posteriores foram acompanhando os horrores sofrido pela criança.

Em 2000, período derradeiro da guerra civil em Angola, um relatório elaborado pelo Governo, sob o título *Relatório de seguimento das metas da cimeira mundial pela infância*, que reflete o compromisso do Estado angolano para o melhoramento da situação da criança no âmbito da ratificação da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (CDC), apresenta uma visão geral da condição do grupo em apreço resultante do conflito civil. Este relatório cujos dados resultam de um esforço tanto de instituições do governo quanto de organizações

não governamentais espelha como a guerra contribuiu para a precariedade da criança, seja enquanto indivíduo seja socialmente. São apontados problemas inquietantes como mortalidade infantil, saúde infantil deficitária, desfragmentação de lares, deficiência física, traumas psicológicos, conflitos com a lei e uso como soldado.

Dados constantes no relatório concernente à mortalidade infantil e saúde deficitária apontam para uma taxa superior aos 25%, tendo como causas principais o paludismo, as doenças diarreicas, a anemia, o sarampo, a malnutrição, as doenças respiratórias e infeções<sup>54</sup>. Um ambiente desprovido de água potável e serviço de saneamento onde viviam as pessoas, muitas das quais deslocadas, as condições hospitalares, a carência de técnicos e recursos medicamentosos constam das principais dificuldades para a inversão da situação<sup>55</sup>. Esta conjuntura é ainda apontada como causa de outros problemas de saúde com repercussão no crescimento dos indivíduos. Problemas como baixo peso, emagrecimento e atraso no crescimento espelham a carência em nível acentuado de componentes nutricionais proteico-calóricos na alimentação diária tanto das mulheres como das crianças, sobretudo nas zonas rurais.<sup>56</sup>

Foi também bastante penosa no decurso da guerra a destruição de muitas famílias, provocando a separação de muitas crianças dos pais, seja pela morte destes, seja pela extrema pobreza, ou pela fuga à guerra. Muitas delas foram acolhidas por famílias adotivas, uma realidade que nem sempre representou um destino feliz para muitas delas, na medida em que algumas eram exploradas em trabalhos domésticos, atividades comerciais e, em situações mais extremas, abusadas sexualmente, sobretudo no caso das meninas. A privação do usufruto de direitos fundamentais como a educação levou a que muitas optassem pelos centros de acolhimento de menores do Estado, geridos pelo Ministério de Assistência e Reinserção Social ou de ONGs, onde recebiam educação. Outros, porém, não poucos, encontraram refúgio nas ruas. O surgimento das crianças das ruas em Angola está associado, segundo o referido relatório, à guerra pós-eleições de 1992, que na prática foi mais violenta que a dos dezasseis anos anteriores. Além de ter feito muitas vítimas mortais, deslocou de forma massiva muita população, elevou a pobreza à extrema miséria, sobretudo nos lugares periféricos dos centros urbanos. Assim, as crianças de rua podiam ser vistas em duas vertentes. Por um lado, aquelas que perderam os pais ou se perderam destes e não possuíam um lar, o que constituía a maioria; por outro lado, aquelas que a pobreza familiar forçou a trocar o lar pelas ruas. Estima-se que em 2000 existiam em todo o país 23.752 crianças de rua<sup>57</sup>, maioritariamente do sexo masculino, o que não significa necessariamente uma condição de privilégio para as crianças do sexo oposto. Embora essas tivessem maior probabilidade de estarem afastadas dos perigos das ruas por encontrarem facilidade de acolhimento, nas famílias adotivas eram, muitas vezes, vítimas de tratamentos como os já citados, perpetuando assim traumas.

---

<sup>54</sup> *Relatório de seguimento das metas da cimeira mundial pela infância*, 2000, p. 7. Disponível em [https://www.unicef.org/specialsession/how\\_country/edr\\_angola\\_pt.PDF](https://www.unicef.org/specialsession/how_country/edr_angola_pt.PDF). (Data de acesso: 20/12/2017).

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>56</sup> *Ibidem*.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 12.

A deficiência física e a perda de alguns sentidos, como a visão e a audição, são situações igualmente causadas pela guerra a algumas crianças. Entre os principais fatores estão as minas, efeitos de armas pesadas e sequelas de algumas doenças. Durante a guerra pós-eleições foram enterradas milhares de minas no solo angolano, sobretudo nas zonas rurais, uma cifra apenas superada pelo Camboja a nível mundial, o país mais minado no mundo, na sequência da Guerra do Vietname. Estima-se que até 1996 havia cerca de 2500 crianças deficientes por minas, além de outras que morreram. Entre os fatores para que as crianças fossem as principais vítimas estava, por um lado, o desconhecimento do que era uma mina, muitas vezes confundida com objetos inofensivos; por outro lado, o percurso regular para os campos de cultivo, lugares preferidos para enterramento destes artefactos, devido à natureza da atividade exercida nas zonas rurais<sup>58</sup>. Também em Moçambique, durante o conflito as minas causaram grave prejuízo à vida de muitas crianças. A partir de 1980, período em que a guerra tomara proporções alarmantes, milhares de minas foram enterradas no solo moçambicano, fazendo inúmeras vítimas. No final do conflito, a cifra destes engenhos explosivos rondavam os milhões<sup>59</sup>, e Moçambique entrava na estatística dos países mais minados do mundo<sup>60</sup>. Várias crianças contraíram deficiências causadas por minas e estas continuaram a ser causa de morte e mutilação no período pós-guerra, na medida em que o processo de desminagem demorou mais de duas décadas<sup>61</sup>. Estas vítimas carecem ainda hoje de permanente assistência social.

Em Angola, o uso de crianças como soldados foi um dos maiores dramas da guerra, uma realidade que além de ferir os seus direitos, teve efeitos devastadores para as suas vidas, na medida em que estando ainda numa fase bastante delicada e de construção da personalidade presenciaram e praticaram contra a sua vontade grandes atrocidades, cujas marcas se mantiveram vivas mesmo no período pós-guerra com reflexos no comportamento. De acordo com o referido relatório, o ingresso de algumas crianças nas Forças Armadas Angolanas (FAA), tropas governamentais, foi voluntário e deveu-se principalmente à necessidade de segurança, que aquelas não tinham enquanto pessoas comuns nas zonas de guerra, e estima-se que o número de crianças rondava os 500. No lado da UNITA, o número foi muito mais elevado, rondando os 9.000, de acordo com um levantamento do protocolo de observadores da MONUA<sup>62</sup>. Justifica a elevada cifra de menores neste grupo a forma como estes ingressavam. Enquanto no primeiro caso o ingresso era voluntário motivado pela necessidade de segurança, alimentação e abrigo, embora não devamos excluir o caso de que no processo de “rusga” alguns menores, sobretudo os fisicamente robustos, acabassem levados à força; no segundo caso, o ingresso era forçado e manifestamente indiscriminado. Nas aldeias ocupadas, os menores deviam decidir entre a morte imediata e o serviço de soldado.

---

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>59</sup> Bóia Efraime Júnior, «Trauma e migração: os traumas psíquicos das crianças soldado», in Zilda Márcia Gricoli Ikoji (coord.), *Revista Diversitas*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013, p. 112.

<sup>60</sup> Portal do Governo de Moçambique. Disponível em <http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Imprensa/Noticias/Mocambique-declara-fim-de-minas-antipessoais>. (Data de acesso: 02/01/218)

<sup>61</sup> *Ibidem*.

<sup>62</sup> *Relatório de seguimento das metas da cimeira mundial pela infância*, p. 18.

Em Moçambique, onde a guerra durou dezasseis anos, menos dez do que Angola, a situação da criança não foi menos dramática. A sua vitimização durante este período exibiu a mesma face. Durante o conflito, em que se estima ter havido mais de um milhão de mortos<sup>63</sup>, quase metade foram crianças, 45% menores de quinze anos<sup>64</sup>, e o drama eleva-se se se tiver em conta outros prejuízos que tocaram este grupo, nomeadamente a saúde precária no interior do país e nos campos de refugiados dos países fronteiriços, desagregação de famílias, deficiência física, problemas psico-emocionais, o seu uso como soldados, entre outros.

A saúde infantil foi profundamente afetada durante os anos de conflito. Os ataques às estruturas económicas, marcada pela destruição de campos agrícolas, tanto os de caráter industrial como os de subsistência, de meios de transporte, de indústrias, de lojas, de vias de comunicação, e de centenas de aldeias provocaram deslocções massivas e elevou consideravelmente os níveis de pobreza<sup>65</sup>. Ante a conjuntura de elevada carência, milhares de crianças sentiram a saúde a depauperar devido à sua vulnerabilidade. Entre as causas desta decadência está a malnutrição e o cólera, pois a alimentação não era diversificada, faltava saneamento básico, postos de saúde e hospitais, na medida em que muitas unidades hospitalares e centros de saúde, sobretudo nas zonas rurais, foram alvos desses ataques<sup>66</sup>. Estima-se que 1/3 da população sofria de malnutrição, principal causa de mortalidade infantil, cuja taxa rondava os 20%, isto é, duzentos e um em cada mil nados vivos em 1992.<sup>67</sup>

A família foi sem dúvida a instituição mais estilhaçada durante a guerra, sofrendo, por um lado, cisões, na medida em que inúmeras pessoas ou perderam a vida ou foram afastadas do seio familiar durante o conflito. Por outro lado, a fragilização da saúde infantil era provocada pela perda de bens, como a terra, o teto e a fonte de subsistência familiar. Com efeito, milhares de crianças perderam os seus progenitores, tornando-se órfãs<sup>68</sup>, algumas carecendo de acompanhamento. Milhares delas passaram a sobreviver nas ruas, carregando traumas da perda. Outras, que viram os pais a perecerem nos campos de deslocados e refugiados, foram integradas noutras famílias como manifestação de solidariedade<sup>69</sup>. Em 1994, aquando do reassentamento dos deslocados e refugiados nas terras de origem ainda desoladas, o número de crianças tidas como órfãs, seja por terem perdido verdadeiramente os pais, seja porque estavam separadas deles sem hipóteses de reencontro estimava-se em 300.000<sup>70</sup>.

Figuram ainda no rol de herança dos horrores da guerra para muitas crianças os traumas psico-emocionais. Imagens de situações horrendas assistidas, sofridas ou praticadas

---

<sup>63</sup> Jafar Silvestre Jafar, «Análise sócio-histórica sobre a guerra civil em moçambique, 1976 - 1992, uma abordagem holística», Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2014, p. 16. Disponível em [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2014/wp2014\\_6.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2014/wp2014_6.pdf) (data de acesso: 27/12/2017)

<sup>64</sup> Bóia Efraime Júnior, «Trauma e migração: os traumas psíquicos das crianças soldado», p. 112.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>66</sup> Tilman Brück, «Guerra e desenvolvimento em Moçambique», in *Análise Social*, Vol. XXXIII 5.º, n.º 149, 1998, p. 1029.

<sup>67</sup> <https://www.unicef.org/brazil/sowc20anosCDC/cap3-dest5.html>

<sup>68</sup> Jafar Silvestre Jafar, «Análise sócio-histórica sobre a guerra civil em moçambique, 1976 - 1992, uma abordagem holística», p. 16.

<sup>69</sup> Sebastião Salgado, *Migrações: o drama das populações deslocadas no final do século XX*, Lisboa, Visão, s/d, p. 20.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 8.

forçadamente por muitas crianças mantêm-se indelévels nas suas memórias. Entre estas experiências constam acompanhamento da morte dos pais ou outros membros da família, presença ou prática de atos de tortura, abuso sexual e assassinato, experiência de sofrer abusos constantes, prestação de serviço militar<sup>71</sup>. Esta situação representa o prolongamento dos efeitos da guerra com repercussão na saúde social do país de superação a longo prazo com esforço contínuo do estado de acompanhamento aos casos mais inquietante. Foi também bastante chocante durante o conflito o uso da criança como soldado, tanto do lado das forças governamentais da FRELIMO como do lado das forças rebeldes da RENAMO. Estas crianças eram geralmente raptadas em aldeias atacadas e treinadas para servirem ou como guardas dos acampamentos ou como guerreiros. Conforme Bóia Efraime Júnior, em 1988 o número de crianças soldados ao serviço da RENAMO rondava os dez mil. Do lado da FRELIMO, o número era igualmente elevado e estavam divididas em paramilitares, que “integravam as milícias populares” defendendo as aldeias e o património do povo e militares de facto integrados nas forças do governo. O ensaísta afirma ainda que no processo de desmobilização um total de 25.498 soldados eram menores de dezoito anos quando foram recrutados, sendo 16.553 da FRELIMO e 8.945 da RENAMO<sup>72</sup>. Contra a sua vontade, muitas destas crianças foram forçadas a cometerem crimes horripilantes de que muitas preferem hoje não lembrar.

O período subsequente às guerras não significou necessariamente serenidade para muitas pessoas que viveram a sua infância no meio da violenta e sanguinolenta realidade que fora a guerra. Muitas crianças não só ficaram sem família, como também sem a sua verdadeira naturalidade, sem a sua gente, porquanto nas circunstâncias em que ocorreu a separação dos pais não tinham ainda uma visão formada da realidade circundante, o que constitui um trauma para estas, que ficaram sem terra durante o processo de reassentamento populacional. Muitos indivíduos careciam, finda a guerra, de um processo de reinserção social com acompanhamento que lhes permitisse lidar com o novo contexto, em muitos casos não ocorrido. Com efeito, a adaptação a esta realidade, caracterizada pela pobreza legada dos horrores das armas, sem uma reeducação que superasse a violência da guerra baseada em constante tortura, saque e assassinato, foi altamente custosa para as crianças para quem a violência continuou a ser o caminho, o que as levava a constantes conflitos com a lei. Para outras, a deficiência muitas vezes não compensada com materiais protéticos, as dificuldades na realização de atividades produtivas e a exclusão social continuaram a representar uma situação dramática.

## **1.2. Herança da literatura anticolonial na ficção**

A abordagem da herança anticolonial da ficção pós-independência não pretende ser um exercício que vise trazer daqueloutro período todas as suas marcas. Certo é que a literatura de cada período representa o seu tempo e uma conceção própria e assim como aquela, em função do próprio contexto, alimentou a sua geração, também a literatura pós-independência tem procurado, de igual modo, alimentar a sua geração. No entanto, é inegável que aquele período

---

<sup>71</sup> Tilman Brück, «Guerra e desenvolvimento em Moçambique», p. 1031.

<sup>72</sup> Bóia Efraime Júnior, «Trauma e migração: os traumas psíquicos das crianças soldado», p. 113.



foi importante enquanto elemento participante nas mudanças políticas que se evidenciaram nas ex-colónias, através de um despertar de consciência dos africanos ante uma realidade que se precisava ultrapassar. Um despertar de consciência que foi primeiro cultural e que, ao sê-lo, passou também a ser sociopolítico, por se situar no lugar oposto ao discurso opressor do colonialismo, de que as manifestações no texto ficaram marcadas tanto a nível da forma, pela subversão dos modelos europeus de linguagem enquanto reivindicação de uma identidade própria para estas literaturas, e a nível do conteúdo, por uma ligação das motivações literárias aos fenómenos quotidianos da relação colonial.

Trata-se, por conseguinte, de um exercício que implica discorrer sobre os processos que fizeram das literaturas de Angola e de Moçambique sistemas definidos, cujos fundamentos funcionariam como caminho a ser seguido por gerações subsequentes. Mas elucidar também que nos caminhos por que passaram, as literaturas de ambos os países conheceram marcas de descontinuidade, pelo menos no que diz respeito ao carácter intervencionista com que se identificou desde que se tinha assumido como um fenómeno coletivo ao serviço da nação, até à retoma da conceção independentista da criação literária, perante o discurso inflexível e ideológico que nos primeiros anos de independência reduzira a criação literária a um fenómeno obsequente à ideologia do poder, seja em Angola<sup>73</sup>, seja em Moçambique<sup>74</sup>. Neste sentido, a abordagem relaciona estes dois momentos, convocando a questão da identidade literária e esta resistência à exprobração da atividade de criação, transformando-a num espaço de debate e de reflexão sobre as diversas questões da pós-colonialidade, resultante de um efeito catártico orientado para a causa dos valores identitários, sociais, políticos e da afirmação das experiências individuais, característica atual da narrativa, recuperada de períodos anteriores à independência, fundamento e perspetiva da herança que evocamos neste trabalho dissertativo.

A herança anticolonial na ficção pós-colonial remete para o conjunto de elementos do sistema literário africano, de que as reflexões transcendem o valor estético, cuja génese nos leva até à década de 50 do século passado, período que na história, tanto da literatura angolana como moçambicana, Pires Laranjeira atribui a denominação de “Formação”<sup>75</sup>. Os artistas que despontaram envergaram uma atitude literária com contornos anticoloniais, cujos reflexos incidiram tanto na reabilitação identitária dos africanos, fruto da consciência do estado de alienação gerada pelo mecanismo da colonização, quanto no combate à opressão, apanágio deste sistema. Conforme consta da explanação de Viriato da Cruz sobre a vertente estética da literária deste período citado por José Carlos Venâncio:

Esse movimento combatia o respeito exagerado pelos valores culturais do Ocidente (muito dos quais caducos); incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através dum trabalho coletivo e organizado; exortava

---

<sup>73</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, Lisboa, Colibri, 2012, p. 47.

<sup>74</sup> Maria-Bendita Bastos, “Relendo a literatura moçambicana dos anos 80”, in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, p. 92.

<sup>75</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 37 e 260.

correntes culturais estrangeiras, mas com fim de repensar as suas criações positivas e válidas; exigia a expressão autêntica africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista.<sup>76</sup>

Em Laranjeira, a designação “Formação” não reflete o início da atividade literária nem num nem noutro espaço, pois isso obrigar-nos-ia a um recuo maior, na medida em que a atividade literária em Angola teve oficialmente início na segunda metade do século XIX, isto é, em 1849, com a publicação de *Espontaneidade da minha alma*, de José da Silva Maia Ferreira, e no início do século XX contava já com alguns textos poéticos e ficcionais caracterizados por um sentimento nacional que despertavam interesse junto do público leitor<sup>77</sup>. Em Moçambique, mesmo que esta atividade surgisse mais tarde, levar-nos-ia, em relação ao período da “Formação”, a um recuo de mais ou menos vinte e cinco anos, concretamente, 1924, em que é publicado o *Livro da dor*, de João Albasini, sem querer excluir o facto de ter antes havido alguma produção literária, sem grande expressão, mesmo antes da instalação do prelo em 1854<sup>78</sup>. O que então se considera “Formação”, para o mesmo autor, está articulado ao caso de pela primeira vez a literatura se tornar numa componente de consciência africana e nacional, de esta consciência ser grupal tanto entre os moçambicanos como entre os angolanos<sup>79</sup>. De acordo com Ana Mafalda Leite, este período caracteriza-se pela incorporação de elementos da tradição africana no universo da escrita, de influências negritudinistas<sup>80</sup>, mas também por uma escrita de marcada denúncia do sistema colonial coevo.

Assinala-se neste período o surgimento de alguns movimentos culturais, seja na metrópole, onde se encontravam estudantes das colónias, seja nos espaços colonizados, que, servindo-se de revistas e antologias, deixaram plasmadas as suas intenções. A Casa dos Estudantes do Império (CEI) deu lugar a uma vaga de poetas e pensadores, que se afastando do tom abstratizante, intimista e personalizante, procuraram um tom literário cujo sentido remetesse para o nacional e o popular<sup>81</sup>, entendido aqui como as colónias ultramarinas, numa clara manifestação de busca de independência cultural. Os intelectuais que lançaram mãos nesta aventura foram assimilados que perceberam, por estarem num lugar intermédio entre a cultura portuguesa e africana, a fatalidade cultural para onde a política assimilacionista iria manter os africanos, e empreenderam o esforço de evitar a sua disseminação, passando-se por porta-vozes daquelas que na prática desconheciam os desígnios do assimilacionismo cultural. É o que Inocência Mata postula como ambiguidade e ambivalência relativamente ao lugar do escritor africano. A ensaísta afirma:

Este é tanto dimensionado nas malhas da semiose colonial como recusa o facto colonial e se empenha na construção de uma identidade cultural que revela do

---

<sup>76</sup> José Carlos Venâncio, *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana*, Lisboa, Ulmeiro, 2ª ed, 1993 p. 68-69

<sup>77</sup> Manuel Ferreira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, col. Biblioteca Breve, 1977, p.13.

<sup>78</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p. 256.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 37 e 260.

<sup>80</sup> Ana Mafalda Leite, *Oralidade e escrita nas Literaturas Africanas*, Lisboa, Colibri, 2ª ed, 2014, p. 12.

<sup>81</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p. 305.

próprio facto (colonial) de que pretende libertar-se. Com efeito, o “nacional” africano contém em si marcas do colonial<sup>82</sup>.

O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), que através da revista *Mensagem* trouxe à tona este projeto cultural, reflete uma aproximação literária entre as duas nações que cotejamos: a criação de uma estética que fizesse emergir os fenómenos identitários destes povos. Esta unanimidade, que não é coincidência, mas reflexo de um esboço conjunto, ficou patente na segunda edição da revista *Mensagem* que congregou textos tanto de angolanos, dos quais os mais sonantes são Viriato da Cruz e Agostinho Neto e Mário de Andrade, quanto de célebres moçambicanos, como Noémia de Sousa e José Craveirinha<sup>83</sup>.

Há ainda a considerar neste projeto de identidade literária a revista *Nsaho* em Moçambique, que apesar de ter contado com apenas um número em 1952, teve um papel significativo para a construção de uma literatura propriamente moçambicana, considerando a ligação com a realidade dessa então colónia. Os textos revelam inspiração neorrealista e carácter universal como linhas de orientação literária<sup>84</sup>, embora a poética de Rui de Noronha, nos anos 30, já tivesse evidenciado uma inquietude para com a situação opressora e sensibilidade para com a realidade de Moçambique, subvertendo o discurso oficial. A revista *Nsaho*, neste contexto, corresponde à Revista *Mensagem* para Angola<sup>85</sup>.

Embora tendencialmente cultural no início, o que naquela conjuntura não deixava de ser político, o discurso da literatura anticolonial representa uma investida contra a exploração colonial a todos os níveis, refletido em três elementos. A princípio preocupa-se com a regeneração da imagem do negro, desonrada por muitos anos, tanto a nível da condição biológica quanto antropológica, sendo a sua exaltação o meio privilegiado para trazer a dignidade. Enquadra-se também neste discurso o retrato delator da realidade colonial, isto é, da situação desfavorecida dos colonizados. Outro elemento é o grito visando a colocação de um ponto final neste sistema, um apelo aos oprimidos para uma luta literal contra o opressor. A preocupação com a conscientização relativamente à perda de valores culturais e o apelo ao combate remetem para uma literatura de cariz político. É na narrativa que o retrato da situação opressora do colonialismo com todos os pormenores encontra maior sentido. Destacam-se nesta linha discursiva o angolano Luandino Vieira, nas suas obras *Luuanda* (1964) e *Nós os do Makulussu* (1974)<sup>86</sup>, e os moçambicanos João Dias em *Godido e outros contos*, publicado pela Secção de Moçambique da Casa dos Estudantes do Império a partir de 1952, e Luís Bernardo Honwana em *Nós matamos o cão Tinhoso* (1964)<sup>87</sup>.

---

<sup>82</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 56.

<sup>83</sup> *Ibidem*, pp. 71-72.

<sup>84</sup> Ana Mafalda Leite, “Tópicos para uma História da Literatura Moçambicana”, in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, p. 71.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 261.

<sup>86</sup> Manuel Ferreira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa vol. II*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, p. 55.

<sup>87</sup> Petar Petrov, *Projecto Literário de Mia Couto*, Lisboa, Esfera do Caos, 2016, p. 12-14.

Findo o contexto colonial, em que a literatura alcançou o seu objetivo relativamente à sua função intervencionista, trazendo a consciência independentista, que conduziu ao processo forçado de descolonização das duas nações, esta continuou a ser o meio privilegiado no processo de construção identitária e nacional, mas sob a perspetiva ideológica do poder. Porém, novas razões de natureza sociopolítica que abalaram as certezas anteditas naqueloutro momento constituíram-se em motivos literários deste contexto pós-colonial<sup>88</sup>, numa espécie de descontentamento gerado no seio das elites que lideraram o processo conducente às independências, segundo José Carlos Venâncio, pelo uso que se fazia do poder<sup>89</sup>. Se durante a década de 50 do século XX os artistas foram motivados pelas circunstâncias da colonização e os textos constituíam um retrato e um grito veemente em busca de liberdade das malhas deste sistema, o alcance da independência não trouxe os ventos da liberdade sonhados pelos poetas e ficcionistas anticoloniais. O discurso de contestação redefine os caminhos literários para a tendência política que esboçara a independência do jugo colonial, tendência esta que manifesta o novo contexto, dando a este sistema literário a feição que Inocência Mata chama de “vocação política”<sup>90</sup>.

Em Moçambique, após a conquista da independência, a criação literária ficara reduzida ao modelo da chamada “literatura de combate”, numa espécie de prolongamento da literatura produzida durante a guerrilha pelos militantes da FRELIMO. Uma literatura de carácter pedagógico, que dispensava o refinamento da palavra, preocupando-se somente com a transmissão da mensagem, geralmente vinculada à ideologia do Estado que a legitimava. As primeiras reacções a esta carência criativa nos primeiros anos de independência surgem no início da década de 80 por um grupo de escritores, tornando a questão literária num espaço de debate, estando na ordem das discussões a relação entre estética, a e política e sociedade enquanto elementos importantes na construção de uma literatura nacional, a defesa de experiências intimistas na lírica e a moçambicanidade.<sup>91</sup>

Os debates dividiam os cultores da literatura entre os “novos poetas moçambicanos”, cuja orientação criativa remetia para a poesia de combate e os defensores de uma renovação estética na literatura, manifestada na antologia *A palavra é Lume Aceso*, que passava pela libertação da literatura autenticada pelo estado como canónica. Estes últimos, em que se destacam Luís Carlos Patraquim e Marcelo Panguana, são contra o princípio de que escrever, direito consagrado a todos pelo Estado, pressupunha uma predeterminação do assunto que conferisse legitimidade ou não à obra. A ideia de uma literatura revolucionária cuja criação encontraria na palavra a força dinamizadora tem os primeiros reflexos na lírica<sup>92</sup>. Porém, a ficção não tardou a entrar nesta experiência revolucionária e Mia Couto, que estreara na poesia, foi um dos primeiros. A sua primeira obra de ficção, *Vozes anoitecidas*, é representativa dessa mudança de paradigma, em que o trabalho da palavra representava o distanciamento da

---

<sup>88</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 43.

<sup>89</sup> José Carlos Venâncio, *Literatura e poder na África Lusófona*, p. 13.

<sup>90</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 31.

<sup>91</sup> Maria-Bendita Bastos, «Relendo a literatura moçambicana dos anos 80», p. 78-80.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 83.

literatura de combate e que José Craveirinha considera mesmo inscrever-se na tradição moçambicana de *Godido* e *Cão Tinhoso*<sup>93</sup>, coletâneas de contos de João Dias e Luís Bernardo Honwana, respetivamente, que remontam à literatura anticolonial. As reações à renovação da literatura moçambicana levaram *Vozes anotecidas* aos palcos de debate. Em causa estavam a cor e a proveniência do autor em relação ao ambiente retratado na obra. Esta posição inflexível é tomada pelos defensores da literatura de combate, que, desvirtuando o poder criativo do escritor, consideravam que só era capaz de representar a realidade campestre é quem lá vive e não um branco cidadão. Outrossim, olhavam para o trabalho da palavra como uma exaltação da língua do ex-colonizador<sup>94</sup>.

São, no entanto, essas obras que marcaram em meados da década de 80 do século XX a viragem da literatura esteticamente monótona dos primeiros anos de independência, que consideramos como momento de descontinuidade, para o fenómeno da cultura pós-colonial que conhecemos hodiernamente na literatura moçambicana. Os intensos debates que colocavam por um lado os cultores de uma literatura afeta à linha discursiva da política coeva<sup>95</sup> e, por outro lado, um movimento que rejeita este modelo, renovaram e alargaram a perspetiva estética e identitária do fenómeno literário, considerando por um lado a subjetividade e, do outro, a representação da realidade à margem do discurso oficial do Estado, em que o poder passa a ser questionado<sup>96</sup>.

Em Angola, a vinculação da literatura à ideologia do poder instituído com a proclamação da independência fez levantar no fenómeno literário questões associadas à exaltação patriótica e afirmação do nacionalismo que visavam a legitimação do discurso oficial, fazendo alusão a elementos como a terra, o povo, a língua, a raça, a nação, a pátria e o Estado<sup>97</sup>. São exemplos disso mesmo o romance *Nzinga Mbandi* (1975)<sup>98</sup>, de Manuel Pedro Pacavira, que resgata da histórica resistência à ocupação colonial a figura da rainha da Matamba, forjando com ela uma narrativa de pendor nacionalista ou *Estórias do musseque*, de Jofre Rocha, que evocando um passado relativamente recente, recria a eclosão do nacionalismo nas zonas periféricas de Luanda.

A legitimação da literatura ideológica favorável ao poder reflete a intervenção do novo estado na regulação da criação literária. Não é difícil, assim, compreender este fenómeno, se considerarmos a publicação de *Mayombe* (1980), de Pepetela, em relação ao período de escrita desta obra, nove anos antes, sendo que este intervalo temporal está marcado por outras publicações do mesmo autor<sup>99</sup>. Com efeito, a publicação desta obra marca o discurso literário pós-independência, que nesta década conhece uma bifurcação entre um de pendor ideológico

---

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 94-95.

<sup>95</sup> André Cristiano José, «Revolução e identidades nacionais em Moçambique: diálogos (in)confessados», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, p. 142-142.

<sup>96</sup> Francisco Noa, «Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, p. 41.

<sup>97</sup> Pires Laranjeira *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p. 164.

<sup>98</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 45.

<sup>99</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p. 164.

e nacionalista, vinculado ao poder político, e outro à margem deste discurso legitimado pelo Estado, em que a questão do nacionalismo e do patriotismo não é fulcral<sup>100</sup>. No início da década de 90, a negação do discurso ideológico, caracterizado por uma reescrita da história das décadas de guerra de libertação em *Geração da Utopia*, de Pepetela, e *Signo do fogo*, de Boaventura Cardoso, constitui o momento de afirmação deste paradigma da ficção pós-colonial<sup>101</sup>.

Tanto em Moçambique quanto em Angola, o discurso literário que floresce na década de 80 do século XX à margem do discurso político coevo recupera o seu caráter de lugar de reflexão da realidade quotidiana e do exercício do poder. Os fenómenos históricos, políticos, sociais e culturais que motivam o fenómeno literário e sobre os quais o mesmo atua tornam-na no jogo de representações, a que se refere Francisco Noa: “diluem e refazem as fronteiras entre as obras e o contexto numa reinvenção quase sempre vibrante quer do vivido quer dos artifícios compositivo que desafiam o tanto a estabilidade conceptual da arte como a da própria estrutura do real”<sup>102</sup>. Com efeito, apesar das peculiaridades que cada expressão representa, a ficção pós-colonial moçambicana e angolana, possuindo tons diversos em que atravessam o político o social e o cultural, têm no inconformismo perante a realidade, no questionamento do discurso oficial e na participação na construção da nação traços da literatura já encontrados na ficção anticolonial.

### 1.3. Representação da nação na ficção pós-colonial moçambicana e angolana

Uma das questões respeitantes à ficção das nações africanas lusófonas pós-coloniais em que convergem os seus pesquisadores está relacionada com a estreita ligação que esta mantém com as circunstâncias históricas e sociais atinentes à vida destas nações, citemos, a esse propósito, Pires Laranjeira, Inocência Mata, Francisco Noa ou Ana Mafalda Leite,<sup>103</sup>. Pires Laranjeira afirma em relação à literatura angolana deste período que “é muito difícil não existirem marcas que remetam para lugares, coisas, pessoas, linguagens factos ou tempos concretos”<sup>104</sup>. Já Francisco Noa, referindo-se à produção literária moçambicana, considera no âmbito da narrativa as temáticas da guerra civil, do quotidiano e da mulher como as axiais das obras literárias africanas de expressão portuguesa no período pós-colonial<sup>105</sup>.

Tanto as marcas referenciadas pelo primeiro quanto os temas citados pelo segundo situam as narrativas angolanas e moçambicanas nesse carácter de representação estética da

---

<sup>100</sup> *Ibidem* p. 164.

<sup>101</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 45-46.

<sup>102</sup> Francisco Noa, «Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens», p. 35.

<sup>103</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*; Inocência Mata, *A Literatura Africana e crítica pós-colonial - Reconversões*, p. 28; Francisco Noa, «As literaturas africanas, valorização do conhecimento e as redes identitárias», in Cristina da Costa Vieira, Alexandre Costa Luís, Domingos Ndele Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Luís (coord.), *Portugal África - mitos e realidades vivenciais e artísticas*, Covilhã, Serviços Gráficos da UBI, 2012, p. 92; Ana Mafalda Leite, «Imagens/temas da História e da memória colonial e pré-colonial», in Ana Mafalda Leite, Hilary Owen, Rita Chave, Livia Apa, *Nação e Narrativa Pós-colonial I*, Lisboa, Colibri, 2012, p. 15.

<sup>104</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p. 164.

<sup>105</sup> Francisco Noa, «Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens», p. 41.

nação pós-colonial cuja função transcende o estético<sup>106</sup>, pesando sobremaneira a significação dos factos recriados e a realidade extraficcional que caracteriza a vida dos povos sobre os quais se possa repesar a realidade, através de um olhar sobre os seus trilhos e sobre o estado, sugerindo uma nova perspetiva de nação. Pois, como afirma Inocência Mata, «a obra literária é um objeto simbólico muito importante na construção identitária, sobretudo em espaços políticos emergentes, que vivem de forma por vezes inconsequente a sua pós-colonialidade»<sup>107</sup>. Ana Mafalda Leite coloca essa representação ficcional nos lugares não iluminados pelos conhecimentos históricos e antropológicos:

Se a historiografia não permite, a maioria das vezes, a abordagem das narrativas marginais, das vivências esquecidas, e das emoções que com elas foram experienciadas, a literatura pode ser campo para invenção de diversas formas de narratividade, em que a pesquisa histórica e antropológica repõe acontecimentos e eventos singulares, envolvidos no desconhecimento ou caído no esquecimento.<sup>108</sup>

Um dos desafios com que se confrontaram as literaturas moçambicana e angolana poucos anos depois da conquista das independências foi o de contribuir no processo de construção nacional. A complexa questão da identidade nacional foi cedo percebida por alguns escritores. A ideologia de identidade difundida pelos africanistas que influenciaram e conduziram a luta de libertação das colónias africanas caracterizava-se por uma conceção essencialista que recusava os processos dinâmicos sobre os quais assenta a existência humana, sugerindo para a África, então colonizada, uma libertação que consistia tanto no abandono físico dos europeus, quanto na negação da secular influência destes sobre o sistema identitário, o que significava um retorno à autenticidade pré-colonial<sup>109</sup>. Vale referir que tal conceção vingou naquele contexto de luta; no entanto, mostrou-se retrógrada após o alcance das independências, na medida em que as sociedades manifestaram as mudanças culturais decorrentes daquele encontro, apresentando as características identitárias modernas sugeridas por Douglas Kellner em *A Cultura da Mídia*, isto é, “mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações”<sup>110</sup>.

O entendimento do que significaram na prática os largos anos de relação colonial foi o ponto de viragem da conceção do que seriam as identidades nessas nações emergentes: por um lado, reuniam em si as várias etnias correspondentes aos diferentes reinos pré-coloniais e, por outro lado, indivíduos de origem europeia que, não estando ligados aos substratos culturais africanos, refletiam as mutações das quais não escapam as culturas em contacto, sobretudo daqueles que são subjugados. A unificação das diferenças referentes à pluriculturalidade (multi-etnicidade e multilinguismo) assinalada pelos distintos grupos não se decidia pelos discursos e slogans unificadores do projeto nacionalista que sugeriam uma anulação das

<sup>106</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 51.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>108</sup> Ana Mafalda Leite, «Reescrever os limiares da história para repensar a nação» in Ana Mafalda Leite, Hilary Owen, Rita Chave e Lúvia Apa, *Nação e Narrativa Pós-colonial I*, Lisboa, Colibri, 2012, p. 109.

<sup>109</sup> Ana Margarida Fonseca, *Percurso da Identidade: apresentações da nação na literatura pós-colonial de Língua Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian FCT, 2012, p. 9.

<sup>110</sup> Douglas Kellner, *apud* Petar Petrov, *Projecto Literário de Mia Couto*, p. 67.

fronteiras étnicas a favor de uma pretensa identidade nacional, mas no reconhecimento destas fronteiras que refletem os outros, enquanto etapa um sentido global. Tal é a consideração de Inocência Mata relativamente às obras *Yaka* (1984) e *Lueji- o nascimento de um império* (1989), de Pepetela<sup>111</sup>.

Essa reação contra a noção essencialista de identidade do projeto nacionalista é também observada em Mia Couto, que em *Pensatempos* conseidera:

O que está errado sim, é tentar criar hierarquias: os que são mais moçambicanos, os que são menos moçambicanos.

(...)

A verdade é que não existe ninguém que seja «puro». A nossa espécie humana é toda ela feita de mestiçagens. Há milhões de anos que nos andamos cruzando, trocando genes, traficando valores. Fomos capazes de sobreviver por causa dessa diversidade. Não há ninguém (...) que não possua uma identidade múltipla e plural”<sup>112</sup>.

Como assinala Petar Petrov:

O tema da identidade [em Mia Couto] encontra melhor concretização no enredo dos seus romances. A convivência de culturas diferentes na conjuntura social moçambicana e a preocupação com a alteridade dos diversos sistemas identitários ocupam um lugar de relevo. O leque de personagens, por exemplo, consegue fornecer a imagem de uma miscigenação cultural devida à presença de grande variedade de raças e respetivos costumes.<sup>113</sup>

Deste modo, nas narrativas pós-coloniais, a questão da identidade é representada sob o prisma de um “construto variável, múltiplo e contextualmente determinado”<sup>114</sup> em que pesa deveras o substrato cultural, mas também as mudanças produzidas pelas circunstâncias históricas configuradoras da contemporaneidade das nações, de um sistema que compreende vários outros, coletivos e individuais<sup>115</sup>. Nisto concordamos com Mia Couto quando assevera que a sua obra *Terra Sonâmbula*, de que os eventos narrados são remissivos à guerra civil que se instalou na sociedade moçambicana logo nos primeiros anos de independência, é uma “metáfora de um país que procura a sua identidade”<sup>116</sup>, pois, entre os motivos que deram lugar às situações exploradas na obra, não ficam de parte a ignorância e consequente suspeitas em relação à alteridade. O próprio protagonista do romance insere-se nesta metáfora, na medida em que é filho de pai branco europeu e mãe negra.<sup>117</sup>

Nisto justifica-se o facto de ser na década de 80, período de verdadeira instabilidade sociopolítica, que tanto na literatura moçambicana quanto na literatura angolana a representação da pós-colonialidade ganha a sua afirmação. Este momento reflete, por um lado,

---

<sup>111</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 47.

<sup>112</sup> Mia Couto, *Pensatempos*, Lisboa, Caminho, 2005, p. 89.

<sup>113</sup> Petar Petrov, *Literário de Mia Couto*, p. 94. Acrescento nosso.

<sup>114</sup> Ana Margarida Fonseca, *Percurso da Identidade: apresentações da nação na literatura pós-colonial de Língua Portuguesa*, p. 2.

<sup>115</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 60.

<sup>116</sup> Petar Petrov, *Literário de Mia Couto*, p. 68.

<sup>117</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p.126-131.



a condição de desassossego perante a interferência do poder político sobre a criação literária marcada nos primeiros anos após o nascimento de ambas as nações; por outro lado, a preocupação de vincular as manifestações literárias aos fenómenos que tocavam a vida dessas nações a nível histórico, político e identitário, enquanto meio de revelação e apreciação do processo de construção nacional, através do qual tanto as experiências coletivas quanto as individuais representassem os valores augurados pela sociedade. Nelson Saúte, nome emergente neste contexto em Moçambique, considera que a proximidade às circunstâncias e ao tempo representa uma missão constituinte de construção da nação moçambicana e da identidade que cabia à literatura, pelo que era necessária, ainda que em condições desconfortantes<sup>118</sup>. Em Angola, Pepetela manifesta, a princípio, essa tendência literária de abordagem de circunstâncias históricas, através da representação de um real que se afasta substancialmente do ideal coletivo de nação presente no discurso literário nacionalista<sup>119</sup>. Este real que reflete uma contribuição no processo de construção da nação prenunciado em *Mayombe*<sup>120</sup>.

A questão da conjuntura social constitui também um tema no qual a nação se vê representada na literatura, que muitas vezes não se dissocia da questão quase sempre presente da identidade, na medida em que tais representações têm implícita uma expressão de inquietude, que convida a olhar para a consciência nacional visando a reformulação do seu ideário ideológico, sociocultural e político. Peter Petrov resume o tema da conjuntura social na obra de Mia Couto na crise social, económica e cultural que caracteriza a sociedade pós-colonial moçambicana. O ensaísta chama para este tema problemas como o racismo e a segregação, a subalternização da mulher alicerçada nos padrões da cultura tradicional, a guerra civil, a miséria da grande maioria em acentuada desarmonia com a vida afortunada de uma minoria, o abuso do poder de dirigentes administrativos, o desrespeito pela cultura tradicional, a subserviência perante o estrangeiro, a instabilidade em que se encontra o povo<sup>121</sup>. Problemas que, embora o ensaísta restrinja à obra de Mia Couto, preenchem a atividade criativa de vários autores moçambicanos do período em apreço. Assim, Lília Momplé em *O olho da cobra verde* também aborda a guerra civil; Paulina Chiziane, em *Niketche* e Suleiman Cassamo no conto “Ngilina tu vai morrer” da coletânea *O regresso do morto*, tematizam a marginalização da mulher; e Lília Momplé no conto “Stress” da coletânea *Os olhos da cobra verde*, aborda a pobreza, os horrores da guerra e a corrupção. Do mesmo modo, na ficção angolana, a temática da conjuntura social levanta problemas que afetam a nação pós-colonial, tais como a guerra civil e suas consequências ainda visíveis, seja em termos materiais seja psicológicos; a acentuada desigualdade económica, sendo de pobreza extrema para a maioria e riqueza para uma minoria, violência física e psicológica sobre mulheres e crianças; corrupção e oportunismo; e perda dos valores morais. Utilizando uma estratégia discursiva que passa geralmente pela

---

<sup>118</sup> Nelson Saúte, «Escrever e (Sobre)vivier em Moçambique», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, p. 225.

<sup>119</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 45.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p.47.

<sup>121</sup> Petar Petrov, *O projecto Literário de Mia Couto*, p. 71-74.

recuperação e reinvenção do passado, um passado não já bastante distante, mas próximo, os escritores questionam o presente, em certa medida inquietante, da nação bem como as perspectivas futuras. Figuras entre os seguidores desta tendência romancistas como José Eduardo Agualusa, Boaventura Cardoso, Pepetela, José Luís Mendonça. Inocência Mata aponta o penúltimo atrás referido como aquele em que este tipo de representação se cultiva com maior regularidade<sup>122</sup>.

Um exemplo da estratégia discursiva em que o passado é revisitado através da memória individual para questionação do presente é observada na obra *Se o Passado não Tivesse Asas*, de Pepetela. A primeira ação explora questões relacionadas com o duro período de guerra civil, onde são resgatados os anos mais angustiantes de uma criança que, embora salva da guerra onde perde a família, enfrenta uma realidade de miséria extrema, violência e o pesadelo de carregar o mundo sem família. Contornado o passado, na segunda ação, decorridos dez anos de paz, esta mergulha no oportunismo, influenciada pelos filhos dos novos ricos da cidade, apoderando-se, através do recurso à prática da corrupção, do restaurante da patroa falecida, cujo filho, legítimo herdeiro, é demente. Com efeito, entende-se tanto no enredo quanto na vida de Himba/Sofia e uma metáfora da trajetória da própria nação que simplesmente ironiza os horrores de um passado recente, vivendo levemente o presente.

Fica evidente na atitude de Diego, que deixa a casa para viver com um amigo forasteiro, bem como nas palavras proferidas por Sofia no último diálogo com aquele, em que afirma ser o país de Diego<sup>123</sup>, como esse romance, à imagem de muitos outros, funciona como uma escrita que procura iluminar caminhos pelos quais trilha a nação, em que a convocatória de um conjunto de questões sociais insufla reflexões que se traduzem nos rumos almejados para países construção.

Em suma, a ficção angolana e moçambicana é um espaço de problematização, de interrogações das questões quotidianas, do imaginário identitário, buscando na própria nação matéria e um tom de inconformismo e de compromisso reinventor de fenómenos que traduzem a pós-colonialidade, atribuindo ou sugerindo novos significados à essência nacional. A nação é, por essa via convidada a olhar para si, para a sua condição e a reformular o seu ideário sociocultural e político, o seu funcionamento ideológico, instaurador de uma consciência de classe, como afirma Inocência Mata.<sup>124</sup>

---

<sup>122</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 52.

<sup>123</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 371.

<sup>124</sup> Inocência Mata, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, p. 51.

# CAPÍTULO II - A PERSONAGEM EM TEXTO NARRATIVO

## 2.1. Considerações preliminares

Neste capítulo, a relevância de uma abordagem em torno das teorias sobre a personagem, uma das cinco categorias configuradoras da estrutura do texto narrativo e à volta da qual este se tece, fundamenta-se na noção de que o elemento estabelecido como objeto do nosso estudo, o protagonista, se situa precisamente neste domínio.

O protagonista representa uma subcategoria que reflete a proeminência de uma personagem em relação às outras no enredo, através de determinadas singularidades a nível das suas ações e de um acompanhamento privilegiado e contínuo por parte do narrador, o sujeito do discurso. A reflexão à volta desta entidade diegética implica, além de uma prática baseada na natureza do seu ser, um exercício de aliança e confrontação com os outros intervenientes situados no mesmo universo de inter-relação, e com as outras categorias, porquanto é na relação com os seus semelhantes que as ações e valores de uma personagem definem o seu relevo, isto é, um lugar na hierarquia dos agentes.

O protagonismo infantil retratado nas obras que examinamos nesta dissertação enquanto repúdio às guerras civis pressupõe um conhecimento claro do objeto, bem como das teorias recentes sobre a personagem, pois este conhecimento determina as contingências de uma análise sistematizada, ao proporcionarem um aparato de noções deste domínio, necessárias à cientificidade da reflexão. Portanto, procurámos basear-nos em preceitos teóricos desta categoria, que sirvam depois de instrumento condutor da interpretação, pois nos parece que ligar o literário ao histórico-social da pós-colonialidade moçambicana e angolana demanda uma relação destes elementos imanentes à socio-crítica. Como diz Tynianov, «o estudo isolado de uma obra não nos dá a certeza de estarmos a falar corretamente da sua construção e até da construção da própria obra»<sup>125</sup>. Cristina Vieira, nesta mesma linha de pensamento, considera fundamental para uma análise da construção da personagem romanesca o conhecimento do contexto histórico do enredo retratado e da vida do autor<sup>126</sup>.

Já não constitui novidade que a noção de personagem é extensiva a vários géneros de arte e aos vários modos literários. É no modo narrativo, porém, sobretudo no romance, que esta apresenta contornos mais complexos. Isto decorre do facto de, por um lado, nela recaírem “instâncias do discurso ao nível da narrativa, e às quais estão conectados processos ligados a questões cronotrópicas, focalizações, descrições e comentários do narrador”<sup>127</sup>, e, por outro lado, se assinalar por uma profundidade a nível da sua construção axiológica favorecidas pelas potencialidades linguísticas, retóricas, narratológicas e semiótico-contextuais<sup>128</sup>. Assim, esta

---

<sup>125</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 466.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 468.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 232-233.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 346.

complexidade caracterizada pela sua centralidade a nível narratológico, bem como as suas propriedades semióticas e axiológicas têm alargado as bases teóricas da personagem, favorecendo estudos variados, tanto imanes à literatura e como interdisciplinares.

Na rede das categorias da narrativa, constituída pela ação, tempo, espaço narrador e personagem, esta última destaca-se enquanto elemento ao redor e por meio do qual se desenrolam todos os acontecimentos, na medida em que a sua atuação perante as circunstâncias, seja como ação seja como reação, seja ela voluntária seja involuntária, dá corpo ao relato, ou seja, é das personagens, num plano espacial e num lapso temporal, que decorrem as ações conformadoras do facto de que se serve o narrador. A assertiva de Roland Barthes citada por Vítor Manuel de Aguiar e Silva assegura essa posição fundamental e central desta categoria: “sem personagem, ou pelo menos sem agente não existe verdadeiramente narrativa, pois a função e o significado das ações ocorrentes numa sintagmática narrativa dependem primordialmente da atribuição ou da referência dessas ações a uma personagem ou a um agente”<sup>129</sup>. Outro estudioso que observa essa posição privilegiada da personagem sobre os outros elementos diegéticos é Philippe Hamon, que a considera o suporte das redundâncias e das transformações semânticas ocorridas na narrativa. Para o ensaísta, «esta é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz»<sup>130</sup>. Estes dois elementos, essência e ação, que configuram a noção de personagem, motivam abordagens desta figura enquanto signo e enquanto signo narrativo, respetivamente<sup>131</sup>. A primeira, orientada para uma análise da personagem enquanto unidade discreta e cuja delimitação no plano sintagmático e integração numa rede de relações paradigmática são favorecidas pelo nome, a caracterização, o discurso da personagem, que são portadores de sentido que conformam uma semântica da personagem; a segunda orientada para a análise da sua funcionalidade e do seu peso na economia da narrativa<sup>132</sup>.

Com uma pertinência cada vez mais atual a nível dos estudos literários, as reflexões sobre a figura da personagem foram estimuladas por Aristóteles. Este, a partir do conceito de *mimesis*, levantou dois aspetos importantes, nomeadamente a personagem como reflexo da pessoa humana, e a personagem como uma construção cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto<sup>133</sup>. Os estudos que se seguiram a Aristóteles até aos pensadores da primeira metade do século XVIII foram dominados por essa perspetiva da imitação, uma perspetiva de representação, considerando a relação personagem e pessoa na ótica da moralidade humana, fundamentada na relação arte/ética, sendo as figuras do universo fictício um modelo, isto é, fonte de aprimoramento moral. Enquadram-se neste lapso de tempo

---

<sup>129</sup> Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 8ª ed., 2011, p. 687.

<sup>130</sup> Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de narratologia*, Coimbra, Almedina, 3ª ed., 1991, verbete personagem, p. 307.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 307-308.

<sup>132</sup> *Ibidem*.

<sup>133</sup> Beth Brait, *A personagem*, São Paulo, Ática, 5ª ed, 1993, p. 28-29.

pensadores como Horácio, na Antiguidade Latina, Philip Sidney (1554-86) e John Dryden, no século XVII<sup>134</sup>.

Na segunda metade do século XVIII e durante o século XIX, ocorre uma renovação da concepção da personagem, muito por conta de uma visão psicologizante, que lhe atribui o cunho da representação do universo psicológico do seu criador. As transformações registadas neste período a nível da literatura, tais como o abandono dos modelos clássicos de literatura e o surgimento de um novo género, o romance, adequado ao gosto da classe burguesa, que então se afirmava definitivamente em termos sociais e económicos, representando temas como sentimentos, crítica social e política e experiência humanas, foram determinantes para a sua efetivação. Este momento de um novo estilo romanesco, teve repercussão nessa perspetiva de reflexão sobre a personagem, que passou a ser considerada como a revelação da alma do escritor, estudada no século XIX sob o impulso da Psicologia e da Sociologia.<sup>135</sup>

No século XX, as transformações que ocorrem a nível da criação dos textos ficcionais, destacando-se escritores como Kafka, Virginia Woolf e James Joyce, trouxeram significativas renovações na abordagem do fenómeno literário em geral e da personagem em particular. O rigor empregue nestas reflexões, que pretendia o conhecimento da literatura enquanto uma manifestação da linguagem, foi de grande valia. No que concerne propriamente à personagem, o abandono das preocupações antropomorfizadas, isto, da figuração realista a nível físico e psicológico, faz cair a base mimética e moralizante aristotélica, o que constitui a maior clivagem na construção da personagem desde os tempos aristotélicos. O francês Valéry em *Tel Quel* afirmou sobre as personagens: “ces vivants sans entrailles”, isto é, seres vivos sem entranhas ou psicologia humana. Trata-se de um aviso quanto à confusão pessoa/personagem<sup>136</sup>. E teremos isso em conta nesta dissertação.

Outra proposta inovadora deste período veio do britânico Edward Morgan Forster, na obra *Aspect of novel* (1927), em que observa, entre outras questões, a distinção entre pessoa e personagem, elevando esta última ao plano da ficção e da linguagem, ao interpretá-la como massas verbais esboçadas pelo romancista através da afinidade que tem consigo enquanto humano, atribuindo-lhe características como nome, sexo, fala, gestos e comportamentos<sup>137</sup>. Este ensaísta classifica as personagens de acordo com os seus predicados e ações em *planas* e *redondas*:

Podemos dividir os personagens entre planos e redondos. Personagens planos eram chamados no século XVII de “humours”, e são ora chamados de tipos, ora de caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma idéia ou qualidade simples; quando neles há mais do que um fator, apreendemos o início de uma curva na direção dos redondos.<sup>138</sup>

---

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 35-37.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 37-38.

<sup>136</sup> Cf Paul Valéry, «Littérature» in *Tel Quel. Choses Ties Moralités. Littérature. Cahier B*, apud Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 39.

<sup>137</sup> E. M. Forster, *Aspectos do Romance*, São Paulo, Globo, 4ª ed., 2005, p. 44.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 57.

Forster apresenta uma proposta na qual a personagem é integrada numa relação com outros elementos da obra cujas contingências de análise se definem nos limites da ficcionalidade e da linguagem.<sup>139</sup>

Muito significativas foram também as contribuições dos formalistas russos, considerando a obra literária como um sistema de signo organizado e procurando nesta organização intrínseca o material e o procedimento construtivo que confere o estatuto de sistema particular. A propósito da personagem, a sua conceção em termos funcionais no sistema, propostas por Propp na *Morfologia do Conto*, estimulou uma vaga de ensaístas e tais como Roman Jakobson, Lévi-Strauss, Tzvetan Todorov, Claude Bremond, Roland Barthes, Julian Greimas a explorarem essas possibilidades de análise estrutural da narrativa<sup>140</sup>. Destacamos dentre estes Greimas, que, retomando o funcionalismo proppiano, desenvolveu na sua *Semântica Estrutural. Pesquisas de método* um sistema actancial constituído por seis actantes, e que resumem através da função a infinidade das personagens narrativa: Sujeito/Objeto, Destinado/Destinatário, e Adjuvante/Oponente.<sup>141</sup>

Um novo salto nos estudos da personagem é conseguido com a perspetiva semiológica de Philippe Hamon. Afastando-se das abordagens puramente estruturalistas, considera a personagem antes como um signo integrado na mensagem composta por signos linguísticos, possuindo, enquanto unidade de um sistema, um significante e um significado, referencialidade ou não, protagonismo ou não, heroicidade ou não. Para evitar redundâncias, alguns desses aspetos do seu estudo serão tratados com maior detalhe adiante.

Merece ainda referência a nova tipologia da descrição da personagem narrativa proposta por Cristina da Costa Vieira, na qual, assumindo uma posição desconstrutivista dos modelos binários estruturalistas de descrição, estabelece, baseando-se na lógica gradativa de descrição de inúmeras personagens, sete parâmetros de análise: enquadramento narrativo da descrição; a extensão; a pormenorização; a instância descritiva; a matéria descritiva; a valoração; e a ortodoxia<sup>142</sup>. Tais parâmetros constituem uma renovação, mas também as modalidades de análise que estes presidem, refletindo os processos aplicados na descrição, bem como a admissão da gradação na análise dos polos de descrição. Assim, o enquadramento narrativo da descrição pode ocorrer através de um quadro delimitando e pormenorizado da personagem no início ou através da dispersão ou espraio descritivo da personagem, juntamente com a ação. A extensão, processo referente ao espaço narrativo ocupado pela descrição, por um lado, pode ser entendido numa perspetiva quantitativa e não qualitativa, uma vez que a duração não espelha necessariamente o seu detalhamento; por outro lado, enquanto soma de todos os momentos descritivos de uma personagem. A pormenorização remete para o grau de detalhamento, abarcando processos como a anulação descritiva, a

---

<sup>139</sup> Beth Brait, *A personagem*, p. 40-41.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 43-44.

<sup>141</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 27.

<sup>142</sup> *Idem*, «Para uma nova tipologia da descrição da personagem narrativa», in Carlos Reis e Marisa das Neves Henriques (coord.), *Revista de Estudos Literários* nº 4, *Personagem e Figuração*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa/ Faculdade da Universidade de Coimbra 2014, p. 128-129.

esquematisação e a hiperprecisão. Concernente à instância descritiva que corresponde à entidade descritiva de uma personagem, que pode ser o narrador, a própria personagem ou outra personagem, considera-se uma renovação o acréscimo à dicotomia retrato/autorretrato a modalidade do hétero-retrato enquanto processo pelo qual uma personagem é descrita por outra. Também quanto à matéria descritiva corresponde a uma renovação a introdução da descrição compósita à dicotômica descrição física/ descrição psicológica. A nível da valoração, remetendo para a apreciação da personagem proporcionada pela descrição, desconstrói uma análise baseada apenas nos eixos eufórico e disfórico, considerando a esse nível o neutro e o problemático. Quanto à ortodoxia, coloca num polo personagens ortodoxas, refletindo verosimilhança da personagem e dos espaços em que se inserem e coerência com o contexto interno e externo da obra do princípio ao fim, e no outro polo, personagens heterodoxas, que subvertem esta verosimilhança e coerência, encontrando-se ressalvas na gradação, podendo umas personagens ser mais heterodoxas do que outras.<sup>143</sup>

## 2.2. Relevo do protagonista

A noção de protagonista na ficção literária está associada à tipologia formal do relevo. Esta categoriza as personagens segundo uma hierarquia determinada pela referência aos seus atributos e pela pertinência das suas ações. Assim sendo, o protagonista encontra-se no topo desta hierarquia pois é sobre as ações que recai a maior carga de atenção do narrador e também o discurso narrativo lhe conferem tal posição. A consideração da subcategoria do protagonista pressupõe o reconhecimento de outras subcategorias desta tipologia, pois ao redor dela gravitam outras, também categorizadas em função da intervenção no enredo. Neste domínio, a ordem de classificação está assim estabelecida: personagem protagonista, em torno da qual a narrativa discorre; personagens secundárias, com uma função menos relevante do que a primeira; personagens figurantes<sup>144</sup>. A presença da personagem figurante na narrativa não tem pertinência no desenrolar dos acontecimentos, contribuindo apenas para ilustrar o espaço social, tornando-o mais verosímil.<sup>145</sup>

Entre as personagens secundárias, umas têm participação marcadamente secundarizada, outras, porém, nalguns casos, têm participação muito próxima à do protagonista, pela ligação estreita que mantêm com este, levando aprioristicamente à noção da presença de mais do que um protagonista, exigindo do leitor ou do crítico literário uma análise rigorosa sobre a funcionalidade de cada uma para reconhecer o protagonista. Nas obras em análise, pensamos estar diante do desafio de situar nesta hierarquia cada uma das personagens apresentadas no centro das narrativas em estudo, isto é, o protagonista e uma personagem secundária muito próxima a si, na medida em que tanto numa obra quanto noutra parece, em primeira instância, haver dois protagonistas. Em *Terra Sonâmbula*, a trajetória do

---

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 128-158.

<sup>144</sup> Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de narratologia*, verbete “personagem”, p. 308.

<sup>145</sup> *Ibidem*, verbete: “figurante”, p. 157-158.

menino Muidinga é feita na companhia do velho Tuahir, a quem o narrador dá primazia na descrição. Do mesmo modo, em *Se o Passado não Tivesse Asas*, Himba mantém uma irmandade adquirida com Kassule e ambos parecem partilhar a relevância funcional na economia da narrativa. Esta ideia apriorística de partilha do protagonismo é acentuada pelo facto de Kassule conservar, perante circunstâncias hostis, uma conduta moralmente valorizada e estar presente no espaço em que se dá o desenlace. Será então que cada umas das obras referenciadas apresenta dois protagonistas?

A resposta a essa questão, fundamental para uma abordagem inequívoca dos protagonistas no próximo capítulo, implica um recurso aos critérios de filtragem estabelecido por Philippe Hamon no seu estudo sobre o estatuto semiológico da personagem. O ensaísta atribui a distinção entre o protagonista e as personagens secundárias a elementos como ênfase, focalização, modalização do enunciado por fatores particulares que acentuam determinada personagem, intervindo, para tal, diversos processos que podem ser estilísticos ou ligados aos códigos culturais. Na sua visão, os processos estilísticos podem ser táticos, quantitativos, gráficos, morfológicos ou prosódicos, todos eles realçando a figura do protagonista<sup>146</sup>. Quanto aos códigos culturais, enquanto critério, que favorece esta distinção, o autor chama a atenção para a participação em espaço moral privilegiado, que será em regra o lugar do protagonista, um lugar rebatido pelo próprio ensaísta por não constituir um elemento constante<sup>147</sup>.

Assim, Philippe Hamon ressalta cinco elementos constantes pelos quais se distingue o protagonista das outras personagens numa narrativa, nomeadamente qualificação diferencial, distribuição diferencial, autonomia diferencial, funcionalidade diferencial e pré-designação convencional<sup>148</sup>. Interessa-nos neste âmbito focar os três primeiros, pois parecem oferecer traços bastantes que possibilitam situar o protagonista.

A qualificação diferencial considera a distinção do protagonista relativamente às outras personagens a partir de qualificações que esta possui ou em exclusivo ou em maior proporção. Agrega elementos como o nome, alcunha e apelido, a descrição física, a linhagem, traços físicos, heroísmo explicitado e motivação psicológica.<sup>149</sup>

A distribuição diferencial considera o envolvimento acentuado da personagem nas sequências de maior ou menor relevo que fazem avançar a história, bem como a frequência nas ações. Isto é, a personagem aparece constantemente ao longo da narrativa.

A autonomia diferencial considera a atuação da personagem em determinadas sequências sem colaboração de outras personagens<sup>150</sup>. A este propósito, salienta Cristina da Costa Vieira que «os protagonistas vão-se destacando das demais personagens por aparecerem em sequências que dispensam a comparticipação de outras personagens, enquanto as personagens secundárias e as figurantes, estas num grau ainda maior, não detêm total

---

<sup>146</sup> Philippe Hamon, «Para um estatuto semiológico da personagem», in Françoise Van Rossum-Guyon, Philippe Hamon, Danièle Sallenave, *Categorias da narrativa*, trad. Cabral Martins, Lisboa, Vega, s/d, p. 82.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p. 82-83.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>149</sup> *Ibidem*.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 241.



autonomia»<sup>151</sup>. No caso de aparecimento acompanhado de outra personagem, Philippe Hamon observa que a distinção será expressa a partir do monólogo de que só a personagem principal dispõe.<sup>152</sup>

Nesta ordem de ideias, seguindo Hamon, interessa ainda a sua definição de personagem como uma espécie de morfema duplamente articulado, comportando um significante descontínuo (o nome e seus substitutos situados num mesmo eixo paradigmático) e um significado também descontínuo porque é carregado progressivamente no discurso através dos atributos e das ações, O ensaísta elucida como uma personagem se define diferencialmente face às outras personagens do enunciado:

O que diferencia uma personagem P<sub>1</sub> de uma personagem P<sub>2</sub> é o seu modo de relação com as outras personagens da obra, isto é, um jogo de semelhanças ou diferenças semânticas. Estas semelhanças e diferenças localizam-se em relação a um certo número de eixos semânticos distintos, caracterizados pela sua recorrência, e para os quais remetem, ou não, as personagens.<sup>153</sup>

A análise desta distinção permite o estabelecimento de uma hierarquia a nível do peso das personagens, colocando no topo, naturalmente, o protagonista. Há paradigmas de predicados funcionais que essas personagens podem possuir ou não. Esta análise parte da instituição de eixos semânticos pertinentes numa hierarquia com vista a diferenciar as personagens. Faz um confronto complementar entre as qualificações e as funções, isto é, as ações assumidas por estas no decorrer da narrativa, distinguindo, deste modo, as mais atuantes. Assim, o estabelecimento de uma escala gradativa num mesmo eixo semântico, considerando os critérios quantitativos, qualitativos e funcionais, será necessário em caso de duas personagens do topo de hierarquia se apresentarem semelhantes.<sup>154</sup>

## 2.3. Tipos de protagonistas

Conforme ficou assinalado anteriormente, a partir de Philippe Hamon, é protagonista a personagem que numa hierarquia determinada, pelas suas ações, ocupa o topo, distinguindo-se das outras pela sua qualificação, distribuição, autonomia e funcionalidade. Todavia, estes factos não dão conta de outros aspetos igualmente importantes para a construção da personagem. Philippe Hamon dá conta disso no final do citado ensaio, mas sem revelar a questão. Anos mais tarde, consegue explorar essa transformação de uma personagem protagonista em herói, no livro *Texte et Idéologie*, em 1984<sup>155</sup>. Com efeito, são os fatores axiológicos, e semiótico-contextuais, e ainda a canonicidade ou heterodoxia da focalização que podem estabelecer os tipos de protagonistas. O primeiro elemento permite-nos classificar o protagonista em herói, vítima, vilão ou caricatura; o segundo, baseado na referencialidade, em

---

<sup>151</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 241.

<sup>152</sup> Philippe Hamon, «Para um estatuto semiológico da personagem», p. 84.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 89-96.

<sup>155</sup> Philippe Hamon, *Texte et Idéologie*, Paris, Quadrige/PUF, 1984 ed. ut.: 1997, *apud* Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 352.

histórico, mitológico e tipo social, o terceiro, em protagonistas canónicos e protagonistas apócrifos. Assim, esta é a ordem que seguiremos para a descrição destes tipos.

A relação hoje existente entre o conceito de protagonista e de herói é de hiperonímia/hiponímia, na qual o último é um hipónimo do primeiro, significando que ser protagonista não pressupõe necessariamente ser herói. Esta noção está assente nas renovações que a personagem central tem vindo a sofrer como reflexo das mudanças históricas, e consequentemente, do pensamento social, que ao repercutir nas manifestações literárias produzem novos conceitos ou uma atualização dos já existentes. Neste sentido, a conceção de herói literário conheceu ao longo da história modificações que em certa medida o desligaram de uma sinonímia que mantinha com a de protagonista. Como observa Cristina da Costa Vieira, um alerta em relação a esta falaciosa equivalência data de 1977 e é Philippe Hamon quem o faz<sup>156</sup>. Entretanto, parece-nos pertinente um breve recurso à história a fim de esclarecer tais mudanças, que será também um ponto de partida para o entendimento desta tipologia de protagonista quanto ao processo axiológico da intencionalidade em que se insere o herói e outros tipos de protagonistas que hoje povoam o universo da narrativa.

Nas narrativas da Antiguidade Clássica existiu uma equivalência entre protagonista e herói, na medida em que o primeiro correspondia necessariamente ao segundo, porquanto este acumulava em si predicados de facto heroicos, socialmente valorizados, tais como a valentia, a coragem, a força moral<sup>157</sup>, a honradez, a excelência<sup>158</sup> e aptidão para a realização de ações elevadas, concedida pelos deuses, merecimento que advinha do facto de este ser fruto da relação de uma figura divina com outra humana<sup>159</sup>. Neste período, o protagonista devia ser um herói façanhoso, cujas ações e conquistas o retiravam do lugar do comum dos homens, elevando-o a uma categoria intermédia entre deuses e homens, ou seja, eram semideuses, granjeando, por isso, dos leitores simpatia que o transformavam em modelo social. Assim são exemplos de protagonistas-heróis da Antiguidade Aquiles, Ulisses e Eneias nas epopeias *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida*, respetivamente.

Construídos com características apoiadas no herói clássico, e mantendo, portanto, a mesma conceção heroica do protagonista que gere a narrativa através de ações extraordinárias, está o das novelas e romances medievais de cavalaria, mas sobretudo o do Renascimento que, como observam Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, “corporiza a capacidade de afirmação do Homem, na luta contra as adversidades dos deuses e dos elementos”.<sup>160</sup>

Ao contrário destes protagonistas semidivinos de modelo clássico, o romance moderno, a grande narrativa que substituiu aquela, seja em termos estéticos seja a nível da visão

---

<sup>156</sup> Cristina da Costa Vieira, «Horácio em *A Lã e a Neve* (1947): um herói neorrealista?» in José Maria Silva Rosa, Ricardo António Alves, *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro: releitura travessia, metamorfose*, Covilhã, UBI, 2017, p. 126.

<sup>157</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, São Paulo, Culturix, 12ª ed., 2013, verbete “herói/heroína”, p. 226.

<sup>158</sup> Aristóteles de Almeida Lacerda Neto, *Dom Quixote e Fogo Morto, um estudo comparado*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Universidade Federal de Paraíba, 2016, p. 3.

<sup>159</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, verbete “herói/heroína”, p. 225.

<sup>160</sup> Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de narratologia*, verbete “herói”, p. 187.

histórico-social<sup>161</sup>, trouxe mudanças na construção do protagonista, correspondendo à afirmação da individualidade, muito favorecida pela sua organização em prosa<sup>162</sup>. Este novo herói é representativo da sociedade coeva. Diferente do herói de modelo epopeico, este apresenta uma natureza puramente humana, internamente inacabado, sendo esta natureza íntima que o individualiza um dos principais elementos explorados por este gênero. Se na epopeia o herói se individualizava por acumular em si a totalidade das qualidades harmonizadas com os padrões sociais, que o transformam sempre em modelo, a individualização deste novo herói está ligada a fatores psíquicos que podem estar em harmonia com determinadas normas vigentes no seu meio social, mas vivendo um conflito para alcançá-las na sua plenitude. É esta natureza tipicamente humana a marca privilegiada do novo herói<sup>163</sup>. Carlos Reis e Ana Cristina Lopes apontam para estas duas perspectivas ao considerarem o Renascimento e Romantismo como os períodos privilegiados para a configuração de heróis, sendo o primeiro a representação das grandes façanhas do Homem e o segundo, a do indivíduo no contexto histórico-social diverso e o seu conflito com este contexto explorado pelo seu aprofundamento axiológico<sup>164</sup>.

Este aprofundamento da natureza inacabada do indivíduo, do desacordo com a totalidade do sistema de normas sociais circundantes, no século XIX, deu lugar a outro tipo de protagonista, o anti-herói, termo empregue por Dostoievski<sup>165</sup>. É importante referir que o romantismo gótico inglês produzira já romances cujo protagonista é vilão. É o caso de *Dracula* de Stoker<sup>166</sup>. O termo anti-herói alude ao protagonista cujos predicados e ações o situam no lugar inverso ao do herói<sup>167</sup>. A sua construção assenta nos processos axiológicos da vilanização<sup>168</sup> e anomização<sup>169</sup> tratados por Cristina Vieira. Tanto o herói epopeico como o herói dos romances românticos possuem traços qualificados como positivos, merecedores de apreciação, conquanto este último revele, se comparado ao primeiro de essência semidivina mítica, uma redução ao nível humano com as suas imperfeições, porém representando os valores de uma classe<sup>170</sup>. O surgimento do anti-herói representa a acentuação da desvalorização do protagonista herói no sentido da sua desmitificação, no período pós-romântico, como recriação crítica dos problemas deste tempo, desvalorização esta principiada no século XVII por *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, ainda no período barroco<sup>171</sup>. Este marco apontado por ensaístas como Milan Kundera, não é consensual, pois há quem considere como marco o romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe<sup>172</sup>. Assim, aponta Massaud Moisés, que “o anti-herói não se define como a personagem

---

<sup>161</sup> Georg Lukács, *A teoria do romance*, trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo, Duas Cidades, 1965, p. 55.

<sup>162</sup> Aristóteles de Almeida Lacerda Neto, *Dom Quixote e Fogo Morto, um estudo comparado*, p. 14.

<sup>163</sup> Georg Lukács, *A teoria do romance*, p. 60.

<sup>164</sup> Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de narratologia*, verbete “herói”, p. 187.

<sup>165</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, verbete anti-herói, p. 29

<sup>166</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 428.

<sup>167</sup> Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de narratologia*, verbete herói, p. 31.

<sup>168</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 427.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 445.

<sup>170</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, verbete “anti-herói”, p. 28-29.

<sup>171</sup> Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de narratologia*, verbete “anti-herói”, p. 31.

<sup>172</sup> Carolina Becker Koppe Costa, “a representação da realidade e o romance: notas sobre Dom Quixote e Robinson Crusoe” in *Diálogos Pertinentes - Revista Científica de Letras*, São Paulo, v. 7, n. 1, 2011, p. 63-68.

que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas como a que possui debilidades ou indiferenciação de caráter, a ponto de se assemelhar a muita gente”<sup>173</sup>. Daí que, mesmo que ambos sejam anti-heróis, o protagonista problemático se distinguirá do vilão pela problematização da sua avaliação normativa.<sup>174</sup>

Partindo desta resenha, fazemos uso da teoria de Cristina da Costa Vieira, para quem o estatuto de protagonista é estabelecido a partir de processos linguísticos e narratológicos, processos esses que não fornecem informações essenciais para um melhor entendimento da intenção autoral com a estrutura ideológica da personagem, responsáveis pela heroicidade<sup>175</sup>. É a partir do critério axiológico da intencionalidade que se constrói o herói <sup>176</sup>, mas também outros tipos de personagens em termos de avaliação normativa de que não fica isento o protagonista.

A avaliação normativa que justifica a intencionalidade autoral apoia-se na modalização predicativa. Esta parte dos valores e atitude das personagens que podem suscitar admiração ou repulsa na instância avaliativa, em função da identificação ou não com tais valores ou atitudes<sup>177</sup>. Como defende Cristina da Costa Vieira:

Sete valores modais (o da essência, o do saber, o do crer, o do fazer, o do poder, o do querer e o do dever) determinam a (in)autenticidade, da personagem, a sua (in)competência, a sua (des)crença, ou (des)confiança, a sua (in)capacidade, o seu desempenho elocutório, o seu poder, desideratos e o seu sentido deontico.<sup>178</sup>

A ensaísta observa ainda:

As modalizações são processos de natureza axiológica, porque remetem indubitavelmente para códigos psicossociais e suscitam avaliações normativas, e podem ser sistematizados de um ponto de vista linguístico-semântico: A modalização veridictória, ligada ao verbo modal «ser»; a modalização epistémico-factitiva, gerada por um saber fazer; a epistémico-emocional, gerada por um crer ser; a epistémico-cognitiva, ligada ao saber ser; a factitiva, criada por um levar a fazer; a postetativa, derivada do poder ser/fazer; a volativa, fruto do querer ser/fazer/ter; a deontica e a alética, modalizações derivadas, respectivamente, de um dever fazer e de um dever ser.<sup>179</sup>

Baseando-se na modalização predicativa, a avaliação normativa considera por um lado o critério temático, isto é, o aspeto avaliado na personagem. Cristina da Costa Vieira define quatro componentes: a tecnológica, baseada na destreza tecnológica; a linguística, que consiste no cumprimento das normas gramaticais; a ético-normativa, baseada nas regras morais, os códigos legais e conduta social; e a estética, baseada nos padrões estéticos<sup>180</sup>. Por outro lado, o critério axial considera o princípio no eixo avaliativo de dois polos, o positivo ou

---

<sup>173</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, verbete “anti-herói”, p. 29.

<sup>174</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 447.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 408.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 406.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 360.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 360-361.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 384-385.

eufórico e o negativo ou disfórico, mas a escalarização, não consistindo na recusa dos polos referidos, considera a gradação no processo de avaliação normativa da personagem.<sup>181</sup>

Cristina da Costa Vieira define herói como “personagem a quem foi atribuído um estatuto diferencial que funciona, em simultâneo, como «discriminador ideológico» da obra, como arauto das normas axiológicas de uma sociedade”<sup>182</sup>. Considera a sua construção axiologicamente na base do processo da perspetivação monódica da narrativa, resultando por um lado, em elogio, isto é, a personagem exemplar que encarna as normas axiológicas desejadas; por outro lado, em aceitação, isto é, da personagem que encarna o homem imperfeito com defeitos e virtudes, mas orientada para a empatia do leitor<sup>183</sup>. Consideram-se ainda no âmbito do macroprocesso da intencionalidade intenções como a vitimização, a contestação e a problematização. Enquanto construtores de personagens, esses processos ao recaírem sobre a construção axiológica de protagonistas, dão lugar a protagonistas vítimas, vilões, caricaturais e problemáticos a nível da sua avaliação normativa<sup>184</sup>.

A vítima constitui uma personagem cujo comportamento, geralmente digno de comiserção, é justificado a partir de condicionantes adversas que pesam sobre si, o que não a torna em termos de receção num objeto de contestação do leitor<sup>185</sup>. Enquadra-se nesse âmbito Sofia de *Se o Passado não Tivesse Asas*. A sua receção como vítima decorre das circunstâncias sobre as quais esteve rodeada, seja na infância, seja na fase adulta. A ligação com pessoas ilicitamente ricas num contexto dominado pela corrupção, depois de uma infância atribulada, é uma condicionante que a conduz a atos de corrupção para apoderamento do restaurante da patroa falecida, cujo legítimo herdeiro é demente. Conquanto este fosse incapaz de compreender a realidade à sua volta, era legítimo que a titularidade do bem fosse passada para si, e a assistência regular prestada por Sofia não a redime da criminalidade do seu ato. Embora a receção retire de uma avaliação final em torno do elogio ou da aceitação, isso não a rebaixa à condição de vilã, devido à condicionante apontada. O ato é abjeto, mas as circunstâncias atenuam a tal ato a receção axiológica da personagem, que é vista como vítima

Diferente é o vilão, que axiologicamente espelha uma construção baseada no macroprocesso da contestação. Este representa a nível de valores o oposto do herói, na medida em que congrega em si os atributos socialmente negativos e depreciados que se refletem nas suas ações, tornando-o quanto à avaliação normativa num objeto de rejeição dos leitores. Embora tradicionalmente o vilão corresponda ao antagonista, pela sua insistente oposição às ações e objetivos do protagonista, pode assumir a posição de protagonista, assevera Cristina da Costa Vieira<sup>186</sup>. Ao contrário da vitimização, a construção do vilão cumpre mecanismos que no final resulte numa avaliação leitora marcadamente condenatória. Assim, processos como a polarização internormativa negativa discordante, a multiplicação internormativa discordante,

---

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 402-403.

<sup>182</sup> *Ibidem*, p. 407.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 408.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 406.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 420.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 428.

a degradação total ou perseverança no mal, determinam a construção de uma personagem ideologicamente oposta aos valores socialmente estimados, favorecendo para esta uma receção disfórica<sup>187</sup>.

A contestação abarca, além da vilanização, o processo da ridicularização, através do qual se constroem personagens caricaturais cuja intenção é provocar riso ou escárnio seja noutras personagens seja no leitor. Geralmente planas, o seu carácter e atitudes ridículos são favorecidos por processos-bases como perspetivação monódica orientada para o sarcasmo, alinhamento incorreto saldado em fracasso, covardia, astúcia, polarização internormativa discordante, autoavaliação ou heteroavaliação desfasada da realidade, alheamento ou rejeição voluntária pelo objeto semiótico prestigiante e apego por objeto semiótico desprestigiante<sup>188</sup>. Enquanto processo construtivo de personagens, pode incidir sobre a figura do protagonista, dando lugar a um tipo de protagonista. Um exemplo de protagonista construído à base da ridicularização é Mestre Tamoda, do conto homónimo de Uanhenga Xitu.

Além destes processos de construção pautados na moralização da personagem tendente a uma avaliação final que resulte na receção de uma personagem como herói, vilão, vítima, caricatural, pertence ao romance a anomização, um processo que consiste na problematização da receção axiológica da personagem através de uma isenção quanto à avaliação do comportamento da personagem<sup>189</sup>. Este processo é, como aponta Cristina da Costa Vieira, destruturador da axiologização linear da personagem romanesca, por constituir uma desconstrução da avaliação normativa<sup>190</sup>. A ensaísta estabelece duas modalidades pelas quais se alcança a anomização da personagem, nomeadamente a neutralização avaliativa, que consiste no encobrimento da perspetiva axiológica de dada instância face ao comportamento da personagem, servindo para o efeito de procedimentos como o esvaziamento do papel avaliador da personagem, a evicção máxima da avaliação normativa narratorial, a ênfase nas circunstâncias atenuantes, a aforização, dispersão de múltiplas focalizações contraditórias, a titulação enganosa, e a incoerência estrutural avaliativa, que consiste na destruturação axiológica da personagem que reside à lógica, servindo-se de procedimentos como a polarização internormativa discordante geradora de incoerência, multiplicação internormativa contraditória, atribuição de alinhamento tecnológico incoerente e o nivelamento da perspetiva do autor<sup>191</sup>.

Outro processo que pode incidir sobre o protagonista sugerindo uma tipologia tem a ver com a referencialização da personagem, enquadrada nos processos extratextuais de nível semiótico-contextuais. Philippe Hamon, no seu estudo ao estatuto semiológico da personagem, considera três categorias semiológicas de personagens, havendo as referenciais, remetendo para figuras históricas, mitológicas e tipos sociais; as personagens-embraiadores, remetendo

---

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p. 433.

<sup>189</sup> *Ibidem*, p. 444.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 447.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 447-463.

para marcas da presença do autor, do autor, do leitor ou dos seus legados no texto; as personagens-anáforas, remetendo para a construção no enunciado de uma rede de apelos e lembranças, semeando ou interpretando indícios através de sonhos premonitórios, predição, recordações, citações de antepassados, lucidez.<sup>192</sup>

Interessa para esta dissertação particularmente a primeira categoria, baseada no processo de referencialização, tendo em conta o cunho realista que as obras em análise encerram e os seus reflexos na construção dos protagonistas que remetem para uma das subcategorias das personagens-referenciais. Segundo Cristina da Costa Vieira,

A referencialização da personagem é o processo construtivo que traduz o estabelecimento de uma conexão entre uma personagem e o mundo exterior e exige a concorrência de processos miméticos para a sua consubstanciação, concretamente a conjugação harmoniosa de dois processos: a prévia pesquisa documental e a posterior figurativização realista da personagem em construção. Neste caso, o qualificativo «realista» adquire obrigatoriamente o duplo sentido de verosímil e de conforme os dados historicamente conhecidos e relevantes.<sup>193</sup>

Partindo deste conceito e tendo em conta a presença de uma conexão entre o universo ficcional das duas obras e o contexto extratextual, refletindo uma intencionalidade a nível da macro planificação assente na análise social, consideramos a presença da referencialidade na construção dos protagonistas, que remetem para referenciais sociais, isto é, as vítimas das guerras civis. Importa referir que a nível de distinção, a referencialização destas relativamente às históricas e mitológicas situam-se no facto de estes últimos constituírem a recriação ficcional, com um grau de densidade mimética variável<sup>194</sup>, de figuras específicas “cuja relação com a realidade extralinguística é certa, ainda que o jogo entre os processos retóricos e o referente e históricos também o sejam”<sup>195</sup> e as primeiras, de tipos sociais, isto é, classe representativa de um contexto determinado e facilmente identificável no universo ficcional. Considera-se, no entanto, a noção de todas reenviarem, retomando a asserção do próprio Hamon, para um sentido pleno fixo, imobilizado pela cultura cuja legibilidade depende diretamente da participação do leitor nesta cultura.<sup>196</sup>

A última tipologia que nos cabe descrever opõe protagonista de modelo canónico ao protagonista apócrifo. O primeiro resulta de uma focalização ortodoxa em que o estatuto diferencial é atribuído a uma figura “familiar ou relevante para uma sociedade”, inspiradas nos modelos clássicos e romântico de protagonistas geralmente associados a meios privilegiados da sociedade. A inversão da focalização para figuras tidas como marginalizadas tais como os pobres as mulheres, as minorias desfavorecidas, atribuindo-lhes relevância narrativa, dão lugar a protagonistas apócrifos e a focalização, característica de muitos romances modernos e

---

<sup>192</sup> Philippe Hamon, «Para um estatuto semiológico da personagem», p. 88.

<sup>193</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 525.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 530.

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 527.

<sup>196</sup> Philippe Hamon, «Para um estatuto semiológico da personagem», p. 88.

contemporâneos, recebe o nome de heterodoxa em oposição à ortodoxa<sup>197</sup>. São geralmente a representação de uma versão da história, marginalizada pelo discurso oficial, sem qualquer intenção contestatória<sup>198</sup>, visando apenas, para usar palavras de Ungulani Ba Ka Khosa, a multiplicação das janelas do conhecimento da história<sup>199</sup>, sugerindo, neste sentido, um olhar do ângulo inverso. O protagonismo da criança nas duas representa o último tipo de focalização, por seguir, por um lado, vítimas de guerras, um grupo de certo modo esquecido pelo discurso oficial, por outro, crianças, pois, como afirma Massaud Moisés, a elas está vedada a assunção do papel principal nas narrativas, que apenas pode acontecer em narrativas infantis, ou em caso de representar o adulto nos seus anos infantis<sup>200</sup>. Em *Se o Passado não Tivesse Asas*, essa é a visão apriorística, pois Himba é a Sofia na sua infância. Todavia, nota-se neste lapso temporal que protagoniza metade do enredo, passível de uma análise particular como uma figura diferente de Sofia, que se encerra com a mudança de nome com a qual apaga o seu passado.

---

<sup>197</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 304-304.

<sup>198</sup> *Idem*, *O universo feminino n'A esmeralda partida de Fernando Campos*, p. 51.

<sup>199</sup> *Jornal i*, 03/04/2018. Disponível em <https://ionline.sapo.pt/606664>. (Data de acesso: 11/06/2018).

<sup>200</sup> Massaud Moisés, *Dicionário de termos literários*, verbete “personagem”, p. 359.



# CAPÍTULO III - O PROTAGONISMO DA CRIANÇA COMO REPÚDIO À GUERRA CIVIL

## 3.1. Semelhanças do protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* e em *Se o Passado não Tivesse Asas*

As guerras referidas nos dois romances em apreço, *Terra Sonâmbula* e *Se o Passado não Tivesse Asas*, representam os períodos mais sombrios vividos pela população moçambicana e angolana, particularmente as crianças. Se tivermos em conta o caráter realístico para que rementem, é possível estabelecer uma relação com esse contexto, fazendo aflorar dos protagonistas Muidinga e Himba elementos diversos relacionados com a situação trágica da criança.

Em Mia Couto esta realidade funde-se com fenómenos fantásticos que remetem para o mundo simbólico africano, refletindo, de acordo com Ana Mafalda Leite, a integração, na sociedade moderna, da tradição oral, do papel, dos mais velhos na sociedade atual, dos mitos, das oralidades e da ideia de nação<sup>201</sup>. Também Gilberto Matusse, citado por Petar Petrov, considera a integração do fantástico na obra coutiana, e o aproveitamento da abertura que ele propicia para a incorporação da visão mitológica e o simbolismo do imaginário das tradições orais africanas, contribuindo para a criação ou simulação de um novo tipo de lógica, proveniente da cosmovisão ancestral. O ensaísta considera ainda o enquadramento do fantástico a partir de influências sul-americanas do Realismo Mágico<sup>202</sup>. O próprio Mia Couto, numa entrevista concedida ao programa brasileiro *Roda Viva* afirma o seguinte: “O segredo da escrita, aquela que eu quero fazer, é a maneira como se permite que a oralidade realmente nos conduza. Aquilo que eu faço é uma escrita ditada por vozes que me contaram histórias, as minhas histórias de infância. É lá que eu regresso sempre”<sup>203</sup>. Não obstante, as referências que reenviam para a guerra civil que teve lugar em Moçambique estão patentes, e os cadernos de Kindzu, relativos à ação secundária, fornecem mais elementos que permitem situar a realidade ficcionada neste período. Assim, o 25 de junho, data da independência de Moçambique, cuja celebração é anunciada por Taímo, pai de Kindzu, e alegorizada através da atribuição ao filho mais novo do nome Vinte e Cinco de Junho (Junhito)<sup>204</sup>, o subsequente período de conflito, também alegorizado com a introdução do menino no galinheiro e o seu consequente desaparecimento<sup>205</sup>, uma alusão ao tratamento dado à recém-chegada liberdade, situam a ação encaixada e a de Muidinga e de Tuahir no mesmo espaço, o moçambicano, se tivermos em conta que no mesmo local no qual foi encontrada a mala que continha os cadernos, jazia, recém-

---

<sup>201</sup> Ana Mafalda Leite, *Oralidade e escrita nas Literaturas Africanas*, p. 67.

<sup>202</sup> Petar Petrov, *Projecto Literário de Mia Couto*, p. 84.

<sup>203</sup> *Roda Viva*, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU&t=5s> (Data de acesso: 11/06/2018).

<sup>204</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 25.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 27-29.

assassinado, o seu proprietário. Isto sugere que Tuahir, Muidinga e Kindzu partilharam o mesmo tempo. Aliás, o barco em que Muidinga pôs Tuahir em estado moribundo é o mesmo em que Kindzu viajara. Na ação principal, duas alusões apontam para o espaço moçambicano, sem, por isso, deixar patente a noção de se tratar do espaço maior de toda a ação. Tuahir, no diálogo com Siqueleto, homem solitário que os pretendia semear para crescer gente, apresenta uma marca que remete para a realidade aludida, e ao mesmo tempo para a influência do realismo mágico, fazendo menção aos moçambicanos, num discurso em que fantasiava a possibilidade de reconciliação e de retorno à tranquilidade de antigamente<sup>206</sup>. Como se sabe, a guerra civil em Moçambique teve início dois anos após o alcance da Independência, o que significa que neste interregno a vida nas aldeias era tranquila. A meio da narrativa, o nome “Moçambique” surge como um vasto espaço a colorir-se de verde, o que disfarça a noção de se tratar de um país em guerra: Tuahir segue em oposta direcção. Por onde seguia o moço os capins se infindavam, num Moçambique de verdes<sup>207</sup>.

O nome toma o sentido de um espaço referencial no sétimo caderno de Kindzu, isto é, na fala de Quintino, considerado embriagado e politicamente incorreto: “Agora, em Moçambique, a guerra é como se fosse uma machamba. E se explicou: a guerra gerava altos tacos, cada um semeava uma guerra particular. Cada um punha as vidas dos outros a render”.<sup>208</sup>

Pepetela, por sua vez, assume uma postura inteiramente realista, começando por situar a ação em torno de Himba a partir de uma referência temporal, 1995, correspondendo a um período de facto instável na região onde vivia a protagonista e onde ocorreu a tragédia que mudou radicalmente a sua vida. O espaço físico situa-se entre o Huambo e Luanda e ação remete, tal como no romance cutiano, para a realidade das crianças vítimas da guerra civil que muito sofreram. As pepetelianas encontraram nas ruas da cidade de Luanda estratégias de sobrevivência. Também a ação em torno de Sofia (Himba na fase adulta) é situada num espaço e num tempo determinado, Luanda, por volta de 2012, correspondendo a um período marcadamente profuso para a economia angolana, refletido na condição dos jovens que frequentavam o restaurante de Dona Ester, de quem Sofia se tinha tornado braço direito. A perspectiva assumida por Pepetela é a do realismo africano, um estilo que, segundo José Carlos Venâncio, consiste na construção da ficção a partir de um fundo histórico verdadeiro, coexistindo como que duas histórias paralelas, sendo uma a ficção e outra a realidade<sup>209</sup>. Pepetela faz alusão a essa visão realista que orienta a arte africana a partir das frustrações constantes do pintor Diego (Kassule na fase adulta), que almejava produzir uma arte que fugisse destes padrões, com vista a ajustar-se aos paradigmas estéticos menos realistas, que refletissem o gosto dos clientes estrangeiros que frequentavam o mercado em que este vendia as suas obras de arte.<sup>210</sup>

---

<sup>206</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 213.

<sup>209</sup> José Carlos Venâncio, *Literatura e poder na África Lusófona*, p. 13.

<sup>210</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 46-50.

Tendo em conta estes fatores semântico-contextuais sobre os quais as obras são tecidas, a construção dos protagonistas menores, enquanto representação da realidade desventurosa de que muitas crianças foram vítimas, desde o abandono dos seus lugares de conforto, perda das famílias e das suas raízes ao empobrecimento inopino ou gradual até ao mais baixo nível da miséria, não podendo esta situar-se fora do quadro realista que foram as duas guerras aludidas, proporciona um conjunto de elementos que tornam ambas as narrativas instrumentos de repúdio à guerra civil.

Nas duas obras, a incontestabilidade do relevo de protagonistas de Muidinga e de Himba, respetivamente, começa-se a assinalar a partir do *incipit* das narrativas, através da extensão e da pormenorização descritivas. Porém, ao longo do enredo, outros critérios como a qualificação e distribuição diferenciais, acentuam a relevância de ambas as personagens sobre as outras. Em termos semiótico-contextuais, a construção de Muidinga e de Himba está articulada cronotopicamente a circunstâncias de guerra civil, sendo a estrada o espaço em que se abrem as narrativas, indicador do itinerário pelo qual muitos flagelados se salvam, maioritariamente transformados em deslocados, entregues a uma vida miserável; mas é também um lugar de tombos funestos de vidas humanas, muitas vezes ao olhar pesaroso dos membros da família. Por constituir um lugar estratégico para ataques a indivíduos desarmados que procuram apenas sobreviver à hediondez da guerra, a estrada passa a representar um verdadeiro trauma para quem assiste, ainda que em escassos instantes, esta tragédia humana.

A descrição da estrada em *Terra Sonâmbula* chama a atenção pelos efeitos imagéticos que o texto permite ver ao leitor. É uma estrada morta pela ação da guerra, paisagem de cores tristes e sujas, sem leveza, viventes acostumados ao chão como resignação à aprendizagem da morte, carros podres e incendiados na berma, e, à volta, embondeiros a contemplar o mundo a desflorir<sup>211</sup>. Esta descrição espelha a dimensão do caos em que este lugar se tinha transformado, a intensidade da violência persistente que não poupava nem homens, nem carros tampouco uma paisagem onde apenas os embondeiros resistiam. Trata-se de um lugar que se tornara inóspito. Em *Se o Passado não Tivesse Asas*, a estrada, embora beirada por uma paisagem viva e bela, não permite a fluidez da circulação de viaturas, e as condições em que viajavam Himba e os outros ocupantes da camioneta mostram a dificuldade em encontrar um carro que fosse para Luanda: “O camião ia bem carregado, e foi uma sorte lhes terem aceitado”<sup>212</sup>. Isso indica que, apesar do elemento paisagístico remeter para uma aparente tranquilidade, a estrada não esconde o perigo do contexto de guerra. Aliás, são os constantes ataques nas proximidades que motivaram a evasão destas personagens para Luanda. Então, a guerra estava nas redondezas e, através do espaço psicológico medo, no íntimo de quem circulava pela estrada. Assim, as narrativas, ao começarem a partir deste espaço físico, fazendo daí emergir personagens que tentavam pela fuga salvar as suas vidas da pólvora, atribuindo-se ênfase a uma, sugerem, por um lado, a referencialidade destas, e, por outro lado, que os

---

<sup>211</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 13.

<sup>212</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 9-10.

protagonistas estão situados na categoria das personagens-tipo, remetendo para as vítimas das guerras aludidas, ou seja, os deslocados de guerra, como podemos ver nos excertos:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a terra. Vão na ilusão de haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio de uma doença que ainda a pouco o arrastara quase até à morte. Quem lhe recolheu fora o velho Tuahir. (...) O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. (...) Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. (...) No convívio com a solidão, porém o canto acabou por se migrar de si.<sup>213</sup>

A menina se deslumbrava com a beleza da paisagem. Vinha, mais a família e outras pessoas, vinte ao todo, no alto de uma camioneta carregada de imbambas. (...) Abandonavam tudo porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles. (...) Andavam aterrorizados, por isso Himba rezou calada para que o pai não mudasse de opinião. (...) Foi três horas depois de saírem da terra, ainda os matacos não reclamavam das dores pela posição incômoda. Uma explosão, tiros. O camião rebolou, para um dos lados da estrada. (...) Himba foi projetada para o capim. (...) Uma voz forte gritou, julgou ser para ela, corre, corre, depressa, depressa. Achou ser a voz assustada, mas imperiosa do pai e obedeceu atordoada. (...) Himba correu e só parou quando deixou de ouvir qualquer som. Estava sozinha. Himba tinha treze anos acabados de fazer, com a sexta classe concluída também há pouco.<sup>214</sup>

Destes excertos podem reter-se como elementos semelhantes as circunstâncias em que surgem os protagonistas, a situação etária destas personagens que vão ganhando qualificação diferencial através de uma descrição extensa e pormenorizada, a primazia ao atributo indicador da situação etária em relação aos seus nomes.

Os protagonistas de ambos os romances surgem em circunstâncias de fuga da guerra na companhia de outras personagens à procura de um lugar tranquilo, isto é, onde não houvesse soar de armas a assombrar a população, temerosa de perder a vida, pois a tranquilidade não é um dado certo. A fuga da guerra geralmente dá lugar a deslocados ou refugiados, suscetíveis a carências extremas, decorrentes do abandono de uma vida, ainda que simples, cómoda, para começar outra em condições cuja adaptação é imposta não só pelo tipo de acolhimento, como também pelo tipo de atividade a ser desenvolvida para subsistência num ambiente desigual e pelas dificuldades de fixação de uma habitação condigna. No caso das duas guerras aludidas, as deslocções ocorreram das zonas rurais para as urbanas, geralmente a capital<sup>215</sup>, onde a sobrevivência passava por exercer atividades diferentes da agricultura, regra geral ambulante, desconfortante numa primeira fase, para quem até então tinha aprendido apenas a lavrar a

---

<sup>213</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 14.

<sup>214</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 9.

<sup>215</sup> Alberto de Oliveira Pinto, *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*, p.766; Lavinia Gasperini, *Moçambique: educação e desenvolvimento rural*, p. 4.

terra. Outras deslocações tinham como destino os campos de deslocados com condições igualmente precárias, fator de diversas epidemias e onde a sobrevivência dependia de ação de instituições vocacionadas para a ajuda humanitária. A fuga, no sentido aludido pelos romances, oposta de enfrentamento, não por cobardia, mas por impossibilidade, por ser a única alternativa de salvação, devido à falta de meios, de técnicas e de preparação para o efeito, é indicador de uma tendência para a focalização heterodoxa, que constrói protagonistas apócrifos.

O segundo elemento permite inferir que as duas crianças apresentadas nas situações iniciais de ambos os romances têm o relevo de protagonistas. De acordo com os princípios estabelecidos por Cristina da Costa Vieira na sua nova tipologia da descrição da personagem narrativa, em que considera a extensão e a pormenorização, processos que oferecem as características de uma personagem, o primeiro remetendo para o volume textual que ocupa a descrição da personagem, e o segundo, para o grau de detalhes, a ensaísta assevera que “o(s) protagonista(s) é(são) alvo da descrição mais extensa”<sup>216</sup>. Assim, ambas as personagens gozam de destaque tanto ao nível da extensão como da pormenorização no *incipit*.

Na primeira obra, o processo descritivo de Tuahir e de Muidinga chama a atenção para o relevo de cada um, na medida em que o do segundo é tanto mais extenso quanto mais pormenorizado. Enquanto Tuahir é descrito resumidamente através do nome, da sua situação etária e da sua estrutura corporal. Na descrição do rapaz, além do nome e da faixa etária, são realçados o seu posicionamento no espaço relativamente ao companheiro, isto é, sempre à frente, o estado deficiente da sua saúde, refletido no seu caminhar, e perda de algumas faculdades, das quais ia se recuperando, bem como a perda da apetência para a música devido ao convívio com a solidão. O caminhar à frente do adulto durante todo itinerário não é um elemento destacado por acaso: constitui uma marca conferidora de relevo, porquanto o comum é o mais velho andar à frente como guia ou lado a lado, segurando a mão do rapaz como sinal de proteção, ou ainda alternarem entre as três formas, dada a longa distância percorrida. Porém, neste caso, Muidinga não só é o mentor da ideia de saírem do campo de deslocados, como também é ele quem fica à frente ao longo da marcha. Também realça o seu relevo a rápida recuperação e superação das faculdades perdidas, apesar das sequelas, refletida no arrastar duma perna.

Na segunda obra, a descrição no *incipit* recai toda sobre Himba, a começar com o seu olhar atento e maravilhado sobre a natureza, um detalhe acentuado relativamente às outras personagens, refletindo um sentido aguçado de observação, suficiente para convidar a atenção do leitor sobre a personagem. Também o facto de orar reflete uma tendência religiosa, remetendo para um tipo de educação que a caracteriza, sugestão que vem a confirmar-se quando, mais adiante, afirma ser batizada<sup>217</sup>. Outros elementos destacados são a idade e o nível escolar, que, aliados às características citadas, bem como à atitude que a salva do ataque, revelam tratar-se de uma menina já bastante esclarecida.

---

<sup>216</sup> Cristina da Costa Vieira, «Para uma nova tipologia da descrição da personagem narrativa», p. 133.

<sup>217</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 83.

Retomando, a noção de pormenorização em Cristina da Costa Vieira, enquanto processo abarcador de modalidades como a anulação descritiva, a esquematização e a hiperprecisão, isto é, a ausência de detalhamento, detalhamento reduzido ou vago e elevado grau de detalhamento, respetivamente<sup>218</sup>, em *Terra Sonâmbula*, consideramos a descrição de Tuahir objeto da esquematização, sugerindo uma inferioridade de relevo em relação a Muidinga, cujo detalhamento o situa em termos de gradação, só no *incipit*, entre a esquematização e a hiperprecisão. Em *Se o Passado não Tivesse Asas*, a pormenorização descritiva situa de igual modo Himba entre a esquematização e a hiperprecisão, garantindo-lhe já maior relevo em relação às vinte pessoas com as quais viajava na camioneta até ao momento do ataque. Estes não beneficiam de qualquer descrição, enquadrando-se no *incipit* sob o procedimento da anulação descritiva. Só mais adiante é que ocorre uma descrição esquematizada dos pais.

Há também uma intenção subjacente à alusão, nos dois romances, ao atributo indicador da situação etária, antes dos nomes. Considerando a noção de que a construção do romance e, consequentemente, das personagens partem do processo semiótico-contextual da macro-planificação, que reflete a intencionalidade a partir da qual o autor orienta a produção textual, oferecendo as diretrizes para a sua organização. Como assevera Cristina da Costa Vieira, mesmo que *a posteriori*, a textualização revele certa recusa de submissão à macro-planificação, conforme observa a mesma ensaísta<sup>219</sup>, pode-se inferir que a primazia dada à situação etária dos protagonistas no ato de descrição revela uma intencionalidade autoral. A partir da perspectiva de Philippe Hamon de personagem como signo, entendemos que as expressões indicadoras da situação etária dos dois protagonistas «miúdo» e «menina», sendo o primeiro atributos com que são identificados, visa enfatizar o fator etário de modo que a personagem seja recebida como representativa de um grupo, neste caso, o das crianças, inserida na conjuntura das guerras civis, que surgem também nas situações iniciais das narrativas, legíveis no âmbito da pós-colonialidade moçambicana e angolana enquanto grande texto socio-histórico e cultural sobre o qual ambas as obras aqui em análise assentam.

Assim, a construção dos dois protagonistas enquanto crianças vítimas das guerras civis angolana e moçambicana assemelha-se a nível do sentimento constante da ausência da família e nostalgia do passado roubado pela guerra; da luta pela sobrevivência como deslocados em ambientes adversos para ambas, contando, para o efeito, com a orientação dos companheiros que conseguem obter nas suas jornadas, e que detinham maior experiência; da pobreza extrema caracterizada pela fome, pela necessidade de habitação e de vestuário; e do sentimento de insegurança traduzido em medo dos bandos.

O desenvolvimento completo e harmonioso de um indivíduo está articulado com o seu crescimento no seio familiar, onde são regulados os primeiros contactos com o mundo à sua volta e transmitido os valores com os quais se deve orientar na sociedade em que está inserido. A família é, por isso, o primeiro espaço de socialização do homem, um espaço de assimilação,

---

<sup>218</sup> Cristina da Costa Vieira, «Para uma nova tipologia da descrição da personagem narrativa», p. 134-139.

<sup>219</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 486.

não só de conhecimentos abstratos, mas também de saberes práticos e de afeto, úteis na convivência com os demais membros da sociedade. Pelo que, tem nesse sentido, um significado profundo na vida de uma criança, por se afigurar como o lugar mais adequado para a sua educação. De acordo com Vanessa Marques Gibran Faco e Lígia Ebner Melchiori:

A família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando<sup>220</sup>

Também consta da *Declaração dos Direitos da Criança*, proclamada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), de 20 de novembro de 1959, no seu princípio 6º, a família como um dos elementos primários para uma infância feliz:

A criança precisa de amor e compreensão para o pleno e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade. Na medida do possível, deverá crescer com os cuidados e sob a responsabilidade dos seus pais e, em qualquer caso, num ambiente de afecto e segurança moral e material; salvo em circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não deve ser separada da sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas têm o dever de cuidar especialmente das crianças sem família e das que careçam de meios de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas é conveniente a atribuição de subsídios estatais ou outra assistência.<sup>221</sup>

Muidinga e Himba vivem uma realidade atribulada e convivem com a ideia desgostosa de enfrentar o mundo sem família. Muidinga e Tuahir aparecem no *incipit* da narrativa como que caminhando sem destino pela estrada morta, fugindo da guerra, mas surge a seguir a revelação de que tinham saído de um campo de deslocados para uma viagem motivada pela falta que Muidinga sentia dos pais e pelo desejo de querer encontrá-los. A situação vivida pelo menino é bastante complexa, na medida em que tinha perdido algumas faculdades e as memórias anteriores à fatídica enfermidade, e o vazio não passava apenas pelo sentimento de ausência, mas também do desconhecimento dos verdadeiros progenitores e do seu paradeiro. Portanto, o reencontro que tentava, apesar de ser levado a cabo por ele e lhe custar esforço e exposição ao perigo da guerra, dependeria do reconhecimento dos pais. O processo de recuperação não lhe permitia ainda a obtenção de tais imagens e o reconhecimento das suas raízes. Muidinga representa o grupo das crianças que no ato do reassentamento da população deslocada, não saberiam a sua origem e família por desconhecerem o seu passado.

Também o sentimento de perda em Himba, apesar de ter vivido os horrores na estrada onde se separou da família, não é total, pois alimenta ainda a esperança dos os poder encontrar. Uma esperança, porém, confundida com a dúvida, própria de uma menina que se recusa a aceitar a ideia de ter ficado órfã, movida pelo temor de enfrentar o peso do mundo sozinha.

---

<sup>220</sup> Vanessa Marques Gibran Faco e Lígia Ebner Melchiori, *Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana*, São Paulo, UNESP, 2009, p. 1. Disponível em <http://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-07.pdf> (Data de acesso: 26/05/2018).

<sup>221</sup> Declaração dos direitos da criança, 1959. Disponível em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/declaracao\\_universal\\_direito\\_s\\_crianca.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direito_s_crianca.pdf) (Data de acesso: 26/05/2018).

Porém, pensar na permanência dos pais no local do ataque, em caso de sobrevivência, é uma ilusão. A sensação de perda, a ideia de estar agora sozinha, dá lugar a uma vaga de pensamentos sobre o seu passado, sobre a sua vida familiar. É neste momento que pela primeira vez é feita uma descrição dos pais, apenas através das naturalidades, profissões e o caráter prestativo dos dois<sup>222</sup>. Este último elemento é evocado numa passagem em que a mãe afirmava que no município ser enfermeira era ser psiquiatra, padre ou madre, por ser uma conselheira das mulheres no município<sup>223</sup>. Indica o narrador:

O pai era professor e a mãe enfermeira. Não eram agricultores, um da Ganda, província de Benguela e, a outra do Chinguari, província do Bié. Se conheceram ali no município, quando a mãe foi transferida e se estabeleceu naquela terra boa para a agricultura. Gostavam de lhe contar a estória de como se conheceram.<sup>224</sup>

Trata-se de uma descrição em certa medida necessária para a compreensão do ambiente familiar, do tipo de relação que mantinha com os pais e os quatro irmãos, e do seu processo educativo. A distinção entre as profissões dos pais e a de agricultor não tem, neste sentido, um pendor marginalizante, isto é, não pretende depreciar a atividade praticada pela maioria da população local. Porém, diferencia aos olhos do leitor o perfil destes pais, caracterizado por um nível maior de escolaridade, num contexto em que a maioria da população era analfabeta e camponesa, chamando também a atenção para a formação diferencial de Himba, relativamente aos outros meninos, por influência da cultura académica dos progenitores. Assim, não é difícil entender como a crueldade da guerra constituiu um borrão sobre o esboço risonho da menina, já denunciado pelo seu comportamento apreensivo e pela falta de ânimo para as diversões, causados pelos rumores que os conduziu à tentativa de evasão, intercetada pelo ataque, como se confirma no excerto deste diálogo analéptico dos pais:

Ela era pequena, mas percebia essas conversas dos adultos. Talvez fosse demasiado adulta, tinha muito sentido de responsabilidade e só tentava uma coisa se sabia que a conseguia fazer com perfeição.

(...)

Dizia o pai que ficava um bocado preocupado com a falta de gosto de Himba pelas brincadeiras e correrias, sempre ocupada a tomar conta dos irmãos e a aprender a lida da casa com a mãe ou os deveres da escola.

— É demasiado adulta, uma criança deve brincar, haka!

— São os tempos - disse a mãe. — Uma situação de guerra afeta as crianças, tanto ou mais que os adultos. Percebe que andamos sempre com medo, preocupados... não lhe apetece brincar, rir, contar piadas.

— Mas os outros cantam e dançam, jogam futebol. Só a Himba...

— Não só ela. Outras mães se queixam do mesmo (...) Uns são mais sensíveis, que outros, uns mais virados para dentro. Mas no fundo todos ficam marcados...<sup>225</sup>

O excerto aponta não só para a inteligência de Himba, mas também para uma certa ideia de maturidade, manifestada no seu grande interesse em aprender, tanto as tarefas de casa

---

<sup>222</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 11-12.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>224</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>225</sup> *Ibidem*, p. 12.



como as da escola, e ainda para o cultivo da abnegação, qualidades verdadeiramente distintas numa criança. Algumas características podem estar associadas a uma puberdade precoce, uma vez que esta tem repercussão no comportamento, alguns dos quais manifestados por ela, como ganho de competências cognitivas e pensamento abstrato e a tendência para uma vida voltada para a casa, geralmente causada pelo desconforto de se sentirem sexualmente provocantes. Porém demonstra também outros comportamentos não encaixados nas tendências da puberdade precoce, a aprendizagem com a mãe da lida da casa é pouco comum nestas circunstâncias, na medida em que o há menor interesse pelas atividades com os pais e relutância quanto à aceitação dos seus conselhos ou críticas<sup>226</sup>. Posto isso, entendemos que estes predicados a distinguem das outras crianças, e estão relacionados não propriamente os processos pubertários, mas com a sua educação. A expressão de admiração do pai relativamente ao que a menina demonstrava a nível de maturidade reforça a referência feita ao carácter diferencial da educação da menina, pois os fenómenos da puberdade não passariam despercebidos a uma mãe enfermeira com outras valências, como a orientação para o diálogo e aconselhamento. Outro elemento que chama a atenção neste diálogo são as considerações da mãe a respeito dos reflexos psicológicos da guerra sobre aqueles que vivem nas áreas adjacentes. Esta aponta para uma vulnerabilidade mais acentuada das crianças relativamente aos adultos, ao apontar para uma igualdade ou superioridade daquelas quanto ao grau de abalo. Considera também que todas elas são atingidas, embora as reações sejam diferentes. Isso não significa que entre os adultos sob ameaça de guerra haja quem observe a questão com indiferença, porém, as probabilidades de defesa diante das circunstâncias são maiores para estes, que têm também maior facilidade para superar ou conviver com os traumas, do que as crianças. Daí o profundo sentimento consternação e prantos com que Himba revive todos estes momentos, estendida no chão do mato em que estava perdida<sup>227</sup>, uma condição que chega a ser mais angustiante por se ver sem direção para a vida, agitada pela ideia de não poder ter de volta a família, do que por estar desorientada no espaço, e desconhecer o caminho de volta.

Muidinga representa também o tipo de criança com uma capacidade aguçada de interpretação e compreensão e um acentuado interesse pela aprendizagem, prova-o a rápida recuperação das faculdades que perdera com a doença e a facilidade de reaprendizagem dos conhecimentos transmitidos por Tuahir, mencionados na situação inicial. O interesse pela aprendizagem é observado, além da aprendizagem rápida, na sua preocupação em conservar os cadernos encontrados na mala do indivíduo morto por assassinato à margem da estrada, o único que não tinha sido carbonizado no ataque do autocarro onde estes vieram a se instalar. O menino recupera os cadernos contra a vontade do velho, e ao utilizar as folhas para acender a fogueira, tem o máximo cuidado na escolha destas, para não perder as páginas escritas:

Depois de fecharem o buraco, o velho puxa a mala para dentro do autocarro.  
Tuahir tenta abrir o achado, não é capaz. Convoca a ajuda de Muidinga:  
— Abre, vamos ver o que está dentro.

---

<sup>226</sup> Paulo Fonseca, «Adolescência», in Guimarães Oliveira e Jorge Saraiva (org.), *Lições de pediatria*, Vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 255.

<sup>227</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 13.

Forçam o fecho, apressados. No interior da mala estão roupas, uma caixa com comidas. Por cima de tudo estão espalhados cadernos escolares, gatafunhados com letras incertas. O velho carrega a caixa com mantimentos. Muidinga inspeciona os papéis.

– Veja, Tuahir. São cartas.

– Quero saber é das comidas.

O miúdo remexe no resto. (...) O velho chama a atenção. (...)

– Tira só essa papelada. Serve para acendermos a fogueira.

O jovem retira os caderninhos, guarda-os por baixo do seu banco. Não parece pretender sacrificar aqueles papéis para iniciar o fogo.<sup>228</sup>

Este interesse merece ênfase, na medida em que o menino desconhecia a matéria contida nos cadernos e tê-los ia depreciados por serem manuscritos. Porém, a curiosidade, o desejo de exercitar a leitura, única coisa de que não se tinha esquecido com a doença, o desejo de adquirir conhecimentos e de obter uma ocupação num espaço devastado levou-o a valorizar aquilo que se tornaria no único lugar de fuga, onde seria possível sentir a vida a palpitar e onde a imaginação podia fluir, nutrindo sonhos e compensando a desolação interior e exterior, em que tudo tinha sido consumido pela guerra e se tornado inerte.

Dado o exposto, axiologicamente, pode-se observar em Himba e Muidinga em termos de modalização predicativa uma orientação para a modalidade epistémico-cognitiva da certeza, isto é, da valorização do conhecimento que possuem. Segundo Cristina da Costa Vieira, “a modalização epistémico-cognitiva deriva da regência de predicados de estados pelo valor modal «saber» e origina as modalidades da certeza e da incerteza, que correspondem, como é óbvio, a um conhecimento e a um desconhecimento efectivo”, embora a ensaísta considere que a modalidade da certeza não implica necessariamente valorização da personagem, nem a incerteza, uma depreciação. Nesta perspetiva, porém, tanto Muidinga quanto Himba demonstram através dos predicados aludidos serem personagens cujas orientações apontavam para um futuro promissor, pois em ambos se observam reflexos de uma tendência educativa positiva, caracterizada pela inteligência e um grande interesse para a aprendizagem, realçadas pelos os narradores.

Apesar da companhia de Tuahir, Muidinga não consegue dissimular o vazio de não ter a família por perto, embora o velho fosse cético quanto à satisfação dos pais, em caso de encontro com o menino, pois pensava que em tempo de guerra o filho era um fardo pesado para os pais<sup>229</sup>. Assim como Himba, Muidinga expressa com profunda inquietação a condição angustiante de estar no meio do nada e não conhecer o paradeiro da família.

A ausência dos progenitores é um dos maiores dramas com que convivem os dois protagonistas. Himba começou a aventura utópica de procurar os pais depois de algumas horas no meio da mata, porém interrompida pela noite, prosseguiu no dia seguinte, tendo encontrado outra estrada, onde foi recolhida por militares que a levaram posteriormente para Luanda, destino traçado pelo pai, aquando do abandono da terra natal. Desorientada, na medida em que desconhecia a cidade e os parentes, pela primeira vez sente-se suja, a cheirar mal e vê

---

<sup>228</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 18.

<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 17.

meninos a procurar comida no contentor<sup>230</sup>, um claro prenúncio da condição mísera em que a sua vida iria se tornar em tão pouco tempo. Em Luanda, o seu primeiro refúgio foi debaixo do edifício das finanças na Mutamba, onde passou duas noites em leitos de papelão com meninos de rua, alguns dos quais fumadores de maconha e inaladores de gasolina, práticas que encontraram como consolo às inúmeras dificuldades vividas. É nesta circunstância de solidão, mas também de necessidade de nova aprendizagem, a de adaptação às hostilidades da vida das ruas de Luanda, que certamente já mais aprenderia a enfrentar sozinha, que surge aquele que viria a ser o seu companheiro pelo resto da diegese. Trata-se de Kassule, menino de onze anos do Cuanza Sul, mutilado vítima de mina, órfão de pai e mãe, deixado nas ruas pela irmã mais velha, Sofia, com a promessa de o resgatar. Promessa que não se efetivou, porquanto provavelmente teria sido vítima de tráfico de menores. Tinha perdido a mãe no acidente que o deixara sem uma perna. Com este, Himba conhece outro refúgio na Ilha de Luanda. Tal como Tuahir para Muidinga, Kassule, embora mais jovem, tornou-se num mestre para Himba. Era bastante instruído na matéria de sobrevivência nas ruas, conhecedor dos pontos perigosos, lugares que deviam evitar, dos pontos seguros onde podiam viver ou frequentar e das leis da rua, como Himba acabou reconhecendo com o tempo:

Himba pensou, ela era mais velha e instruída, como o próprio Kassule reconhecia. Porém, nas coisas da luta pela vida ele parecia um ancião, lhe dava conselhos, fazia de pai ou avô. Até podia estar errado, mas apresentava argumentos mais fortes que os dela.<sup>231</sup>

Com este, Himba aprende que a sobrevivência não passaria por bater portas a pedir comida. A menina já tinha sentido um ar de desconfiança no tratamento da senhora de quem tinha batido à porta para pedir comida no dia anterior. Embora lhe tivesse sido dada comida, a senhora duvidara da sua condição, considerando que tinha fugido da casa dos pais:

Outro procurando família, mas pela desenvoltura dava para ver que estava familiarizado com a cidade.

(...)

— Ontem fui fazer mais um reconhecimento à Ilha. Dormi lá. Muito melhor que aqui ou na marginal. Tem alguns restaurantes, dá para apanhar comida que sobra e eles deitam no contentor do lixo. Até cães e gatos vivem por ali, à espera das esquebras dos restaurantes. E se dorme melhor na areia. Amanhã vou passar a viver lá. Antes estava na marginal, umas vezes dormia aqui, mas fica frio à noite, vem vento do mar. Na Ilha tem vento, mas bocados muito grandes de cimentos onde se pode arranjar proteção, assim como uma coisa, esqueço o nome, que se cava na rocha, um buraco...

— Uma gruta?

— É isso. É claro, uma gruta é maior, mas mesmo assim...<sup>232</sup>

Como um mestre, Kassule conseguiu em poucos instantes conquistar a confiança de Himba, fragilizada pela incerteza sobre situação da família, convencendo-a a serem parceiros e a viverem na Ilha Luanda. Porém a presença e do companheirismo do amigo e das outras

---

<sup>230</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 32.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 41.

peessoas que passaram pela vida da menina não retiraram de si o sentimento da ausência da família. A vida anterior, a proteção dos pais, a escola, os ensinamentos da mãe continuaram presentes na menina em cada momento, numa expressão de tristeza resultante deste vazio incapaz de ser preenchido. Estes elementos apareciam diariamente, mesmo nas coisas aparentemente insignificantes:

Acontecia muitas vezes com Himba: um vou de pássaro, uma rabanada de vento, uma frase apanhada na rua, qualquer coisa por mais insignificante, evocava os pais, a vida anterior, os irmãos mais novos, a casa perdida na voragem da guerra. Esses pequenos episódios tão importantes hoje quase não tinham significado na altura em que ocorreram. Os eruditos chamariam marca da identidade. Claro, a menina não perceberia sequer a frase, pouco interessava a designação, os episódios do passado viviam com ela, viviam nela.<sup>233</sup>

Este excerto apresenta dois elementos elucidativos concernentes à dimensão do sentimento de ausência que, pela ênfase que dá ao facto, pensamos dispensar a transcrição de outros excertos onde estão espelhados a dor da falta dos pais na menina. Trata-se da locução “muitas vezes” e o tipo de coisas que traziam os pensamentos. O primeiro tem a ver com o intervalo temporal em que estes pensamentos a visitavam e remete para uma realidade amiúde na vida de Himba, e segundo, com a significância dos elementos motivadores dos pensamentos. O narrador ao apontar que até nas coisas mais subtis a menina via motivo para recordar a família, leva-nos a depreender que a ausência dos pais e dos irmãos a torturava todos os dias, na medida em que os motivos aludidos correspondem a fenómenos quotidiano.

Em Muidinga há, de igual modo, um vazio motivado pela ausência familiar que Tuahir, embora tentasse, não conseguia preencher, apesar de ser a única pessoa que menino conhecia melhor. As constantes dúvidas sobre a sua origem e o desejo de conhecer a sua identidade e família torna-se numa obsessão para esta criança, que após estar imbuído da matéria dos cadernos de Kindzu, a dada altura considera ser ele próprio Junhito. Trata-se do irmão mais novo de seu autor, desaparecido misteriosamente:

- Estou a pensar... Não, é melhor não dizer.
  - É melhor, mesmo. Fica calado.
- Muidinga insiste depois de um silêncio. O velho já tinha regressado ao cantochoão.
- Vou dizer. Estou a pensar eu sou Junhito.
  - Quem é junhito?
  - Junhito, esse menino do escrito que eu li, aquele da capoeira.
  - É pena não ser mesmo. Porque se fosse galinha, já eu lhe depenava para um bom caril.
  - Estou a falar sério, tio Tuahir.
  - E se vai calar muito sério, também.<sup>234</sup>

Este pensamento fantasioso é reflexo do desejo de qualquer criança de pertencer a um lar, e Muidinga não tinha pais nem sabia ao menos se estes estavam vivos. Este espaço vazio no interior possível de ser preenchido pela família era ocupado com o único mundo onde a vida

---

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>234</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 58.

podia acontecer<sup>235</sup>, com a única experiência de passado que passa a conhecer e no qual, segundo a sua imaginação, podia ter tido origem. Tuahir até então esquivava-se de falar sobre o passado do menino. O velho também o censurava, quando assumia ter sido visitado por imagens e sons sobre a sua escola, mas tão confusas que tornava impossível ao rapaz aceder ao seu passado:

De súbito, lhe chegam sons distantes no tempo, semelhando gritos de meninagem em recreio. O menino estremece: (...) Corre em balbúrdias para o autocarro.

— Tio, tio! Eu me lembrei de minha escola!

Tuahir sorri, carantonhoso. Faz conta que nem ouve, entretido com nenhuma coisa. O rapaz repete, sacudindo o falso-dito tio.

— Me lembrei, juro!

— Te lembraste o quê?

— Das vozes, da barulheira dos outros meninos.

— Escuta uma coisa de vez por todas: nunca houve nenhuns outros meninos, nunca houve nada. Ouviste? Fui eu que te apanhei, baboso e ranhado, faz conta tinhas sido dado parto assim mesmo. Nasceste comigo. Eu não sou teu tio: sou teu pai.

Empurrado com brusquidão, o miúdo tomba sobre os ferros do machimbombo. (...)

O rapaz se volta a erguer e enfrenta o velho. Seu rosto está sereno, parece acrescentado de uma repentina idade:

— Se esse é o seu medo vou dizer o seguinte: lhe gosto mesma coisa fosse o autêntico meu pai.<sup>236</sup>

As vozes que visitam a imaginação do menino refletem o esforço frequente para trazer à memória o seu mundo anterior ao encontro com Tuahir, fruto da necessidade premente de experimentar uma vida em família e do desejo de conhecer os pais. Nota-se um entusiasmo no discurso do menino, como quem tivesse dado o primeiro passo na luta pelo resgate deste passado, requerendo do velho um auxílio mnemónico para o efeito. Tendencialmente arrasadora, a resposta do velho, acompanhada por uma atitude deselegante, deixa escapar um elemento que vivifica o menino. O velho, que recusava o nome de tio por considerar um abuso à sua atenção familiar, ao afirmar que era pai de Muidinga, reconforta o rapaz. Para ele, melhor seria se Tuahir fosse realmente seu pai, pois isso preencheria o vazio causado pela ausência da família.

Tuahir revela num discurso analéptico que encontrara Muidinga quase morto, após ter comido a maquela, uma mandioca venenosa, tendo voltado à vida através dos seus cuidados, que a seguir o levou a um curandeiro para que lhe fossem apagadas as memórias traumáticas da guerra, pois o velho considerava este mal muito pesado para as crianças. Porém, o ato de apagamento, levaram-no à perda das imagens da família e do passado. As insistências pela sua identidade e as tristezas resultantes do vazio da família são evidenciadas ao longo da narrativa, e o excerto a seguir mostra não só descontentamento do velho, que além de não lhe poder devolver à família, mostrou-se sempre bastante cuidadoso para com o menino, dedicando-lhe a atenção de filho. Embora Tuahir recusasse que o rapaz o considerasse como família, tinha no seu íntimo um sentimento paterno. Isto está refletido no nome Muidinga atribuído ao rapaz em

---

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>236</sup> *Ibidem*, p. 56.

memória ao seu primeiro filho, falecido nas minas do Rand<sup>237</sup>. Assim, observa-se que Tuahir receava perder o rapaz:

Muidinga não reage. Tuahir ganha um súbito interesse no rosto do rapaz como se estudasse ali os espelhos baços do seu interior. Se levanta, ele e a sua voz, trabalhando juntos numa fúria:

— Você ainda continua com essa mania de encontrar seus pais? Está proibido! Ouviste? Nem quero lhe ver pensando nesse assunto. Nunca mais.

Vê-se que se controla para não pontapear o moço, se nota um brilho de violência como se houvessem dentes no seu olhar. Parte os ramos de um arbusto, empurra o banco onde o miúdo permanece sentado.

— Olha lhe vou dizer uma coisa: seus pais faleceram. Sim, eles foram mortos com balas de bandidos. É por causa disso eu sempre estou insistir: abandona essa merda de ideia.<sup>238</sup>

O tom violento na zanga de Tuahir e a consequente ordem ao menino de abandono à ideia de procurar os pais, mentindo que estes estavam mortos, refletem não só a impotência de Tuahir quanto à satisfação do desejo constantemente reiterado do menino em querer encontrar os seus pais, como também a angústia que sentia ao vê-lo frequentemente triste por desconhecer o paradeiro dos progenitores. Tuahir, por seu turno, tinha perdido toda a família e não podia imaginar uma vida sem o seu companheiro. A mentira sobre a morte dos pais deste é o subterfúgio encontrado pelo velho para levar o menino a desistir de uma ideia considerada por ele absurda. A verdade sobre o desconhecimento por parte de Tuahir quanto à origem e à família do menino é a seguir revelado na explanação sobre como o mesmo foi encontrado:

— Tuahir me conte tudo. Me conte como me encontrou.

O velho, enfim, acede. Limpa o chão onde se vai sentar em preparativo de que se iria demorar. E conta: ele estava no campo de deslocados, vindo de sua aldeia distante. Uma noite lhe pediram para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas. Os corpos estavam numa cabana, por baixo de uma velha lona. Ninguém sabia quem eram, de onde tinham vindo, a que famílias pertenciam. Estavam despidas, suas roupas tinham sido roubadas mal as crianças perderam força para se defenderem. Tuahir ajudou a arrastar os corpos para um buraco. Enquanto puxava pelas pernas frias se admirava daquele peso tão diminuto. Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando reparou com espanto: os dedos de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam à vida, lutando contra o abismo. Aquela criança ainda respirava. Era a mais clara e a mais raquítica de todas.

— Parem, aquele miúdo ainda está vivo!<sup>239</sup>

A condição em que vivem os dois protagonistas, situados entre a hipótese de terem os pais vivos algures ou de terem sido mortos pela guerra, é semelhante à orfandade, porém mais angustiante. O órfão que conhece de facto o destino dos seus progenitores convive com a certeza de os ter perdido para sempre, suportando apenas o vazio. No caso dos protagonistas, não só suportam este vazio, como também alimentam a utopia de um final feliz, isto é, convivem com a esperança de os poderem encontrar a qualquer altura. Esperança esta que veem todos os dias frustrada pela não realização deste desejo, dobrando assim o sofrimento.

---

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 82-85.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 82.

Concernente à pobreza, os protagonistas dos romances em cotejo enquanto deslocados atingem níveis extremos, pois a deslocação provoca muitas perdas, e neste caso, tratando-se de dois adolescentes a realidade é mais acentuada, devido à falta de experiência de vida. Embora Muidinga contasse com o apoio de um adulto, porém se tratava de um velho com poucas capacidades para adaptação, resignado às circunstâncias. Portanto, ambos refletem a indigência dos campos de deslocados, espaço que partilharam antes da caminhada narrada no *incipit*. Esta realidade é descrita a partir do aspeto externo das duas personagens: descalços e com vestes sujas. Esta descrição não pode ser entendida como uma hiperbolização da pobreza, mas a expressão mais realística da extrema miséria que caracterizaram os campos de deslocados. Trata-se da representação de quem não tem a mínima possibilidade de adquirir, nem de lavar as únicas vestes que possui, tendo de as usar até se desfazer no corpo, a expressão do caos em que se transformou não somente o espaço, mas também a vida humana, resumida em comer mal e ocasionalmente, dormir em condições deploráveis e desconfiar da morte. Com Himba, a realidade a partir do momento em que (se)perdeu (d)os pais não é diferente, dado que a fuga do ataque à viatura em que seguia com a família transformou subitamente a sua vida em miséria, deixando-a apenas com a roupa e os calçados que na ocasião vestia. Uma realidade que vê agravada ao sentir que tinha perdido a única pessoa que presumivelmente a faria chegar a um refúgio tranquilo. A miséria em que se vê envolvida a partir daí é tal e qual a de Muidinga, resumida em comer mal e ocasionalmente, dormir em condições igualmente deploráveis e esperar que a morte que a rondava todos os dias não a levasse ainda.

A realidade que caracterizaria a vida de Himba na Ilha de Luanda como deslocada é descrita por Kassule após o encontro entre ambos na Mutamba. Nessa descrição, Kassule apontou para uma alimentação e um refúgio literalmente lamentável ao olho do leitor. A pobreza na descrição é bastante expressiva. Tratava-se de um lugar extremamente inóspito, um esporão com uma cova semelhante à de uma gruta à beira mar. O leito de todos os dias seria feito de papelões e amaciado pela areia húmida da praia, condição apenas aceite por quem não tivesse solução melhor. Isso reflete a anuência sem qualquer relutância por parte de Himba às propostas de Kassule. Também a comida, de acordo com a descrição, revelava-se imprópria, na medida em que seria recolhida dos contentores, ou seja, se tratava de lixo, com todos os riscos de saúde que podia oferecer:

- Ontem fui fazer mais um reconhecimento à Ilha. Dormi lá. Muito melhor que aqui ou na marginal. Tem alguns restaurantes, dá para apanhar comida que sobra e eles deitam no contentor de lixo. Até cães e gatos vivem por ali, à espera das esquebra dos restaurantes. E se dorme na areia. Amanha vou passar a viver lá. (...) Na Ilha tem vento, mas bocados muito grandes de cimento onde se pode arranjar proteção, assim como uma coisa, esqueço o nome, que se cava na rocha, um buraco...
- Gruta?
- É isso. Claro, uma gruta é maior, mesmo assim.<sup>240</sup>

---

<sup>240</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 41.

Nos contentores era lançado qualquer tipo de matéria imprestável, que poderiam se misturar com os restos de que se alimentariam os meninos, sendo por isso de grande risco o seu consumo. Também por viverem aí gatos e cães, supõe-se não vacinados, os restos torna-se inadequados. Todavia, nas circunstâncias em que se encontravam, quando se temesse os perigos de contração de alguma doença bacteriana ou de ingestão de alguma substância nociva, morrer-se-ia de fome, e esta seria imediata. Esta era a condição a que estava condenada a maioria das crianças oriunda das zonas afetadas pela guerra, e onde Himba iria entrar no dia seguinte. Estariam entregues a uma série de perigos, mas que nesta altura pouco interessava. O essencial era ter ao lado alguém que servisse de conforto à alma estilhaçada e aceitasse partilhar com ela o fardo do mundo, que temer qualquer atentado à saúde. A própria Himba reconheceu a necessidade de ter alguém que a orientasse, no mundo hostil em que acabava de entrar, quando se sentiu incapaz de responder à uma questão de Kassule acerca de um possível retorno da irmã deste:

— Gostava de te responder, mas que sei eu? Vim ontem do mato, ainda hoje uma senhora me chamou de matuense... Ela tinha razão. Não sei nada da grande cidade.<sup>241</sup>

A pergunta da menina sobre o que sabia não evidencia uma ignorância característica a si, mas a falta de condições para raciocínios elaborados naquele momento, por um lado devido à confusão que ainda pairava na sua cabeça acerca das mudanças horríveis que ocorreram na sua vida, isto é, a perda de tudo quanto possuía após o fatídico acidente, sendo o mais importante a família, por outro lado, o cuidado quanto ao levantamento de hipótese em torno de uma questão que desconhecia, pois a exploração de menores não era incomum no contexto em que tinha saído. A evocação do termo “matuense” usada pela senhora que lhe dera o pequeno almoço no dia anterior, para a caracterizar como alguém não residente em Luanda, expressa essa necessidade não só de conhecer melhor a cidade e os hábitos, mas também saber enfrentar a vida nas ruas. E Kassule é por um lado um menino amigável que goza de alguma motivação, por outro lado, possui experiência, sabedoria e astúcia adquirida pela necessidade de sobrevivência à realidade violenta das ruas como compensação da deficiência física, um entrave para a enfrentar pela força, por isso era muito atento às conversas e guardava muitos conhecimentos sobre a realidade à sua volta.

A realidade descrita por Kassule em que começaram a viver no dia seguinte foi marcado nesse dia por dois factos importantes. Por um lado, a promessa de auxílio em caso de um problema grave ou de muita fome por parte de uma mulher que os recebera em casa, dera de beber e comer e que ficou conhecida como senhora boa das trancinhas, que eles conseguiram conquistar pela boa educação e só não pode fazer mais nesta altura por falta condições para o efeito. Por outro lado, o prenúncio das hostilidades, indicada pela ocupação do esconderijo escolhido, durante à tarde, por outro menino. Estes sinais indiciam uma vida submersa na miséria e dissabores para Himba, a que se soma o pavor ao saber da existência de grupos de

---

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 42.



rapazes antagónicos que disputavam os restos de comida dos contentores, o que significava que Himba e Kassule iriam passar fome várias vezes. A experiência de Kassule permitia-lhe encarar a situação com alguma serenidade, pelo que tentava familiarizar a companheira em relação a esta guerra pela sobrevivência:

- Kassule, aquele ali também vem procurar comida?
- De certeza. Viste que acordou com o cheiro? É porque estava à espera da hora.
- Uma ruga de preocupação vinhou o rosto da menina.
- Aqui se luta pela comida?
- Sim claro. Como em todo o lado.
- Himba ia dizer que não é verdade, não se luta em todo o lado, mas calou, porque Kassule só conhecia este mundo dos meninos de rua, dos refugiados sempre a guerrear pela sobrevivência. Era o mundo a que ela agora pertencia. E nem sabia lutar.<sup>242</sup>

Kassule ocultara inteligentemente na sua descrição o detalhas de que o contexto no qual iriam viver era como um campo de batalha motivado pela escassez dos restos de comidas dos contentores, levando os meninos a antagonismos sanguinolento, a que a menina não estava habituada. Aliás, a ideia que lhe percorre a mente no final do diálogo transcrito sobre contextos onde a escassez de comida não constitui motivo para guerra reflete a realidade que ela até então conhecia, a do seu município. Com efeito, tinha sofrido um empobrecimento com os acontecimentos e a transição para este espaço. E tinha agora de guerrear, tal como os outros miúdos, pela sobrevivência. Kassule tinha de facto consciência da existência de lugares onde a comida não era motivo de conflito, pois tinha saído do Cuanza-Sul, onde a realidade era diferente. O que tentava era fazer Himba entender que havia, em qualquer lugar onde viviam meninos deslocados, luta pela comida, devido à escassez. Estes meninos, tal como Himba e Kassule, eram também oriundos de zonas onde a sobrevivência não passava pela disputa por comida, que levasse à formação de fações cruentas. Estas regras são criadas nas ruas e motivadas pelas circunstâncias, refletindo o desequilíbrio emocional, nestas crianças acostumadas à assistência a atos de violência praticados pelos bandos armados, impróprios para indivíduos desta faixa etária e pelos efeitos das mudanças abruptas das suas vidas. Uma vez que todos os meninos não cresceram malfeitores, mas foram transformados pelas leis das ruas, Himba teria igualmente de se transfigurar, se quisesse sobreviver a este “novo” ambiente, independentemente de ter força ou não, de saber lutar ou não. Porém a fragilidade em relação aos outros meninos em número cada vez maior e agrupados em fações levou a que muitas vezes não conseguissem os restos de que se alimentavam, sobretudo quando Noé não aparecesse naquele lugar:

- Ficas connosco para o almoço?
- Noé percebeu a ansiedade na voz de Himba. Sabia, era a oportunidade para terem de facto alguma comida. A ele tanto fazia, em qualquer restaurante conseguia arranjar os restos, sabia lutar por eles. Era forte e bom em luta de praia (...) Mas os amigos eram fracos de mais, pequenos de mais. Que mal fazia ficar e ajudá-los?

---

<sup>242</sup> *Ibidem*, p. 66-67.

Noé não apareceu nos dias seguintes.  
Voltaram a casa de dona Isabel e ela os recebeu muito bem (...)  
Eles estavam nitidamente mais esfarrapados e fracos, a senhora notou.  
— Hoje vão almoçar comigo, A Luzia está a preparar um funje de uma fuba de bombó que me mandaram da terra, dá para todos.

— Já estamos habituados à fome, Dona Isabel — Disse Himba Suavemente.<sup>243</sup>

Há um conjunto de ideias sobre a carência alimentar a percorrer a obra, no qual Himba e Kassule são mais afligidos. Embora Kassule fosse bastante inteligente em relação à matéria de sobrevivência, nem ele, nem Himba tinham condições para disputar numa guerra que envolvia não só a força, como também armas brancas. Pelo que passavam muitos dias de fome, quando Noé ou Madia não estivessem por perto, tal como os textos acima sugerem. Esta última, tal como Noé, teve uma passagem efémera na vida de Himba e Kassule, Era bastante azeitada à vida das ruas, pois já tinha passado por agressões físicas e sexuais, portanto, conseguia suportar as lutas e ferir os adversários, quando fosse necessário, porém acabou abandonando a Ilha quando aceitou a proposta de uma senhora que precisava de menina para explorar em trabalhos domésticos<sup>244</sup>. A dificuldade em disputar os restos nos contentores aliada aos perigos constantes contra violações levaram Himba a entregar-se posteriormente a Tobias, líder de um dos grupos, como namorada para garantir proteção e comida regular para si e os seus companheiros Kassule e Luemba, sujeitando-se, por isso, à vontade do jovem que embora fosse mais comedido que os outros meninos e a tratasse bem, era vingativo e tinha alguns comportamentos desleais para com ela:

— Mão delicada, parece uma flor. Não foi feita para estar aqui nesta miséria. Devias viver numa verdadeira casa.  
— Vivi...  
— Eu sei. Todos nós nalgum momento das nossas vidas.  
(...)  
— Te pergunto de novo, és tão forte como ele? Porque disseste que me ias proteger a mim e à minha família. Preciso de saber se é verdade, nos proteges do Jonas?<sup>245</sup>

Muidinga e Tuahir, pelas hostilidades das circunstâncias que os reduzira a verdadeiros infaustos, com as esperanças cada vez mais ameaçadas, o melhor refúgio conseguido por eles, depois de um longo percurso a pé, foi um autocarro completamente queimado com vários indivíduos carbonizados no interior, lugar igualmente inapropriado para se habitar, por um lado devido à condição destruída e poluída em que o espaço se encontrava, por outro lado, devido à sua localização, isto é, na estrada, lugar suscetível a ataques. Aliás, o facto de a atrocidade que deixara o autocarro naquele estado ter sido muito recente era revelador do perigo a que estavam expostos. Como no caso anteriormente aludido, a voz da experiência pesa sobre o protagonista que ainda tenta retorquir, considerando a insegurança do espaço, mas acaba resignado, por falta de proposta melhor:

---

<sup>243</sup> *Ibidem*, p. 133, 134 e 166, respetivamente.

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 182-183.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão acordando poeira. O velho ralha.

- Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.
- Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?
- Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.

Muidinga não ganha convencimento. (...) Se encosta ao tronco da árvore e pergunta:

- Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?
- Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?
- Você sempre sabe, Tuahir.
- Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?
- Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos.
- Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo.

Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de corpos carbonizados. Muidinga se recusa a entrar. O velho avança pelo corredor, vai espreitando os cantos da viatura. (...) O miúdo continua receoso, hesitando entrar. O velho encoraja:

(...)

- Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo.

Muidinga arruma o saco num banco. Senta-se e observa o recanto conservado. Há tecto, assentos, encostos. O velho, impávido, já se deitou a repousar. De olhos fechados, espreguiça a voz:

- Sabe bem uma sombrinha assim. Não descanso desde que fugimos do campo. Você não quer sombrear?
- Tuahir, vamos tirar esses corpos daqui.
- E porquê? Cheiram-lhe mal?

O miúdo não responde logo. Está virado para a janela quebrada. O velho insiste que descanse. Desde que saíram do campo de deslocados eles não tinham tido pausa. (...) Se escuta apenas o seu respirar, quase resvalando em soluço. Então, ele repete a sussurrante súplica: que se limpe aquele refúgio.

- Lhe peço, tio Tuahir. É que estou farto de viver entre mortos.<sup>246</sup>

Habitar num autocarro incendiado em que havia vários corpos carbonizados é de todo perturbador para uma criança e não só, e isto é observado no seu receio em entrar, em olhar para os corpos após ter entrado, e nas súplicas feitas ao velho para a remoção dos cadáveres, não por estarem a feder, mas pelo desconforto que os mortos lhe vinham causando. É inevitável que estas condições afetem psicologicamente o menino, causando trauma, porquanto a exposição da criança a situações lesantes pode constituir um choque contra a sua barreira de proteção e autorregulação de estímulos<sup>247</sup>. Porém, no contexto conturbado de guerra em que se encontravam, era inútil Tuahir distanciar Muidinga desta realidade, pois todos estavam submersos nestes horrores. Melhor era estar acostumado a tais imagens, que entrar regularmente em estados de choque. Portanto, o velho tentava encorajá-lo a encarar, contra qualquer impacto que a frieza diante de imagens fortes como as aludidas viesse posteriormente a causar no comportamento do menino, dado que todos os dias estavam sujeitos a deparar-se com cadáveres a qualquer momento, uns mais asquerosos que outros, aliás, não tinham encontrado refúgio melhor que aquele. A exclamação de Tuahir relativamente à sombra, sugerindo que não tinham encontrado outra melhor reflete que a sobrevivência era um

<sup>246</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 16.

<sup>247</sup> Maria José Gonçalves, “Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência”, *Análise Psicológica*, nº 1, Vol. XXI, 2003, p. 23.

exercício excruciante e encontrar um lugar como aquele foi como uma dádiva. Mais do que qualquer risco que viessem a enfrentar, o teto, ainda que deplorável, era uma necessidade que se impunha. Tal como Himba e Kassule, a luta pela sobrevivência não passava apenas por obter um esconderijo, mas por ter também o que comer e o que vestir, e no meio do nada, era evidente que teriam dificuldades terríveis quanto à alimentação. Daí que, quando acharam a mala, o velho logo lançou as mãos para a caixa de comida. Quando a comida encontrada na mala de Kindzu acabou, Muidinga e Tuahir tiveram dificuldades imensas relativamente à alimentação, que os levou a circular pelas cercanias em busca de alimentos, tarefa sempre difícil, na medida em que as terras se encontravam devastadas:

Mas o mato selvagem não oferece alimento para quem não conhece os seus segredos. E a fome começava a beliscar a barriga daqueles dois. O estômago ronrona. O velho lhe pede contas:

— Tem fome, não é miúdo? Quem lhe mandou poupar o cabrito?

O moço está derreado, parece ter regressado ao estado da doença. Está quase parente da estrada, parado e poeiroso.

Tudo fora abandonado, as culturas se tinham perdido, castanhamente. A terra toda se despira, esperando em vão receber o beijo do arado. Aquelas visões ainda mais os esfaimam, fazendo-os arrotar o eu próprio jejum. O velho se senta numa clareira, na margem da antiga machamba. Recolhe em seu redor secos restos de mandioca. É a única cultura que resta, a única que resistiu à seca. Sacode as raízes e nota dentadas na casca.

— Merda! Os ratos chegaram primeiro.

Agora, porém, os dois parecem vagabundear sem direcção. A fome começa a pedir deferimento.<sup>248</sup>

A vida de Muidinga e do seu companheiro é marcadamente paupérrima. A noção da fome é recorrente e encontrar algo com que a seciar, nem sempre fácil, por se tratar de um ambiente desolado, onde até as plantações não resistiam às alterações climáticas. Como ilustrado no segundo excerto, até a mandioca seca roída por ratos é vista por Muidinga como alimento. E só não a come contra os perigos que podem acarretar, devido ao alerta de Tuahir, que considera ser da espécie venenosa que quase tinha levado a vida do menino. A dificuldade vivida por essas duas personagens reflete a indigência na sua expressão mais elevada. Pois além da fome e do esconderijo, a descrição resumida do rapaz por parte do narrador, segundo a qual estava poeiroso, parecendo parente da estrada, permite ver o estado sórdido em que este e o seu companheiro se encontravam, pois faltava-lhes também vestuário que lhes possibilitasse efetuar alternância no dia a dia.

Esta descrição é análoga à realidade de Himba e Kassule descrita pelo narrador, segundo a qual aos olhos de dona Isabel estavam visivelmente esfomeados e esfarrapados. Isto reflete que tanto o protagonista de *Terra Sonâmbula* como a de *Se o Passado não Tivesse Asas*, durante os anos de sobrevivência na Ilha de Luanda, viveram momentos angustiantes de pobreza em que a realidade quotidiana era caracterizada pela necessidade de alimentação vestuário e de uma habitação aconchegante. Assim, a guerra levar as crianças a uma situação de miséria

---

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 79 81 e 144, respetivamente.

extrema, não só afeta profundamente o desenvolvimento delas, como lhes retira os direitos previstos no princípio 4º da *Declaração dos Direitos da Criança*:

A criança deve beneficiar da segurança social. Tem direito a crescer e a desenvolver-se com boa saúde; para este fim, deverão proporcionar-se quer à criança quer à sua mãe cuidados especiais, designadamente, tratamento pré e pós-natal. A criança tem direito a uma adequada alimentação, habitação, recreio e cuidados médicos.

De acordo com Cristina da Costa Vieira, para quem “acção é um macro-processo narratológico sempre responsável por parte da construção de qualquer personagem romanesca”<sup>249</sup>, entendemos a construção de Himba e Muidinga, enquanto deslocados reduzidos a uma indigência descente, refletida na necessidade de bens de primeira necessidade uma consequência à ação da guerra, levando-os a uma incessante luta pela sobrevivência, condição alheia às suas vontades. Neste sentido, a ação da guerra, enquanto processo narratológico, constitui um fator importante na construção dos dois protagonistas, na medida em que lhes rouba a infância, nos termos de Jean-Jacques Rosseau, que observa: “quer a natureza que as crianças sejam crianças antes de serem homens. (...) A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que são próprias; nada há de mais insensato do que pretender substituí-las pelas nossas”<sup>250</sup>.

Foi também um problema legado pela guerra transportado para as vidas dos protagonistas dos dois romances, o sentimento de insegurança. A guerra tornara muita gente violenta, pelo que os espaços em que ambos habitavam eram instáveis, conquanto cada um apresentasse os seus próprios perigos. Porém, nem Muidinga, nos matos onde circulavam os grupos armados que andavam a devastar as aldeias, nem Himba na Ilha de Luanda, convivendo com os meninos de rua que tinham escapado da guerra, gozavam de segurança. Esta estava a passar por um processo de ressocialização terrífico, baseado em experiências quotidianas grosseiras cometidas pelos rapazes que a circundavam. Os relatos sobre as lutas pela comida ouvidas de Kassule e de Noé, bem como as histórias de violações por parte do homem que sua mãe arranjara em Luanda após ter fugido da guerra em Malanje e depois pelos meninos de rua, contadas na primeira pessoa e da forma mais crua por Madia constituíam para Himba uma nova forma de aprendizagem, a das ruas e sem filtro, e de assimilação do meio em que se encontrava. Himba em pouco tempo percebeu que naquele espaço tão pequeno e no seio de meninos cabia tudo quanto fosse sádico. Portanto, a experiência era de insegurança, como de quem estava em zonas afetadas pela guerra:

— Deixa só quando um dos bandos vier aqui... Coitada, vais aprender à tua custa e bem rápido. O do Jonas então... São muitos, ninguém segura eles, e gostam

---

<sup>249</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 234.

<sup>250</sup> Jean-Jacques Rosseau, *apud* Sofia Daniela Dias Machado, *Saberes Culturais e Práticas de Animação Sociocultural - Um estudo com crianças*, Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho, Minho, Universidade do Minho, 2013, p. 86. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24533/1/Sofia%20Daniela%20Dias%20Machado.pdf> (Data de acesso: 14/05/2018).

de foder miúdas, três de cada vez. O Jonas tem uma só para ele, por isso os do bando é que atacam as outras.

Himba estava mesmo pouco tranquila antes, ainda ficou pior depois. Não queria ouvir falar de bando, deles fugiram no município e caíram numa emboscada de um qualquer. Bando de praia talvez não fossem piores que os do mato. Pelo menos não tinham aquelas armas barulhentas e mortíferas. Bando na mesma.<sup>251</sup>

Embora Himba tentasse tranquilizar-se relativamente ao grau das violências praticadas pelos meninos, considerando-o inferior por estes não utilizarem as mesmas armas de fogos semelhantes às dos bandos das matas, ela revela uma gradação no sentido ascendente do pavor que a tinha possuído desde a conversa com Kassule, sobre o antagonismo dos grupos. De certa forma, as práticas dos meninos constituíam uma reprodução das violências a que estavam expostos nos lugares de onde fugiram e só não evoluíam para as formas mais brutais como o uso de armas de fogo, porque, por um lado a aquisição deste material requeria custos, e, por outro lado o seu uso espantaria a população residente, atraindo, como consequência a intervenção das autoridades policial, porém a prática de atos silenciosos como uso de armas brancas em brigas e as violações sexuais, que reflete uma reprodução das barbáries dos bandos dos matos, são perigos a que Himba e qualquer menina indefesa estava exposta. Ela não consegue esconder a perturbação depois da tomada de consciência deste perigo. O final da reflexão comparativa entre os dois bandos é claro. “Bando na mesma” é a conclusão de que a diferença que ela estabelece não subtrai a crueldade de que os meninos eram capazes e consequentemente os riscos a que ela estava sujeita, aliás, os meninos eram consumidores de substâncias entorpecentes que os levavam a cometerem crueldades com frieza. Portanto, a sua segurança estava ameaçada.

Muidinga, embora já tivesse consciência da insegurança que um lugar como aquele, com vestígios evidentes de massacre, podia oferecer-lhes, algumas situações aprofundaram a desconfiança relativamente à vulnerabilidade em que estavam, isto é, as suspeitas de haver nas redondezas pessoas estranhas. A primeira tem a ver com o caso de um elefante que viram a passar derramando sangue, levando-os a considerar que tinha sido atingido pelos bandos armados para se aproveitarem dos marfins. Outro facto está relacionado com um cabrito que aparecera junto do autocarro, levando Muidinga e Tuahir a uma divergência quanto ao seu destino imediato. O velho pretendia que este fosse morto para saciarem a fome, ou fosse deixado solto, para não que não denunciasses a presença deles naquele espaço. Muidinga em desobediência decidiu amarrar o animal, pois lhe transmitia a sensação de estar numa aldeia<sup>252</sup>. O desespero surge com o desaparecimento do animal naquela noite, tendo ficado apenas a corda manchada de sangue. Tuahir, que pela experiência determinara que tinha sido um homem com uma faca, sente-se estremecido, estremecendo também o rapaz:

— Tio, tio! Comeram o cabrito!

(...)

— Quem disse para amarrar a merda do cabrito aqui?

---

<sup>251</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 84.

<sup>252</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 55.

Grita com superiores ganas de rachar o mundo. Segura a ponta da corda, sacode-a perante o nariz. Muidinga se admira de tais fúrias. Que lamentava o velho assim tão espalhafarto?

— Deve ter sido uma hiena, tio...

O velho, ríspido, agarra a cabeça do rapaz e lhe esfrega a corda no rosto.

— Veja essa corda, satanhoco. Veja!

O pobre miúdo nem que quisesse. A mão do velho lhe alicateia o pescoço, dobrando seu fracturável corpo sobre os infernos. Me largue, tio. É a súplica que ele consegue, já tombado nos joelhos.

— Veja aqui, grita Tuahir. Cortaram essa corda com faca!

Muidinga se arrepanha. Quem estivera ali com tais laminosas intenções? Agora ele entende a fúria do velho. Um cabrito atado só servia para agarrar os olhos dos passeantes.<sup>253</sup>

Pode-se inferir, neste excerto, a existência de um sentimento de insegurança implícito tanto na zanga de Tuahir, como na questão feita por Muidinga a si mesmo. Até então Tuahir nunca tinha chegado ao ponto de usar expressões grosseiras contra o menino, tampouco de tentar agredi-lo fisicamente, e não teria aí chegado devido à fome ou devido à perda do cabrito que serviria de alimento por alguns dias, mas por sentir que o perigo os espiava. A vigília de Tuahir na noite seguinte justifica a desconfiança de haver indivíduos nas redondezas, pois era uma forma de estarem prevenidos, em caso de alguém voltar a rondar o aquele espaço. As laminosas intensões consideradas por Muidinga não estão exatamente relacionadas com o furto, mas com situações que perigavam a integridade de ambos. A percepção da zanga do velho passou por sentir que o perigo os cercava. Trata-se de uma situação agitante para uma criança, embora Tuahir lhe oferecesse algum conforto. O velho, na manhã do dia seguinte, conseguiu afastar do rapaz o medo, dizendo, que podiam ficar descansados, pois o machimbombo queimado os tinha salvos<sup>254</sup>, ou seja, os indivíduos que levaram o cabrito não tinham imaginado que naquele resto de autocarro haveria pessoas a dormir. Outro diálogo que reforça a insegurança presente em Muidinga e Tuahir, ocorre depois de uma manifestação de súbita:

Os dois se riem da explicação, gargalham a peitos abertos. De repente, Muidinga se inquieta:

— Não é perigoso barulharmos assim?

— Se rir muito alto você afasta os maus espíritos.

O velho retoma dançando. Muidinga já não o acompanha. Encosta-se numa árvore. O velho olha-o admirado.

— Ria, miúdo. Rindo as alegrias acontecem.

Depois, também Tuahir abandona as danças. Desaba-se, desistido. Senta-se, abanando a cabeça.

— Você tem razão, miúdo: cada vez vamos chamar atenções.

Ficam por um enquanto a respirar tristezas...<sup>255</sup>

Este momento de bem-estar que surgem como anestesia ao sofrimento, e que poderia esticar-se por mais tempo, caso reinasse paz naquele espaço, é subitamente interrompido pelo medo do miúdo, pois entendia que a segurança residia no estarem calados a segurança deles. Num ambiente em que a guerra silenciara quase tudo, qualquer manifestação de alegria que rompesse o silêncio quase tumular que reinava na vida das duas personagens representava um

---

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 78

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 78-79.

<sup>255</sup> *Ibidem*, p. 204.

perigo. Observa-se, neste caso, em Muidinga um sentimento de insegurança que o leva a pensar que podiam estar, com aquela manifestação, a atrair a atenção dos bandos armados. A posterior anuência do velho e o consequente silêncio, que traz de volta o clima de tristeza no seio dos dois traduz o medo de quem se sente inseguro num espaço ameaçado pela guerra.

O problema ligado à insegurança é a causa dos casos plangentes como os ocorridos nas iniciações sexuais nas vidas dos dois protagonistas. Himba, depois de ouvir de Madia, num discurso sem filtros, os casos de violações dos bandos da Ilha, teve a infelicidade de viver esta realidade, quando decidiram com Kassule sair da rotina monótona e desanuviar na floresta da Ilha, onde foi a seguir violada por quatro miúdos na presença do amigo que, não tendo conseguido evitar, se limitou a chorar:

Os quatro deixaram os dois com os seus soluços e foram embora, a cantar vitórias e heroísmo.

Muito tempo de pois, Kassule se levantou e foi ter com ela. Havia sangue no chão e ele notou, mas não falou disso, vamos, vamos, para a nossa praia. Ela ainda demorou a calar, mas acabou por ganhar forças e, apoiada pelo amigo, caminhou para fora da floresta e os seus monstros gargalhando entre os ramos e as folhagens. Tudo lhe doía, mas o pior não era a dor física. Se sentia roubada, violentada no mais íntimo, como se deixasse de haver proteção no mundo.

(...)

Madia adivinhou logo o que aconteceu. Pediu nomes a Kassule, só falaram num, Chico.

- Isso não ajuda, há muitos Chicos. Vou masé tratar dela.<sup>256</sup>

A consumação de um ato para o qual Madia tinha já alertado, por se tratar de uma situação a qual estava habituada por ter sido muitas vezes violada, espelha como este tipo de violência praticada pelos grupos, sobretudo o liderado por Jonas, era recorrente. O cântico de vitória e heroísmo por parte dos agressores é revelador de uma indiferença característica de indivíduos acostumados a práticas hediondas sem qualquer receio de punição seja moral seja jurídica, o que ameaçava de fato a vida de Himba dos seus parceiros e de outros meninos. A noção de recorrência está igualmente implícita na dedução imediata de Madia relativamente ao sucedido. Poderia ter pensado noutras razões, porém o facto de já ter vivido esta realidade e saber de outras meninas que sofreram este tipo de violência levou-a a intuir o que deveras tinha ocorrido.

A violação de Muidinga ocorreu num momento em que se afastara do abrigo à procura de água e entrara num espaço onde havia várias mulheres a realizar um ritual no qual era proibido a presença de homens. O acesso ocorre por desconhecimento e o menino tentava manter um contacto com as mesmas, na medida em que isso significava para ele estarem próximo à uma aldeia, o que poria fim a um período no meio do nada. Porém, a presença naquele espaço e a tentativa de procurar junto das senhoras condições de aconchego para si e para o companheiro, que nesta altura estava afastado, foi pago, por constituir um ultraje ao ritual, com a castidade:

---

<sup>256</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 94-95.



Muidinga pára a olhar. Ali estava, mesmo que indigente, uma extensão da vontade humana. Fica por instantes a inspirar aquele perfume da terra lavrada até que escuta vozes, vindas do fundo da paisagem. Eram mulheres que se aproximavam, cantando. Traziam ramos nas mãos e com eles iam batendo no chão. (...) Muidinga grita para que seja notado. Há um alvoroço. (...) O moço fica parado. Uma voz dentro o avisa:

— Foge, Muidinga!

A mais velha se acerca e, com insuspeita força, lhe bate na cara. Muidinga fica dominando fêrvuras, entre receio e rancor. Lhe batem com paus, ramos secos, lhe atiravam areia, pedras, torrões.

(...)

— Porquê me batem, mães?

Mas elas não entendem a sua língua. E desse desencontro se enchameia mais a zanga daquela gente.

(...)

Então, a mais velha se coloca de pernas abertas sobre seu corpo derrubado e, num puxão, se desfaz da capulana. (...) E se desata a esfregar de encontro ao prostrado Muidinga, mais ciosa que ansiosa. (...) Muidinga nem se quer inteirar da sucedência: estava a ser violentado, em flagrante abuso. A primeira se sacia, abusa e lambuza. Depois, as outras se seguem, num amontanhado de corpos, gorduras e pernas.

O pobre moço nem sabe se perdeu o consenso ou se o mundo rodou mais rápido que as mulheres endoidadas. Sabe apenas que está saindo de um escuro e as luzes pirilampejam, abrindo soluços no céu. No recorte da visão está Tuahir, lhe puxando para uma sombra.<sup>257</sup>

Trata-se de uma situação que reflete as circunstâncias delicadas em que se encontrava a criança, na medida em que a violação ocorre num momento em que o mesmo buscava por auxílio em um lugar cujo acesso certamente não teria acontecido, caso estivesse na aldeia sob os cuidados da família ou da igreja, onde tinha recebido educação desde a primeira infância. A exposição a um ambiente adverso a um crescimento harmonioso, a falta de proteção adequada que torna a criança vulnerável a qualquer forma de violência é consequência da guerra.

Tanto em Himba quanto em Muidinga, a sensação após o ato foi de terem sido magoadas profundamente, de lhes terem sido subtraídos violentamente algo sagrado, que traduz o desgosto e sofrimento interno, próprio de uma criança vítima de abuso sexual. A violação foi, nos dois casos, praticada por vários agressores. Segundo Kellogg e Haffman, nestes casos, as vítimas tendem a culpar mais a si do que os agressores e há uma maior dificuldade de recuperação devido à presença dos sentimentos<sup>258</sup>. A ensaísta, citando Finkelhor e Browne, aponta ainda que “a experiência gera sentimentos imediato de desconfiança que se manifesta em insegurança em relação às pessoas, medo de que a situação se repita, mas também medo de outras coisas que não estejam relacionadas com o abuso”<sup>259</sup>.

Em Himba, as consequências desta experiência são tratadas com maior profundidade, por gozar de maior profundidade axiológica relativamente ao protagonista de *Terra Sonâmbula*. Ao passo que em *Terra Sonâmbula* o narrador descreve apenas o estado pós-agressão, isto é, dores corporais, cansaço, necessidade de consolo, e falta de ânimo para dar sequência à leitura dos cadernos<sup>260</sup>, Himba manifesta alterações comportamentais resultantes do abuso. Há uma

<sup>257</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 164-166.

<sup>258</sup> Kellogg e Haffman, *apud* Marisalva Fernandes Fávero, *Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores*, Lisboa, Climepsi, 2003, p. 164.

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 165.

<sup>260</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 167.

acentuação da repulsa pelos meninos, que traduz o medo de que o ato viesse a se repetir, denotando uma presença traumática do acontecimento. O estado da menina ao ouvir pela primeira vez a voz de Tobias, líder de um dos grupos e com quem ela passou posteriormente a namorar para garantir a sua proteção, espelha as marcas deixadas pela violação:

Himba se encolheu toda ao ouvir a voz grossa. Era nova para ela, mas não de bom agouro. O medo paralisou-a<sup>261</sup>.

Além disso, passou a alimentar um ódio pelos seus ofensores, que motivou confrontos entre estes e o grupo de Tobias, resultando posteriormente na morte deste pelas mãos de Jonas.

### **3.2. Diferenças do protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula* e em *Se o Passado não Tivesse Asas***

Se o protagonismo da criança tem em comum nos dois romances o facto de ambas serem vítimas de guerras, enfrentarem por esta razão uma vida paupérrima, sem família, desprovida de segurança, refletindo a perda das garantias para um crescimento saudável dos mesmos, difere, no essencial, pelo tipo de ambiente em que as crianças cotejadas vivem esse momento sombrio das suas vidas, na construção axiológica das mesmas, a nível ético-político, e no desfecho da ação das duas criança refletindo um distanciamento entre o tempo diegético e o discurso narrativo.

As guerras ficcionadas nos dois romances tiveram maior incidência nas zonas rurais, tornando as cidades, sobretudo as capitais, lugares de sossego e proteção. Portanto, o acesso por meio da evasão a estes pontos representava o ponto final das frequentes debandadas das aldeias para as matas motivadas pela ação dos bandos armados, embora isso não remetesse necessariamente para o bem-estar de quem chegasse para as cidades, na medida em que o abandono abrupto de uma vida em circunstâncias tormentosas tem sempre repercussões negativas. No ideal de uma criança, estar num lugar onde não pode se deparar regularmente com cadáveres, nem ouvir os estrondos assustadores de armas constitui algum sossego. Portanto, é comum, para quem vive em lugares de conflito, o sonho de encontrar um lugar tranquilo. Daí a diferença entre a realidade de uma vítima de guerra dentro do espaço de conflito e a da vítima que vive as consequências num espaço distante da zona de conflito. Assim, em *Terra Sonâmbula*, Muidinga e Tuahir representam os deslocados que se moviam nas zonas rurais, lugares regularmente ameaçados pelos bandos armados, como eram chamadas as forças opositoras ao governo, e em *Se o Passado não Tivesse Asas*, Himba e Kassule representam os deslocados que tendo concretizado o desejo de fuga das zonas de conflitos, chegando à capital, onde o acesso ao inimigo era difícil, vivem os problemas semeados pela guerra nas suas vidas.

---

<sup>261</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 140.

Muidinga emerge juntamente com Tuahir num ambiente rural em guerra, devastado quase na totalidade pela sua intensidade, mas também pela seca prolongada vivida em Moçambique na década de 80 do século XX, depreende-se, uma vez que este fenómeno constitui uma das marcas do período ficcionado, como consta de um estudo conjunto realizado pelo Fundo Global para Redução e Recuperação de Desastres do Banco Mundial, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e a União Europeia:

Após a independência em 1975, Moçambique foi afectado por diversos fenómenos calamitosos, destacando-se as cheias na bacia do rio Limpopo (1977) e de outros rios (1978/79), bem como uma seca generalizada em 1982/83. O governo respondeu a cada desastre à medida que este ocorreu, dependendo na altura da ajuda internacional para a resposta humanitária e para a recuperação.<sup>262</sup>

É neste meio desolado que eles permanecem durante toda a narrativa. Este fator reflete para ambos, por um lado, maior exposição ao perigo dos ataques que os leva a estarem quase sempre escondidos dos olhos dos bandos armados e a evitarem movimentações que atraíssem a atenção destes, que não andavam tão distantes, como sugere a estado do autocarro usado por eles como esconderijo, que tinha sido atacado com os seus passageiros pouco antes; por outro lado, da fome devido à permanência por mais tempo sem comida. Portanto, ao não se afastar do espaço de conflito, o protagonista de *Terra Sonâmbula*, reflete maior desguarnecimento, na medida em que a segurança de ambos passava apenas por andarem longe das suspeitas dos inimigos, mas também menor probabilidade de permanecerem vivos, devido às saídas constantes motivadas pela procura de alimento, sempre escasso. Uma realidade para a qual Muidinga se manifestava enfadado:

De facto, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro. Quem sabe essas visões eram resultado de tanto se confinarem ao mesmo refúgio. Por isso ele queria uma vez mais partir, tentar descobrir nem sabia o quê, uma réstia de esperança, uma saída daquele cerco.<sup>263</sup>

Esta descrição sugere uma realidade entediante para a criança, que nem os cadernos de Kindzu, espaço de fuga, onde a imaginação de um mundo dinâmico era possível, nem as suas visões sobre o colorir da paisagem resolviam. Para o menino estarem protegido limitados num ambiente inerte, não refletia uma vida. Este é a razão de querer partir para uma outra experiência, ainda que desconhecida. A inconformidade quanto à permanência naquele mundo fechado é regular. Há uma expressão reiterada deste sentimento do menino, pois querer mais uma vez partir em circunstâncias em que proteger a vida se sobrepõe a qualquer outro interesse

---

<sup>262</sup> GFDRR, PNUD e EU, *Moçambique, a recuperação de cheias recorrentes 2000-2013, Estudo do Caso para o Quadro de Recuperação de Desastres*, agosto de 2014, p. 4. Disponível em [https://www.gfdr.org/sites/default/files/publication/report-mocambique-recuperacao-cheias-recorrentes-2014\\_0.pdf](https://www.gfdr.org/sites/default/files/publication/report-mocambique-recuperacao-cheias-recorrentes-2014_0.pdf) (Data de acesso: 01/06/2108).

<sup>263</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 103.

revela não só uma vida desamparada como também uma necessidade urgente de desbloqueio do confinamento para um lugar qualquer em que a vida voltasse a pulsar.

- Você quer sair, não é?
  - Quero, tio. Esta estrada está morta.
  - Esta estrada está morta!? Mas não entende que isso é muito bom, esta estrada estar morta é que nos dá boa segurança?
  - Mas nós, desta maneira, não vamos a lado nenhum...
  - Isso quer dizer que também aqui não chega ninguém.
- O velho pondera: não valia a pena insistir. O melhor seria uma mentira, dessas tecidas pela bondade. Diria ao miúdo que aceitava partir. Depois fingiria afastar-se, enquanto andavam em círculos. Regressariam sempre ao machimbombo, à mesma estrada de onde haviam partido. Assim ele fizera desde a primeira vez que saíram da estrada.<sup>264</sup>

O diálogo ilustra de facto a diferença de visão entre Tuahir e Muidinga. Vê-se, por um lado, o velho preocupado com a salvaguarda da sua e da vida do menino, considerando segura a permanência naquele lugar silvestre e desabitado, refletindo acomodamento em relação às necessidades, não só material, mas também espiritual, mesmo que isso durasse o mesmo tempo que a guerra; por outro lado, um menino que apesar de considerar a insegurança, manifesta-se inconformado com a vivência reduzida àquele mato consternado. É deste estado de espírito, perante uma situação que além de esmorecida não oferece perspetiva, que surge o seu apelo para uma mudança, que só isso lhe devolveria a sensação de estar ainda a viver. A recusa às ponderações do velho reflete a necessidade que a criança tem de viver o seu mundo, apenas possível num ambiente alargado de relações em que tenha a possibilidade de partilhar esta mundividência inerente à sua faixa etária com as outras crianças. Para si, interessava antes andar, mesmo que sem norte, que isso lhe transmitiria alguma expectativa. Embora convencido por Muidinga de que realmente naquele ambiente estavam distantes de todas as possibilidades de mudanças positivas, a impugnação do velho através do logro na caminhada, espelha a sua impossibilidade, tendo em conta as adversidades do contexto, em conceder ao menino uma vida correspondente a essas necessidades.

Himba, por seu turno, move-se num espaço situado entre o rural, correspondentes aos anos áureos da sua infância junto da família, e o urbano onde vive os sombrios anos legados pela guerra, sem a família. Embora igualmente hostil, este espaço por ser habitado e possuir movimento torna a sua vida e a do seu parceiro menos esmorecidas, oferecendo-lhes a possibilidade de manter contacto com outras pessoas. É o caso de dona Isabel Kimba, que tendo ouvido as suas histórias, com as quais se mostrou compadecida, e tendo sido cativada pela boa educação demonstrada pelos meninos, comprometeu-se a auxiliá-los material e espiritualmente, de acordo com as suas possibilidades:

Enquanto comiam, contaram as respetivas desventuras, evitando muitos detalhes, mas explicando de onde vieram e de que tipo de famílias, ele de uma camponesa, ela de pai professor e mãe enfermeira. É muito triste, disse a senhora no fim do relato.

---

<sup>264</sup> *Ibidem*, p. 103-104.

Avisou-os de alguns perigos da Ilha, como de qualquer zona urbana, afinal. Disse que tinha um filho, o mais velho, já a trabalhar, e duas meninas mais novas, estavam na escola. (...) Kassule disse, Himba ainda temos de andar. Se despediram da senhora, que a partir deste dia passou a ser conhecida como a senhora boa das trancinhas, a qual a senhora ainda lhes disse:

— Olhem, vão ter muitas dificuldades, uns mais outros menos, todos temos. Mas se estiverem bem mal um dia, com um problema ou com muita fome, venham aqui, se for coisa mesmo séria, vejam lá.<sup>265</sup>

Como se pode ver nos excertos, embora os problemas fossem os mesmos, o espaço em que Himba se move é mais favorável que o de Muidinga, não só a nível de proteção à vida, como também quanto às possibilidades de beneficiar de alguma ajuda de pessoas caridosas. Neste sentido, mesmo que em regra a refeição fosse restos de comidas dos contentores, nem sempre fácil, poderiam, quando lhes faltasse por alguns dias, obter a ajuda da senhora boa das trancinhas, que além de comida, lhes dava roupas para subsistir as velhas e imundas e, se necessário, conselhos a fim de manterem um comportamento exemplar, apesar das circunstâncias desfavoráveis. Bastante educadora, a senhora preocupava-se inclusive com a vida sexual da menina, que receava ter um namorado, por um lado, devido às transformações que se podiam observar nela, por outro lado, por conhecer a realidade dos meninos de rua na Ilha de Luanda:

Minha filha, reparei, te estás a fazer mulher rápido-rápido e talvez a tua mãe não tenha tido tempo de te explicar umas coisas ou achou eras muito nova, mas foste obrigada a crescer mais depressa e sei, já tens as regras, e podes portanto engravidar, o que é coisa pior para uma criança de treze anos, sem falar do perigo da sida, já ouviste falar, os rapazes podem ter doenças sem saber e passarem-te, por isso tens de usar isto, não tu, mas ele — e lhe mostrava uma caixa com preservativos, leva consigo e obriga o teu namorado a usar<sup>266</sup>.

A senhora revelara-se também bastante prestativa no caso da devolução de Luemba à sua família. A menina tinha sido encontrada, por Himba na praia, com um semblante de consternação, que lhe despertou compaixão. De apenas oito anos, Luemba tinha sido levada para Luanda por uma parente afastada, irmã do marido da tia com quem vivia em Benguela. Com pedidos insistentes e promessas de a cuidar como uma filha, a tia condescendeu. Porém, ao sentir-se explorada e maltratada, a menina fugiu para as ruas, tendo a Ilha como destino. Comovida com a história da menina, Himba resolveu escrever uma carta para a família de Luemba, tendo contado para o efeito com o apoio dos amigos e de Dona Isabel Kimba, que doou o papel e envelope, e disponibilizado o seu endereço para o recebimento a resposta, que acaba acontecendo:

Depois de ler duas vezes, Himba informou Luemba:

— É a carta da tua tia, é a carta da tua tia. Diz que vem um senhor buscar-te para te levar para Benguela, devemos ir a casa da senhora boa das trancinhas, porque ela é que ia combinar com o senhor que trouxe essa carta como fazer

---

<sup>265</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 63.

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 203.

para te encontrar. Podes ler, tu sabes ler. Vais para Benguela, Luemba a tua família te encontrou.<sup>267</sup>

Este espaço, pelo seu dinamismo, permite fazer alusão a outras questões respeitante à criança, comuns ao período de guerra tal como a exploração de meninas desfavorecidas em trabalhos domésticos, realidade frequente com as deslocadas, muitas das quais parentes dos seus exploradores. Estes factos novos aos olhos de uma menina, que na aldeia tinha conhecido uma sociedade na sua expressão quase pura, permitem-lhe conhecer e lidar com a ferocidade da vida citadina, conotada com a inversão dos valores éticos. Com efeito, o surgimento de Luemba na vida de Himba e Kassule, com uma história baseada na exploração de menor, logo após a partida de Madia, sugere a possibilidade de esta ter passado pela mesma situação. Madia abandonou a Ilha após proposta de uma senhora desconhecida que chegara de carro ao local à procura de uma menina para lhe prestar auxílio nos serviços domésticos, com promessas de oferecer um dormitório, boa refeição e formação, em caso de demonstração de bom comportamento. Inicialmente, para Himba, por parecer aos olhos da senhora mais sossegada, esta recusa, após perceber que o amigo não podia ser incluído. As boas intenções no discurso da senhora que levou Madia corresponde à realidade contada por Luemba relativamente à Dona Fifi, o que favorece uma analogia entre dois casos. Também as lamentações de Dona Isabel Kimba, num discurso condenatório desta prática e das senhoras deixam patente a recorrência destes casos com meninas de rua, sugerindo, assim que, com a recusa, Himba teria escapado deste mal também gerado pela guerra:

— Então, menina, vens comigo? Vou te tratar bem, não sou como algumas aí que exploram as crianças. Até podes estudar mais, se quiseres. Se fores boa miúda posso ajudar.

Dona Fifi era insistente, vou tratar dela com todos os cuidados e ela pode me ajudar em muitas coisas, não tenho filhos infelizmente, fica como uma filha para mim, sou eu que peço e é um favor que faz, não sou eu que faço. (...) Falou com dona Fifi e a escola? Que tinha passado o tempo das inscrições, só no próximo ano. E começaram os gritos e maus tratos...

— Essas vadias da cidade fazem sempre isso. Se dão ares de grandes senhoras, viajadas, casadas com homens poderosos, mas são o lixo do mundo. Não querem pagar a empregadas para lhes tratarem das casas, então aproveitam a desgraça dos outros.<sup>268</sup>

Esta distinção do protagonismo das duas crianças tendo em conta a diferença do espaço sobre as quais elas atuam, refletindo-se na caracterização físicas e comportamentais de ambas, fundamenta-se na abordagem de Cristina da Costa Vieira, segundo a qual a instância do espaço contribui na construção da personagem<sup>269</sup>. A ensaísta considera:

A programação espacial incute dinamismo à personagem ao desloca-la. Determinados trajectos arrastam certas categorizações, ainda que sem carácter de exclusividade, no que concerne à personagem romanesca ou mesmo à

---

<sup>267</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 110, 115 e 119, respetivamente.

<sup>269</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 286.

personagem narrativa. Apesar disso, a opção, em contexto romanesco, por certas programações especiais tipificadas implica caracterizações específicas da personagem romanesca que legitimam a sua categorização.<sup>270</sup>

Considera também na sua tese os espaços social e psicológico como processos peculiares de construção da personagem romanesca: “A distinção social e psicológica, feita ou não à imagem e semelhança da sociedade e da mente humana, é um princípio gerador de personagens”.<sup>271</sup>

Apesar da carência e das limitações de Himba, o espaço social permite-lhe estabelecer relações com o mundo e lidar com situações que refletem um dinamismo na sua vida, e a compreender, através das diversas circunstâncias, a complexidade do universo circundante. A vida da cidade é em si uma escola cruel, com forte repercussão no comportamento. A menina experimenta afetos de indivíduos que a seguir vê partirem, conhece a maldade camuflada num discurso bem-intencionado e outras situações, deste mundo labiríntico, até então desconhecidas por ela, com as quais Muidinga certamente não lidaria na realidade inerte em que se encontrava e com as pessoas solitárias que esporadicamente acabavam encontrando, ou seja, as limitações de Muidinga iam além da carência económica refletida no lugar habitado na fome constante e no estado de vestuário, sendo também, considerando o fator espaço físico e social, de cosmovisão.

A diferença entre os espaços físicos e o universo de relações vividos pelos os dois protagonistas tem também reflexos a nível do aprofundamento axiológico. Assim, tendo em conta os fatores relacionados com as circunstâncias que a circundam, a movimentação por espaços diferente e a sua inserção num ambiente tanto mais alargado, quanto socialmente mais complexo, tornam Himba ideologicamente mais complexa que Muidinga, cuja vida se resumia em duas lutas, uma pela sobrevivência, outra pela busca da sua verdadeira identidade, através da recuperação do seu passado apagado da memória e da procura dos seus pais.

Em *Terra Sonâmbula*, as maiores referências remissivas para os efeitos da guerra sobre a estrutura axiológica não estão no protagonista, são transferidas para Kindzu, personagem cuja ação situada noutro plano, o dos cadernos, reflete um tempo cronológico mais extenso e movimentação por espaços físicos e sociais diferenciados. A ação de Kindzu resume-se especialmente numa viagem, a princípio motivada pelo desejo de se tornar num guerreiro naparama, para vingar as desgraças trazidas a si ao seu povo pelos bandos armados que espalhavam o terror:

Assim, por conselho de sombrias dicções, me arrojé a preparar minha canoa para com ela subir praias, na espera de me livrar da desgraça. Minha vontade mais funda, porém, continuava em ser um naparama, vingador das tristezas da minha gente. As lembranças de Junhito, do pastor, de Surendra se juntavam numa única jura: meus braços haveriam de se cobrir de panos vermelhos, meu corpo desafiaria as balas.<sup>272</sup>

---

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 289.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 295.

<sup>272</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 47.

O seu objetivo inicial foi desviado por Farida, mulher por quem ele se apaixonara. Esta pretendia ter de volta o filho, fruto da violação de seu pai adotivo, o qual havia sido entregue por ela a uma missão católica para ser cuidado, pois se sentia imatura e incapaz de cuidar de uma criança. O recuo de Farida na decisão correspondeu ao um período em que o menino havia fugido da missão, onde durante muito tempo vivera triste. Kindzu altera o objetivo da sua aventura, focando-se na procura de Gaspar, curiosamente o menino que Tuahir encontrara quase morto, conforme a revelação onírica do último caderno de Kindzu, que o menino lia para Tuahir, que sucumbia no barco em que viajara o autor dos cadernos, identificado pelo nome do seu pai, Taímo:

Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos. Uma voz interior me pede para que não pare. É a voz de meu pai que me dá força. Venço o torpor e prossigo ao longo da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra.<sup>273</sup>

Em relação à personagem de Muidinga, a sua atuação é essencialmente narratológica e a condição de protagonista está ligada à sua distribuição e qualificação diferencial em relação ao seu parceiro e uma caracterização que remete para os danos da guerra, fora do âmbito axiológico. Porém, podem-se observar nele alguns traços axiológicos. Dois aspetos relacionados com a sua figura oferecem elementos que permitem fazer uma apreciação em torno da positividade escalar em termos ético-políticos, fazendo dele uma figura confiante. A primeira prende-se com a insistência na luta pela recuperação da sua história e da sua identidade, através da decisão em procurar os pais, enfrentando tanto as adversidades de uma guerra que teimava em devastar tudo à sua volta, como a descrença do seu protetor, muitas vezes expressa em tom áspero, e através do constante exercício mnemónico para obter imagens deste passado:

— Você ainda continua com essa mania de encontrar seus pais? Está proibido! Ouviste? Nem quero lhe ver pensando nesse assunto. Nunca mais. Vê-se que se controla para não pontapear o moço, se nota um brilho de violência como se houvessem dentes no seu olhar.  
Parte os ramos de um arbusto, empurra o banco onde o miúdo permanece sentado.  
— Olha lhe vou dizer uma coisa: seus pais faleceram. Sim, eles foram mortos com balas de bandidos. É por causa disso eu sempre estou insistir: abandona essa merda de ideia.<sup>274</sup>

Pode observar-se no discurso de Tuahir um desconforto em relação à persistência do menino, quanto à possibilidade de encontrar os pais. Tuahir, que noutro momento já se havia oposto à ideia de Muidinga continuar a sua procura, usa desta vez uma atitude ameaçadora

---

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 330-331.

<sup>274</sup> *Ibidem*, p. 80.



para levar o menino a aceitar-se como órfão. A procura como uma mania é remissiva para a persistência do menino em algo em que acreditava.

Também as mudanças que o rapaz observa sobre a natureza, e que o companheiro não via, considerando-as paranoias do rapaz expressam a crença num futuro mais risonho. A descrição narratorial revela-se corroborativa, indicando a veracidade das visões do rapaz, que se mantinha crente. Mesmo que nalgumas vezes se mostrasse hesitante, tal não chegava ao pessimismo:

Muidinga repara que a paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca mas já existem nos ralos capins sobras de cacimbo. (...) Era como se a terra esperasse por aldeias, habitações para abrigar futuros e felicidades.

De facto, a única coisa que acontece é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro.

Em redor, já nada faz recordar a savana empobrecida. Agora a floresta floresce. Os caminhos com a guerra se desabitaram de servir. E os capins ganharam confiança, cobrindo tudo. De repente, as árvores se suspendem em clareira.<sup>275</sup>

Os excertos transcritos, em que se pode ver a persistência de Muidinga relativamente àquilo em que acredita, seja na possibilidade de reencontrar os pais seja nas mudanças que se iam registando, situam-no a nível da modelização predicativa epistémico-emocional em torno da modalidade de uma crença positiva. Muidinga mostra-se um indivíduo que acredita no facto de não estar tudo perdido. As suas insistências em continuarem a marchar em oposição a um velho, cujo pessimismo o tinha levado a uma condescendência à vida confinada no autocarro e arredores ilustra a carga axiológica do menino ao longo da narrativa. Isto confirma a asserção de Maria Teresa Nobre Correia sobre Mia Couto, segundo a qual “a sua obra espelha as crenças e as várias culturas do povo moçambicano, capaz de aceitar com um sorriso as adversidades que o fustigam”.<sup>276</sup>

Himba reflete as transformações que o contexto hostil em que estava inserida podia produzir a nível de valores na vida de uma criança, o que a torna alvo de maior avaliação normativa ético-política.

Em termos temáticos há, desde o *incipit*, uma avaliação ético-política sempre feita em torno do elogio, espelhando a boa educação dada pelos pais no município. Há uma ênfase em valores como o respeito, a filantropia, a justiça, a gratidão, que procura, contra as adversidades encontradas nas ruas, preservar, mesmo que nalgumas vezes beliscadas pelas circunstâncias. O narrador expressa em diversos momentos elementos que revelam o carácter deferente da menina, que acaba sendo uma insistência na avaliação ético-política da menina:

Ao virar a cabeça reparou no sorriso zombeteiro do cabo Trindade. Ele piscou o olho, apontando com a cabeça para Dona Clara. Estava a gozar, claro. Himba

---

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. 79, 103 e 164.

<sup>276</sup> Maria Correia Teresa Nobre Correia, *A personagem feminina nos contos de Mia Couto*, Covilhã, Serviços Gráficos da UBI, 2013, p. 42.

mudou o olhar para a estrada, não queria conversa de falta de respeito pelos mais velhos, coisa que o motorista parecia se preparar para iniciar.<sup>277</sup>

Embora o narrador neste excerto não revele propriamente a atitude de Himba como um caráter, mas como reação, que podia ser fruto da consternação por que estava a passar, devido aos acontecimentos recentes, refere-se noutro momento da mesma viagem à postura da menina como consequência da sua educação:

Dona Clara não percebeu ou fingiu. Ficou calada. Mas estendia a mão para a maçã, como a dizer, se não queres comer eu posso aceitar. Himba ficou muito admirada e deixou que a velha tirasse a fruta da mão. Ela tinha oferecido ao motorista que estava a cumprir a tarefa toda, era apenas uma delicadeza. Mas que fazer? Não estava educada para chocar contra a vontade de um mais-velho.<sup>278</sup>

Além da avaliação narratorial, outra instância da qual provém um discurso que reflete uma avaliação normativa ético-política enquadrada na apreciação, é Dona Isabel, que ao solicitar ao padre Adão lugar no seu lar para os dois meninos apresenta referências positivas deles, uma descrição que contrasta com a do padre, que reclamava do comportamento de alguns meninos do lar, classificados por ele como futuros delinquentes, devido às lutas constantes entre eles e pelo uso de substâncias entorpecentes:

Perguntei se não arranjava lugar para dois, uma menina e um rapaz, calmos, bem-educados, com estudos... Ele disse que ainda arranja sítio para dormirem, lhe prometeram dar mais umas camas.<sup>279</sup>

A segurança que Dona Ester demonstra ao padre quanto ao comportamento dos dois meninos, constituindo ao mesmo tempo uma defesa, reflete por parte destas personagens uma modalização veridictória em torno da verdade no relacionamento que sempre mantiveram com a senhora:

— Não precisam de fugir, seria feio. Eu dei a minha palavra que vocês são bem-educados, ia parecer uma mentirosa ou uma maluca. Se não derem bem lá, claro, podem explicar ao padre Adão o que não vos agrada, e vir embora.<sup>280</sup>

As várias circunstâncias em que a menina se mostra grata às gentilezas que lhe são prestadas é também, a nosso ver, reflexos da boa educação, referida pelo narrador na situação inicial da narrativa. O agradecimento ao sargento Dúvidas, a posterior solicitação do nome deste ao cabo Trindade afim de rezar por ele, o agradecimento a Kissanje, guarda de um dos restaurantes e várias vezes à Dona Isabel representam em termos ético-políticos um aspeto positivo que a menina mantém durante a vida na Ilha.

Também a comoção e o consequente empenho no tratamento do regresso de Luemba para a sua família refletem outra característica ético-política de Himba que a enquadra em torno

---

<sup>277</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 18.

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>280</sup> *Ibidem*, p. 26.

de uma avaliação positiva. Embora em situação desfavorecida, seja a nível económico, seja de resistência contra os meninos da Ilha, Himba assume-se como protetora de Luemba, ao mesmo tempo que acredita na possibilidade de um final feliz para a sua protegida, junto dos seus parentes:

- Sabes o endereço dos teus pais? Ou da tua tia de Benguela? Podemos escrever uma carta...
- Luemba muxoxou. Afinal era pequena mas não ingénua.
- Xê, a carta nunca que chega no Luepi, é zona de guerra... São outros que mandam que lá.
- Eu sei, lá não deve dar... mas Benguela... a carta vai de avião...
- A esperança entrou afinal no coração da menina. Sabia o endereço da tia, claro, uma carta podia chegar. Mas como arranjar papel e envelope e selo...
- O Noé ou o Kassule podem ajudar - disse Himba. - Eles são despachados.<sup>281</sup>

A par das qualidades aludidas que são reflexos da educação familiar, Himba manifesta comportamentos reveladores da desvirtuação desta educação, ocasionadas pelas circunstâncias adversas. As questões como a pobreza extrema, ausência familiar e a presença num meio em que a sobrevivência passava por assumir atitudes incivis, levando os meninos muitas vezes a atos criminosos, não deixariam de moldar negativamente a estrutura ideológica de Himba. Assim, ao mesmo tempo que a menina traduz uma conduta positiva em diversas situações, demonstra também, em alguns casos, tendências socialmente incorretas. A educação religiosa, um dos elementos determinantes de vários princípios que norteavam a sua vida é contundida. Himba passa a manifestar opiniões subversivas aos princípios que aprendera na catequese e questionando Deus:

Ela tinha medo permanente dos rapazes mais velhos, capazes de a violarem de novo, e isso era pecado? Deus é Deus, não tem medo, sabe ninguém lhe pode tocar, fica logo queimado, ele próprio criou o medo do fogo eterno. Assim é fácil, até eu não me importava com a guerra. Reparou, pois tinha andado na catequese, que estava a cometer uma falha grande duvidando da bondade de Deus. Se é o criador de todas as coisas, também o é do mal. Quem cria o mal não pode ser bom. Himba percebeu, tinha perdido a fé. Já há muito tempo que não rezava, nem se lembrava disso. E as ideias heréticas não a assustavam, antes lhe davam prazer.<sup>282</sup>

Estas dúvidas sobre Deus manifestam-se num momento que Himba meditava sobre os seus medos, a necessidade de proteção familiar, devido à sua vulnerabilidade enquanto menina indefesa no meio de meninos predispostos a práticas abusivas. Os medos da menina levam-na a reviver o medo familiar da guerra que resultou na tragédia e na consequente condição em que vivia, a cogitar sobre a quem imputar a sua desgraça. A perda da fé e o prazer por ideias heréticas numa adolescente significam a perda também de alguns valores éticos, na medida em que a igreja tem um poder muito forte na formação do homem no universo referencial a que o romance remete. Himba passava de uma menina cuja condenação ao comportamento

---

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>282</sup> *Ibidem*, p. 160.

inescrupuloso de Madia espelhava esses princípios, a uma menina em conflito entre a resignação e a luta contra o modelo de vida das ruas.

Outra ilustração das mudanças que as circunstâncias operavam na estrutura ideológica de Himba, remetendo para uma avaliação ético-política negativa, é a tentativa de roubo de um par de chinelo de uma menina que se divertia na praia com a mãe:

Entretanto, Himba escapou de cometer um crime.

Estava numa praia, ela e Kassule. Havia uma rapariga jovem na água com a mãe. Deveria ser um pouco mais velha que Himba. Esta viu na areia as toalhas e um saco. Roupas, documentos e dinheiro, certamente preciosidades. Mas não foi isso que a atraiu. Foram os chinelos da menina, junto dos maiores, da mãe. Era muito fácil. Tinha pensado e repensado a técnica. Passavam ao lado das coisas, nem olhava nem se baixava. Punha simplesmente os pés dentro dos chinelos. E continuava a andar, já calçada. Quem estivesse na água nem podia reparar.

Kassule adivinhou o pensamento, porque viu o olhar famélico de Himba. Ela se encaminhava para as roupas, quando ele disse baixo, de modo que a arrebenção e a distância cobrissem a voz:

— Como vou fugir. Se elas virem? Quantos miúdos pernetas há na Ilha?<sup>283</sup>

Pode observar-se em relação aos objetos que se encontravam no local dos chinelos e o desejo da menina uma situação intrigante com reflexos na sua avaliação normativa ético-política, enquadrada na disfórica escalar, na medida em que se abstinha dos objetos mais valiosos, querendo apenas aquele que mais falta lhe fazia. Além disso, não era uma realidade recorrente para a menina. A menção, por parte do narrador, aos diversos objetos descurados por ela, onde incluía dinheiro que certamente serviria para o suprimento de outras necessidades, atenua o intento. Também a posição tomada por Kassule, limitando-se apenas a levar a companheira a pensar nas consequências que adviriam em caso de insucesso, uma vez que ele teria dificuldades em fugir, de facto um julgamento indireto, reflete uma avaliação disfórica escalar, não só pelo ato, mas também por um certo individualismo, uma vez que ao pensar em tomar a atitude esquecera-se de que um dos prejudicados seria sem dúvida o seu parceiro, devido à sua condição física. Na verdade, Himba tinha perdido o seu único par de sandálias na floresta aquando da violação e não suportava andar descalça na areia quente da Ilha. A alusão à ocorrência da praia por parte do narrador, num discurso em que sugere uma ilibação da imagem de Himba após essa ter recebido de Dona Isabel Kimba um par de chinelos, revela, afinal, uma depreciação ténue do intento:

Antes de partirem, as meninas [Himba e Luemba] foram presenteadas com roupa usada, talvez das filhas de tia Isabel. E Himba recebeu o seu par de chinelos de praia, aquilo que mais ansiava. Afinal não precisava de roubar, nem mesmo de pedir. Kassule recebeu um boné pequeno, ficou todo satisfeito.<sup>284</sup>

Os efeitos das circunstâncias de que Himba foi vítima sobre a sua estrutura ideológica, na qual a guerra surge como o principal fator, são observados em atitudes posteriores à sua saída das ruas, embora continuasse a manter um perfil aceitável. A astúcia usada para garantir

---

<sup>283</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 136. Acrescento e sublinhado nosso.

a sua proteção e dos seus amigos, Kassule e Luemba, contra os bandos de rua, sobretudo o de Jonas, testando o poder de Tobias sobre os outros, para que o aceitasse como namorado<sup>285</sup> é uma atitude que se assemelha à chantagem feita anos depois a um dos seus professores do ensino médio, cuja disciplina parecia difícil para ela, que ia já com algumas distinções pelo seu excelente desempenho. Após ter ouvido sobre o comportamento indecoroso do professor para com as alunas e algumas funcionárias, Himba procurou seduzir o professor, a fim de obter as questões da prova. Ao se aperceber que se tratava de uma armadilha, o professor viu-se obrigado a ceder ao intento da menina, que saiu vitoriosa perante um homem temeroso em manchar a sua reputação e responder pelo crime de pedofilia, na medida em que Himba tinha na véspera apenas dezassete anos de idade:

Ficou calmo. Voltou a pôr o papel na gaveta, mas sem a fechar.

– Tens alguma coisa para me dar?

– Sou pobre, vivo num lar fora da cidade. Não tenho nada para lhe dar...

Não devia ser ela a tomar a iniciativa, isso sabia. Se corresse mal, ela só tinha pedido, mais nada, é crime pedir umas perguntas de um exame? É, claro que é, mas menos grave do que propor o negócio em que os dois estavam a pensar. Estariam a pensar no mesmo negócio?

Subitamente o director se decidiu e levantou da cadeira. Se postou ao lado dela, lhe tocou na face, depois no pescoço, demorou aí a mão, hesitando. Era o passo decisivo, a moça sabia, tremendo por dentro, mas aparentando firmeza de granito preto. Muito lentamente explorando, a mão deslizou para os seios. Himba saltou da cadeira, representando muito bem a honra ofendida.

– Que estás a fazer, professor? Haka! Não respeita as alunas?

(...)

- Por quem me tomas? Alguma prostituta? Se voltar a me tocar, eu grito. E bem alto? Não imagina como consigo gritar alto.

(...)

Que queres afinal? - Suspirou.

– Já lhe disse. Uma fotocópia dessa prova. E não pode mudar as perguntas à última da hora.

– Se não der a fotocópia?

– Grito. E tenho as confissões da Ivone, da Luísa, da Olga, e de mais algumas, que o professor lhes fez coisas e promessas.

– É chantagem, é crime.

– Crime já cometeu, apalhou as mamas de uma menor de idade. Pedófilo!<sup>286</sup>

A posição assumida pelo narrador enquanto instância avaliativa espelha mais uma vez a depreciação escalar, na medida em que antecede e suaviza a atitude contestável de Himba perante o professor e diretor pedagógico, reenviado o ato para as circunstâncias que marcaram contundentemente a sua infância:

Himba sentou-se na cadeira à frente, muito direita. Que é que estou a fazer aqui?, ainda se perguntou num último arrependimento. Mas precisava ter boa nota naquela disciplina e a vida era uma guerra, aprendera desde sempre.<sup>287</sup>

A alusão à guerra como objeto de comparação à vida não tem um sentido metafórico, mas é o espelho da sua vivência sofrida, das perdas, e da perspetiva relativamente aos meios a utilizar para se alcançar um determinado fim, isto é, os mais impiedosos, se necessário, visto

---

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 183-184.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 334-335.

<sup>287</sup> *Ibidem*, p. 333-334.

que foi assim que perdeu os pais, viu como obter restos de comida nos contentores, viu Tobias, seu protetor, a sucumbir, ou quando os miúdos quisessem satisfazer os seus desejos sexuais. As situações citadas tocaram diretamente a sua vida, impactando consideravelmente a sua estrutura ideológica. O facto de guardar tais situações como segredo e escusar de as contar a Kassule, seu confidente, que sempre manteve uma postura de herói modelar, reflete o quão torturante podiam ser estas experiências na consciência de Himba. O que pode ter reflexo no posterior abandono à sua identidade, quando depois de uma viagem para o município apercebeu-se que os seus pais tinham de facto morrido no ataque. Himba para carimbar a relação de irmandade com Kassule e apagar todo o seu passado, adota o nome de Sofia, em alusão à irmã raptada do amigo e sugere a este que faça o mesmo, adotando, assim, o nome de Diego, em homenagem ao seu ídolo do futebol Diego Maradona, como eternização do seu sonho de ser um futebolista, frustrado com o incidente que lhe deixara sem uma perna.

Assim, a dominante normativa ético-política, enquanto elemento sobre a qual assenta a avaliação moral das personagens, refletindo-se na história que elas sustentam, como observa Cristina da Costa Vieira<sup>288</sup>, e considerando as atitudes negativas cometidas por Himba, inicialmente bem-educada, a seguir propendendo para uma negatização escalar, caracterizando-a axialmente como eticamente alheada (nem bondosa nem pérfida)<sup>289</sup>, situa esta personagem no eixo da vitimização, na medida em que a sua conduta apresenta fortes influências das circunstâncias hostis por que passou, a hedionda guerra. Relativamente a Muidinga, consideramos a sua vitimização essencialmente de carácter narratológico. É a sua ação baseada na busca de tranquilidade espiritual num ambiente vazio, porém ameaçado, a sua vida caracterizada por uma pobreza extrema, doença amnésica, e medo constante e as tentativas frustradas de encontrar a família, que o posicionam na condição de protagonista vítima, sem por isso manifestar as consequências profundas desta realidade suscitada pela guerra na sua estrutura ético-política.

O desfecho das ações protagonizadas pelas duas crianças que reflete também o distanciamento entre a ação e o discurso narrativo afigura-se também como um elemento elementos distintos, na medida em que permite conhecer sobre o destino das personagens cotejadas. O desfecho de *Terra Sonâmbula* ocorre num período que não corresponde ao fim da guerra que a narrativa alude, ou seja, a narrativa termina enquanto decorria ainda a guerra, marcada pela morte de Tuahir, que, não resistindo a uma doença, pede que Muidinga leia o último caderno enquanto ele fosse sucumbindo num barco em sinal de recusa à terra contaminada de males. A leitura do último caderno não só serve para Tuahir embalar naquele sono eterno, como acaba representando o reencontro de Muidinga com o seu passado, na medida que todo o sonho proléptico de Kindzu aí redigido é encaminhado para a sua figura. Também é o cruzamento entre a história de Kindzu e Muidinga:

---

<sup>288</sup> Cristina da Costa Vieira, *A construção da personagem romanesca: processos definidores*, p. 396.

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 403.

Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra.<sup>290</sup>

Pode observar-se que não há distanciamento entre a história e o discurso narrativo. A história de Muidinga em relação à guerra de que é vítima é aberta, desconhecendo-se, portanto, o seu destino tanto relativamente ao espaço em que se encontrava, quanto ao encontro com Farida, sua mãe. Muidinga representa, nesse sentido, a nação moçambicana cujo conflito refletia a busca de sua identidade.

Em *Se o Passado não Tivesse Asas*, o protagonismo de Himba estende-se para o período pós-guerra. Himba e Kassule são retirados das ruas, recebem formação num orfanato. Durante este período ela termina o ensino de base e faz o curso médio de contabilidade, por distinguir-se no lar como a melhor aluna. Porém, as marcas do passado turbulento tais como a perda da família, as dificuldades passadas na Ilhas, as violências físicas e psicológicas mantêm-se vivas. As dúvidas relativas ao destino da família na emboscada que sofreram levam-na a regressar ao Município em que vivera, surpreendendo-se com as transformações encontradas, na medida em que as pessoas que ali estavam a viver eram completamente estranhas. A notícia dada pelo administrador dissipa as dúvidas da menina:

Foi assim que Himba soube que estava de facto sozinha no mundo, pois nem conhecia o resto da família espalhada por muitos sítios, sobretudo no Planalto Central devastado pela guerra.<sup>291</sup>

Puco tempo depois, ao lutar contra a falta de sono, muito frequente desde que tinha estado no sítio do seu nascimento, Himba teve uma espécie de revelação. (...) Tratava-se de mudar de identidade. Os dois. Ficariam com o mesmo apelido e registados como irmãos. Não era a razão principal de Himba. A que ocultava. De facto, queria se libertar do apelido paterno, talvez isso lhe fizesse esquecer o passado, toda a dor acumulada, partia para uma nova vida com novo nome. Sem lastro da culpa do pai, vergonha por ele, causador da tragédia da família.<sup>292</sup>

Diferente de Muidinga, que durante a guerra luta para recuperar o seu passado apagado da memória e conhecer os seus progenitores, Himba, que viveu a tragédia em que perdeu a família e outras na Ilha, luta contra estas imagens perturbadoras no período posterior à guerra, levando-a a mudar de nome para apaga-las por completo da memória. Portanto, observa-se um distanciamento entre a ação da guerra e o discurso narrativo refletindo os feitos na protagonista, tais como as angústias, as mágoas, o sentimento de revolta.

<sup>290</sup> Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, p. 330-331.

<sup>291</sup> Pepetela, *Se o Passado não Tivesse Asas*, p. 357.

<sup>292</sup> *Ibidem*, p. 357-358.

# CONCLUSÃO

O percurso em torno do protagonismo da criança em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto e *Se o Passado não Tivesse Asas*, de Pepetela, consistiu no cotejo de duas obras centradas nas guerras civis moçambicana e angolana, respetivamente, explorando elementos a nível da construção das duas personagens centrais remissivos para o repúdio às guerras civis. A abordagem fundamentou-se na noção de que as literaturas africanas, em geral, e as africanas de língua portuguesa, em particular, possuem um carácter comprometido, ou seja, um pendor sociopolítico e cultural cuja catarse reenvia para uma consciência nacional, que se traduz na reflexão em torno dos rumos a seguir. Mia Couto e Pepetela são, neste sentido, duas figuras incontornáveis da ficção africana lusófona, cujas produções se inscrevem, neste âmbito, da (re)construção da nação através de uma representação que transcende o carácter ficcional, na medida em que possuem uma tendência realista, mesmo que em Mia Couto esta se cruze com o maravilhoso.

O estudo das duas personagens baseou-se numa metodologia comparativista, partindo da contextualização histórica e literária dos dois países aludidos nos romances, em que a presença de vários aspetos comuns reflete um percurso mais ou menos paralelo nestes âmbitos. Observámos a nível deste paralelismo elementos como a contribuição da literatura no combate ao colonialismo, despertando as consciências oprimidas, a produção de uma literatura nacionalista após a conquista das independências e, posteriormente, uma produção literária pós-nacionalista diversificada que incide sobre a realidade pós-colonial, repesando e interrogando o ideal de nação do projeto nacionalista, a questão da identidade e os vários problemas, curiosamente similares. As guerras civis vividas e as suas repercussões, ressentidas ainda hoje, espelham no âmbito histórico e sociopolítico uma grande marca aproximativa da pós-colonialidade destes países. Os dois romances resumem-se nos conflitos e nos seus prejuízos, tocando na vida humana, especialmente num grupo bastante delicado, a criança.

O nosso interesse pela instância da personagem desta faixa etária, especificamente os protagonistas, prendeu-se justamente com o facto de serem ambos menores de idade inseridos em circunstâncias adversas a um crescimento feliz, tendo pesado, por um lado, o facto de estas representarem a continuidade da sociedade, por outro lado, facto de a sua exposição em ambiente de guerra pressupor um acometimento da harmonia social, devido aos problemas diversos, físicos e emocionais, causado por esta monstruosidade.

A interpretação do protagonismo da criança obedeceu à perspetiva socio-crítica pela sua ligação com o comparativismo que orientou esta dissertação, e socorreu-se, além disso, dos recursos teóricos sobre a construção de personagem romanesca, isto é, os processos narratológicos, axiológicos e semiótico-contextual, sustentando o pressuposto deste protagonismo encaminhar-se para um repúdio à guerra civil.



A construção dos protagonistas a partir de uma realidade desventurosa constitui evidentemente um repúdio à guerra civil. A guerra figura como principal fator da situação lamentável vivida pelos dois protagonistas, marcada por uma mudança abrupta da condição normal, para outra caracterizada pela perda da casa, da família e da terra, e da consequente deslocação para ambientes desfavoráveis, elementos semelhantes entre Muidinga, de Mia Couto e Himba, de Pepetela. Essa situação determina outros problemas, também comum a ambos, como a carência de teto, de vestuário e de alimentos, além de viverem dominados pelo sentimento de insegurança. A sobrevivência dos protagonistas às circunstâncias hostis e não dominadas por elas é, nos dois romances, favorecida principalmente pelos companheiros que denotam maior experiência, Tuahir para Muidinga e Kassule Para Himba.

Apesar da hostilidade que definem os espaços em que os protagonistas vivem os momentos angustiantes, o mundo rural de *Terra Sonâmbula* contrasta com a cidade de *Se o Passado não Tivesse Asas*. Muidinga, apesar de deslocado, move-se no espaço dominado pela guerra, sendo obrigado esconder-se dos bandos armados, na medida em que precisava de um lugar seguro. Himba, por sua vez, move-se da zona rural para a urbana e representa o drama das várias crianças orfãs que chegaram em Luanda em condições bastante precárias, tendo encontrado refúgio nas ruas, onde o convívio com os outros meninos, também vítimas de guerra, compromete a sua segurança e a sua polidez. O espaço quase inerte, em que Muidinga vive com um velho resignado à vida legada do conflito, torna-o numa personagem menos redonda em relação a Himba, que, no espaço dinâmico onde vive, experimenta um processo de socialização oposto ao do município, tendo sido vítima de experiências abusivas. Por outro lado, o facto de a ação de Himba se estender para o período pós-guerra permite compreender a repercussão deste facto histórico na sua estrutura axiológica e das pessoas para as quais ela remete. As experiências traumáticas, teimosas na sua memória, levam-na à perda da sensibilidade, apresentando nalguns momentos comportamentos negativos.

Assim, a ação da guerra que vitimiza os dois protagonistas conduz-nos a uma reflexão em torno das realidades que inspiraram os dois autores, vividos de facto por muitas crianças que viram a guerra a roubar-lhes a infância, privando-as de direitos fundamentais constantes na *Declaração dos Direitos da Criança*, tais como a segurança social, crescimento e desenvolvimento com boa saúde e alimentação adequada, habitação, recreio e cuidados médicos; o crescimento no seio familiar onde possam gozar de amor, de compreensão e de segurança moral e material para o pleno e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade; a educação promotora de uma cultura favorável ao desenvolvimento das aptidões mentais, e do seu sentido de responsabilidade moral e social. Além disso, a guerra embarçou significativamente a criação ou implementação de políticas conducentes à salvaguarda destes direitos na medida em que os orfanatos nem sempre foram suficientes, deixando muitas crianças à sua sorte, nem reuniam as condições necessárias para manter uma vida adequada para aqueles que acolhiam, visto que, além da carência de bens de primeira necessidade, careciam também de uma equipa suficientemente preparada que cuidasse do processo de reabilitação, reintegração e superação dos traumas das crianças.

As obras analisadas são de uma riqueza abundante, pelo que essa dissertação não esgota o objeto em que nos focámos, isto é, os protagonistas, pelo que consideramos ainda um campo aberto para futuras abordagens.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## 1. Bibliografia ativa

COUTO, Mia, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Lisboa, Caminho, 15ª ed., 2017.

COUTO, Mia, *Pensatemplos*, Lisboa, Caminho, 2005.

PEPETELA, *Se o Passado não Tivesse Asas*, Lisboa, Dom Quixote, 2016.

## 2. Sobre Mia Couto

CORREIA, Maria Correia Teresa Nobre, *A personagem feminina nos contos de Mia Couto*, Covilhã, Serviços gráficos da UBI, 2013, p. 42.

PETROV, Petar, *Projecto Literário de Mia Couto*, Lisboa, Esfera do Caos, 2016.

Roda Viva, "Mia Couto". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU&t=5s> (Data de acesso: 11/06/2018).

## 3. Sobre Pepetela

MATA, Inocência, *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, Lisboa, Colibri, 2012.

## 4. Sobre guerra civil angolana e moçambicana

BIRMINGHAM, David, *Breve História da Angola Moderna*, trad. Rita carvalho e Guerra, Lisboa, Guerra e Paz, 2017.

BOUENE, Felizardo, «Moçambique 30 anos de independência», *Africana studia*, nº 8, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 69-84.

BRÜCK, Tilman, «Guerra e desenvolvimento em Moçambique», in *Análise Social*, Vol. XXXIII, 5.º, n.º 149, 1998, pp. 1019-1051.

CABRAL, Ilundi, "Digerir o passado: rituais de purificação e reintegração social de crianças-soldado no sul de Moçambique", *Antropologia Portuguesa*, nº 22/23, 2005/2006, pp. 133-156. Disponível em [https://www.uc.pt/en/cia/publica/AP\\_artigos/AP22.23.06\\_Cabral.pdf](https://www.uc.pt/en/cia/publica/AP_artigos/AP22.23.06_Cabral.pdf) (Data de acesso: 11/02/2018).

CARDOSO, Ribeiro, *O Fim do Império. Memória de um soldado português. O 7 de Setembro de 1974 em Lourenço Marques*, Alfragide, Caminho, 2014.

Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África, dir. de MAZRUI, Ali A. e WONDJI, Christophe, *História geral da África, VIII: África desde 1935*, Brasília, UNESCO, 2010.

ENDERS, Armelle, *História da África Lusófona*, trad. Mário Matos e Lemos, Lisboa, Inquérito, 1994.

GASPERINI, Lavinia, *Moçambique: educação e desenvolvimento rural*, trad. Cristina Castro, Roma, Edizioni Lavoro/ISCOS, 1989.

JAFAR, Silvestre Jafar, «Análise sócio-histórica sobre a guerra civil em moçambique, 1976 - 1992, uma abordagem holística», Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2014, pp. 1-27. Disponível em [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2014/wp2014\\_6.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2014/wp2014_6.pdf) (Data de acesso: 27/12/2017).

JÚNIOR, Bóia Efraime, «Trauma e migração: os traumas psíquicos das crianças soldado», in Zilda Márcia Grícoli Iloki (coord.), *Revista Diversitas*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013, pp. 111 -130.

MARIA, Adolfo, *Angola: contributos à reflexão*, Lisboa, Colibri, 2015.

NEWITT, Malin, *História de Moçambique*, trad. Lucília Rodrigues e Maria Jorgina Segurado, Mem Martins, Europa-América, 1997.

PEARCE, Justin, *A guerra civil em Angola 1975-2002*, Lisboa, Tinta-da-China, 2017.

PINTO, Alberto de Oliveira, *História de Angola da Pré-História ao Início do Século XXI*, Lisboa, Mercado de Letras, 2015.

Portal do Governo de Moçambique. <http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Imprensa/Noticias/Mocambique-declara-fim-de-minas-antipessoais> (Data de acesso: 02/01/218).

*Público*, 15 de julho de 1999. Disponível em <https://www.publico.pt/1999/07/15/jornal/o-dr-savimbi-ja-nao-tem-unita-136228>. (Data de acesso: 04/04/2018).

RODRIGUES, Joaquim Chito, *Moçambique: Anatomia de um processo de paz contributo para a verdade*, Lisboa, ACD, 2006.

Sebastião Salgado, *Migrações: o drama das populações deslocadas no final do século XX*, Lisboa, Visão, s/d.

SOUSA, João Tiago, «Eduardo Mondlane e a luta pela independência de Moçambique» in Luís Reis Torgal, Fernando Tavares Pimenta e Julião Soares Sousa (coord.), *Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp. 149-159. Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32160/1/11%20joao%20tiago%20sousa.pdf?ln=pt-pt> (Data de acesso: 16/04/2018).

#### 4. Sobre direitos da criança

AFP, “Angolanos culpam as crianças ‘feiticeiras’ pelas tragédias”. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_mCx2MV5XdU](https://www.youtube.com/watch?v=_mCx2MV5XdU) (Data de acesso: 06/062018).

*Declaração dos direitos da criança*, 1959. Disponível em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf) (Data de acesso: 26/05/2018).

FACO, Vanessa Marques Gibran e MELCHIORI, Lígia Ebner, *Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana*, São Paulo, UNESP, 2009, p. 1. Disponível em <http://books.scielo.org/id/krj5p/pdf/valle-9788598605999-07.pdf> (data de acesso: 26/05/2018).

FÁVERO, Marisvalva Fernandes, *Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores*, Lisboa, Climepsi, 2003.

FONSECA, Paulo, «Adolescência», in Guimarães Oliveira e Jorge Saraiva (org.), *Lições de pediatria*, Vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 246-258.

GONÇALVES, Maria José, “Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência”, *Análise Psicológica*, nº 1, Vol. XXI, 2003, pp. 23-30.

*Jornal de Angola* 05/12/2017. Disponível em [http://jornaldeangola.sapo.ao/provincias/malaria\\_e\\_anemia\\_continuam\\_a\\_matar](http://jornaldeangola.sapo.ao/provincias/malaria_e_anemia_continuam_a_matar) (Data de acesso: 12/12/2017).

MACHADO, Sofia Daniela Dias, *Saberes Culturais e Práticas de Animação Sociocultural - Um estudo com crianças*, Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho, Minho, Universidade do Minho, 2013. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24533/1/Sofia%20Daniela%20Dias%20Machado.pdf> (Data de acesso: 14/05/2018).

*Nações Unidas no Brasil*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-com-adesao-do-sudao-do-sul- apenas-eua-nao-ratificaram-convencao-sobre-os-direitos-das-criancas/> (Data de acesso: 04/12/2017).

*Relatório de seguimento das metas da cimeira mundial pela infância*, 2000. Disponível em [https://www.unicef.org/specialsession/how\\_country/edr\\_angola\\_pt.PDF](https://www.unicef.org/specialsession/how_country/edr_angola_pt.PDF). (Data de acesso: 20/12/2017).

TOMÁS, Catarina, *Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*, Porto, Afrontamento, 2011.

## 5. Sobre narratologia

BRAIT, Beth, *A personagem*, São Paulo, Ática, 5ª ed., 1993.

FORSTER, E. M., *Aspectos do Romance*, São Paulo, Globo, 4ª ed., 2005.

HAMON, Philippe, «Para um estatuto semiológico da personagem» in, Françoise Van Rossum-guyon, Philippe Hamon e Danièle Sallenave, *Categorias da narrativa*, trad. Cabral Martins, Lisboa, Veja Universidade, s/d, pp. 77-102.

LUKÁCS, Georg, *A teoria do romance*, trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo, Duas Cidades, 1965.

MOISÉS, Massaud, *Dicionário de termos literários*, São Paulo, Cultrix, 12ª ed., 2013.

NETO, Aristóteles de Almeida Lacerda, *Dom Quixote e Fogo Morto, um estudo comparado*, Dissertação de mestrado apresentado na Universidade de Paraíba, Paraíba, Universidade Federal de Paraíba, 2016.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de narratologia*, Coimbra, Almedina, 3ª ed., 1991.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, 8ª ed., Almedina, 2011.

VIEIRA, Cristina da Costa, *A construção da personagem romanesca, processos definidores*, Lisboa, Colibri, 2008.

VIEIRA, Cristina M. da Costa, *O universo feminino n'A esmeralda partida de Fernando Campos*, Algés, Difel, 2002.

VIEIRA, Cristina da Costa, "A dama e o tabuleiro de xadrez político n'A Esmeralda Partida, de Fernando Campos", in Maria José Lopes, Ana Paula Pinto, António Melo *et alii* (org.), *Narrativas do Poder Feminino*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia/Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 517.

VIEIRA, Cristina da Costa, «Horácio em *A Lã e a Neve* (1947): um herói neorrealista?» in José Maria Silva Rosa, Ricardo António Alves, *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro: releitura travessia, metamorfose*, Covilhã, UBI, 2017, pp. 121-145.

VIEIRA, Cristina da Costa, «Para uma nova tipologia da descrição da personagem narrativa», in Carlos Reis e Marisa das Neves Henriques (coord.), *Revista de Estudos Literários*, nº 4: *Personagem e Figuração*, Coimbra, 2014, pp. 123-171.

COSTA, Carolina Becker Koppe, "A representação da realidade e o romance: notas sobre Dom Quixote e Robinson Crusoe" in *Diálogos Pertinentes - Revista Científica de Letras*, São Paulo, v. 7, n. 1, 2011, pp. 59-70.

## 6. Sobre literatura moçambicana e angolana

BASTOS, Maria-Bendita, "Relendo a literatura moçambicana dos anos 80", in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 77 - 110.

FERREIRA, Manuel, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa – II*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

FERREIRA, Manuel, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1977.

FONSECA, Ana Margarida, *Percursos da Identidade: apresentações da nação na literatura pós-colonial de Língua Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para Ciência e Tecnologia, 2012.

*Jornal i*, 03/04/2018. Disponível em <https://ionline.sapo.pt/606664>. (Data de acesso: 11/06/2018).

JOSÉ, André Cristiano, «Revolução e identidades nacionais em Moçambique: diálogos (in)confessados», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 141 - 159.

LARANJEIRA, Pires, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda, *Oralidade e escrita nas Literaturas Africanas*, Lisboa, Colibri, 2ª ed, 2014.

LEITE, Ana Mafalda, «Reescrever os limiares da história para repensar a nação» in Ana Mafalda Leite, Hilary Owen, Rita Chave, Livia Apa, *Nação e Narrativa Pós-colonial I*, Lisboa, Colibri, 2012, pp. 107-122.

- LEITE, Ana Mafalda, «Imagens/temas da História e da memória colonial e pré-colonial», in Ana Mafalda Leite, Hilary Owen, Rita Chave, Livia Apa, *Nação e Narrativa Pós-colonial I*, Lisboa, Colibri, 2012, p. 15.
- LEITE, Ana Mafalda, «Tópicos para uma História da Literatura Moçambicana», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 47 - 75.
- MATA, Inocência, *A Literatura Africana e crítica pós-colonial - Reconversões*, Luanda, Nzila, 2007.
- NOA, Francisco, «As literaturas africanas, valorização do conhecimento e as redes identitárias», in Cristina da Costa Vieira, Alexandre Costa Luís, Domingos Ndele Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Luís (coord.), *Portugal África - mitos e realidades vivenciais e artísticas*, Covilhã, Serviços Gráficos da UBI, 2012, pp. 87-98.
- NOA, Francisco, «Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 35-45.
- SAÚTE, Nelson, «Escrever e (Sobre)vivier em Moçambique», in Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses (orgs.), *Moçambique: das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 223-228.
- VENÂNCIO, José Calos, *Literatura e poder na África Lusófona*, Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- VENÂNCIO, José Carlos, *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana*, Lisboa, Ulmeiro, 2ª ed, 1993.

## 7. Outras referências

- BUESCU, Helena, «Literatura comparada e Teoria da Literatura: relações e fronteiras», in Helena Buescu, João Duarte, Miguel Gusmão (Org.), *Floresta encantada: novos caminhos da Literatura comparada*, Lisboa, Dom Quixote, 2002, pp. 83-100.
- CLAUDON, Francis e HADDAD-WOTLING Karem, *Elementos de literatura comparada*, trad. Luís Serrão, Lisboa, Inquérito, 1992.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado Lógico-filosófico. Investigações Filosóficas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Imp. 1987.
- GFDRR, PNUD e EU, *Moçambique, a recuperação de cheias recorrentes 2000-2013, Estudo do Caso para o Quadro de Recuperação de Desastres*, agosto de 2014. Disponível em [https://www.gfdr.org/sites/default/files/publication/report-mocambique-recuperacao-cheias-recorrentes-2014\\_0.pdf](https://www.gfdr.org/sites/default/files/publication/report-mocambique-recuperacao-cheias-recorrentes-2014_0.pdf) (Data de acesso: 01/06/2108).